



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Luisa Braga Pereira

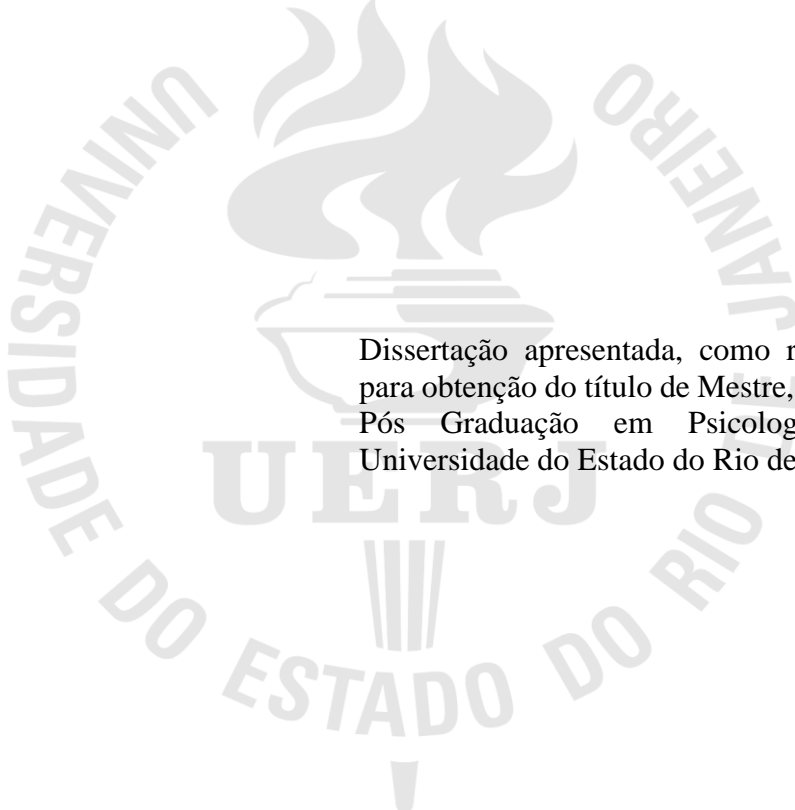
**Os efeitos do sexo como preditor das relações entre a empatia, o cuidado e a  
superproteção parental**

Rio de Janeiro

2022

Luisa Braga Pereira

**Os efeitos do sexo como preditor das relações entre a empatia, o cuidado e a  
superproteção parental**



Dissertação apresentada, como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre, ao Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia Social da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Donato Oliva

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P436

Pereira, Luisa Braga.

Os efeitos do sexo como preditor das relações entre a empatia, o cuidado e a superproteção parental / Luisa Braga Pereira. – 2022.

112 f.

Orientadora: Angela Donato Oliva

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Empatia – Teses. 3. Sexo – Teses. I. Oliva, Angela Donato. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Luisa Braga Pereira

**Os efeitos do sexo como preditor das relações entre a empatia, o cuidado e a  
superproteção parental**

Dissertação apresentada, como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre, ao Programa de  
Pós Graduação em Psicologia Social da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 04 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Donato Oliva (Orientadora)  
Instituto de Psicologia – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Vanessa Dordron de Pinho  
Instituto de Psicologia – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Amélia Penido  
Instituto de Psicologia – PUC-RJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Monique Plácido Viegas

Rio de Janeiro

2022

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Angela Josefa Donato, pelo apoio imensurável e orientação durante a realização dessa pesquisa e nos demais trabalhos feitos em parceria.

À UERJ, por ser uma segunda casa, uma fonte de conhecimento, oportunidades e segurança.

Aos meus amigos Amanda, Caio, Carolina, Isabelle, Laura e Roberson, pelo carinho e pelo laço formado há tantos anos. Aos meus caros amigos psicólogos Ana Júlia, Camila, Matheus e Vinícius, meus presentes da UERJ, que participaram emocionalmente da confecção desta dissertação.

A todos os meus alunos, que indiretamente fizeram parte desta jornada e me fazem sempre lembrar que o aprendizado é um processo conjunto.

Ao Fernando, pelo apoio, compreensão e diversão. Obrigada por ser um porto seguro dentre tantos momentos difíceis.

À minha família por ser a base de tudo.

À memória dos meus avós Maria Aparecida, Tânia e Célio, por terem deixado uma marca inesquecível em mim.

Ao meu avô Alfredo, por sempre me apoiar e amar de forma incondicional.

Aos meus primos, Larissa e João, meus pequenos amores que sempre iluminam os meus dias.

Aos meus pais, Carla e Victor, que nunca deixaram de acreditar em mim. Obrigada por todo carinho, amizade, risada e momento de diversão. Eu não teria conseguido sem vocês.

## RESUMO

PEREIRA, L. B. *Os efeitos do sexo como preditor das relações entre a empatia, o cuidado e a superproteção parental*. 2022. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A empatia é uma habilidade que envolve a compreensão das intenções e sentimentos de outrem, sendo composta pelas dimensões afetiva e cognitiva. Dentre os fatores que influenciam o desenvolvimento da empatia, destacam-se o sexo e os comportamentos de cuidado e superproteção parentais percebidos. Propõe-se a análise das relações entre as dimensões cognitiva e afetiva da empatia com a superproteção e o cuidado parental, mediadas pelo efeito do sexo do participante e dos cuidadores primários, através da réplica de um estudo inglês. A amostra foi composta por 477 adultos e foram utilizados três instrumentos: Parental Bonding Instrument (PBI), Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI) e Quociente de Empatia (QE). As análises incluíram correlações, regressões lineares múltiplas, testes-t, ANOVAs e análises fatoriais confirmatórias multigrupo. Os participantes do sexo masculino não apresentaram resultados significativos envolvendo as dimensões da empatia e os comportamentos parentais percebidos. O cuidado materno percebido pelas participantes do sexo feminino apresentou correlações e predições significativas com ambas as dimensões da empatia. As mulheres apresentaram maiores níveis de empatia afetiva do que os homens, ainda que a EMRI não tenha demonstrado ser um instrumento invariante para o sexo. Em consonância com o estudo inglês, o cuidado materno percebido pelas participantes do sexo feminino parece ter influenciado o desenvolvimento da dimensão afetiva da empatia, apesar de os resultados dos dois estudos serem divergentes em relação aos participantes do sexo masculino. Infere-se que cuidadores primários, especialmente as mães, calorosos e cuidadosos tendem a promover a empatia em seus filhos do sexo feminino.

Palavras-chave: Empatia. Sexo. Cuidado parental percebido. Superproteção parental percebida.

## ABSTRACT

PEREIRA, L. B. *Sex effects as predictor of the associations between empathy, parental care and parental overprotection*. 2022. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Empathy is an ability that allows individuals to understand other people's intentions and feelings, and it is formed by the affective and the cognitive dimensions. Among the factors that influence empathy's development, sex and perceived parental care and overprotection behaviors can be evidenced. The main objective of this research is to evaluate the relationship between empathy's cognitive and affective dimensions and parental care and overprotection mediated by the effect of the participants' and the caregivers' sex by replicating an English study. The sample was formed by 477 participants and three instruments were used: Parental Bonding Instrument (PBI), Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI) and Quociente de Empatia (QE). Correlations, multiple linear regressions, t tests, ANOVAs, and multigroup confirmatory factor analysis were conducted. Male participants did not show any significant results between empathy's dimensions and perceived parental behaviors. Perceived maternal care presented significant correlations and predictions with both empathy dimensions among female participants. Women reported higher levels of affective empathy than men, although EMRI was not a sex invariant instrument. The maternal care perceived by female participants seems to have influenced affective empathy's development in both the present study and the original research, even though both studies have had divergent results regarding male participants. This study's results infer that primary caregivers, especially mothers that have warm and care behaviors, tend to promote more empathy in their children.

Keywords: Empathy. Sex. Perceived parental care. Perceived parental overprotection.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Definições e principais características dos constructos relacionados à empatia mencionados no presente estudo .....	16
Tabela 2 -	Características sociodemográficas da amostra. ....	34
Tabela 3 -	Análises de correlação de Spearman para a amostra completa. ....	39
Tabela 4 -	Análises de correlação de Spearman para indivíduos de ambos os sexos (as correlações para sujeitos do sexo masculino estão reportadas acima da diagonal). ....	40
Tabela 5 -	Variáveis preditoras da Tomada de Perspectiva para a amostra completa. ...	40
Tabela 6 -	Variáveis preditoras da Empatia Cognitiva Combinada para a amostra completa. ....	40
Tabela 7 -	Variáveis preditoras da Consideração Empática para o sexo feminino. ....	41
Tabela 8 -	Variáveis preditoras da Tomada de Perspectiva para o sexo feminino. ....	41
Tabela 9 -	Variáveis preditoras da Empatia Cognitiva Combinada para o sexo feminino. ....	41
Tabela 10 -	Resultados do teste t de diferença nos níveis de comportamentos parentais percebidos entre participantes dos sexos masculino e feminino. ....	41
Tabela 11 -	Resultados do teste t de diferença nos níveis de empatia entre participantes dos sexos masculino e feminino. ....	42
Tabela 12 -	Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) para o Quociente de Empatia (QE). ....	43
Tabela 13 -	Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) para a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI). ....	43
Tabela 14 -	Valores de significância dos modelos de invariância das cargas fatoriais, assumindo que o modelo configural seja invariante. ....	43
Tabela 15 -	Itens da EMRI que não apresentaram invariância entre homens e mulheres. ....	44
Tabela 16 -	Estatística-F para as variáveis dependentes de acordo com a região de origem dos participantes. ....	45
Tabela 17 -	Teste post-hoc de Games-Howell com Bootstrapping (95% IC Bca) para a variável da empatia afetiva combinada. ....	45
Tabela 18 -	Estatísticas descritivas e testes de normalidade para as variáveis relativas aos comportamentos parentais percebidos e as dimensões de empatia. ....	103
Tabela 19 -	Variáveis excluídas do modelo de Tomada de Perspectiva referentes à amostra total. ....	104



Tabela 20 - Variáveis excluídas do modelo de Empatia Cognitiva Combinada referentes à amostra total.....	104
Tabela 21 - Variáveis excluídas do modelo de Consideração Empática referentes ao sexo feminino. ....	104
Tabela 22 - Variáveis excluídas do modelo de Tomada de Perspectiva referentes ao sexo feminino. ....	104
Tabela 23 - Variáveis excluídas do modelo de Empatia Cognitiva Combinada referentes ao sexo feminino.....	104

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFCMG	Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo
ANOVA	Análise de Variância
BCa	<i>Bias-corrected and Accelerated Bootstrap</i>
CC	<i>Personal Distress</i>
CE	Consideração Empática
CG	Tomada de Perspectiva
CFI	<i>Comparative Fit Index</i>
EMRI	Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal
IC	Intervalo de Confiança
IE	Inventário de Empatia
PBI	<i>Parental Bonding Instrument</i>
QE	Quociente de Empatia
RDWLS	<i>Robust Diagonally Weighted Least Squares</i>
RMSEA	<i>Root Mean Square Error of Approximation</i>
SRMR	<i>Standardized Root Mean Square Residual</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TLI	<i>Tucker-Lewis Index</i>

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1 OBJETIVOS .....	32
1.1 Objetivo geral .....	32
1.2 Objetivos específicos .....	32
2 HIPÓTESES .....	33
3 MÉTODO .....	34
3.1 Procedimentos éticos .....	34
3.2 Participantes .....	34
3.3 Instrumentos .....	35
3.4 Procedimentos de coleta .....	36
3.5 Procedimentos de análise de dados .....	36
3.5.1 <u>Análises realizadas de forma a replicar o estudo de Lyons et al. (2016)</u> .....	36
3.5.2 <u>Análises extras à réplica do estudo de Lyons et al. (2016)</u> .....	37
4 RESULTADOS .....	39
4.1 Resultados das análises da réplica do estudo de Lyons et al. (2016) .....	39
4.2 Resultados das análises extras à réplica do estudo de Lyons et al. (2016) .....	42
4.3 Comparação dos resultados entre o estudo atual e aquele conduzido por Lyons et al. (2016) .....	46
5 DISCUSSÃO .....	48
5.1 Dimensões da empatia e sexo .....	48
5.2 Empatia, cuidado e superproteção parental percebida .....	56
5.3 Comparação de resultados entre as regiões de habitação dos participantes .....	67
5.4 Empatia, sexo, cuidado e superproteção parental: comparação dos resultados do presente estudo com aqueles reportados por Lyons et al. (2016) .....	67
CONCLUSÃO .....	72
REFERÊNCIAS .....	75
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) .....	101
APÊNDICE B - Estatísticas descritivas e testes de normalidade para as variáveis relativas aos comportamentos parentais percebidos e as dimensões de empatia .....	103
APÊNDICE C - Variáveis excluídas nas análises de regressão linear múltipla por meio do método <i>foward</i> .....	104
ANEXO A - Parental Bonding Instrument (Hauck et al., 2005) .....	105

<b>ANEXO B - Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI et al., 2001)</b> .....	108
<b>ANEXO C - Versão Curta da Escala de Medição do Quociente de Empatia (Castelhano-Souza et al., 2018)</b> .....	109

## INTRODUÇÃO

A empatia é uma habilidade socioemocional que apresenta um papel importante na sociedade e nas relações interpessoais, pois envolve o compartilhamento interpessoal de experiências, desejos e necessidades (Main et al., 2017; Riess, 2017). Tal habilidade social é caracterizada por sua multidimensionalidade, que é frequentemente descrita como constituída por duas dimensões, cognitiva e afetiva (e.g., Baron-Cohen & Wheelwright, 2004; Cuff et al., 2016; Eisenberg & Miller, 1987), ainda que alguns autores especifiquem uma terceira dimensão, denominada comportamental (e.g., Clark et al., 2018; Falcone et al., 2008).

O componente cognitivo da empatia, também chamado tomada de perspectiva (Hoffman, 1985), envolve a capacidade de inferir com os sentimentos e pensamentos de outra pessoa de forma precisa, sem que necessariamente se experimente os sentimentos da mesma, e sem que sejam feitos julgamentos (Ickes, 1997). Já a dimensão afetiva da empatia caracteriza-se pelo interesse genuíno em compartilhar sentimentos, experimentar compaixão, preocupação ou consideração pelo estado de outra pessoa (Davis, 1983; Falcone et al., 2013). Por sua vez, o componente comportamental abarca as expressões verbais e não-verbais que demonstram o entendimento do estado do outro indivíduo (Ickes et al., 1997).

A quantidade de estudos sobre a empatia tem aumentado significativamente nos últimos anos, tornando-se uma das principais temáticas de estudo atuais no campo das ciências cognitivas (Yamamoto, 2016). Ademais, a empatia apresenta-se, atualmente, como um campo de estudo multidisciplinar e interdisciplinar, envolvendo elementos sociais, cognitivos, afetivos, evolutivos e neurológicos. Assim sendo, a temática tem sido destaque nas áreas da psicologia do desenvolvimento (Oh et al., 2020), da neurociência (Decety et al., 2018), da psicologia cognitiva (Batchelder et al., 2017) e da psicologia social (Blanke et al., 2016).

Muitas pesquisas empíricas atuais têm como objetivo elucidar os fatores que afetam o desenvolvimento da empatia e que auxiliem na promoção de uma melhor qualidade de vida. Diversos aspectos afetivos e cognitivos envolvidos na formação do sujeito e em sua qualidade de vida são positivamente influenciados pela empatia como, por exemplo, a saúde mental (Furnham & Sjkvist, 2017), o desempenho acadêmico (Zorza et al., 2019) e o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais (Laghi et al., 2018). Ademais, indivíduos com baixos níveis de empatia apresentam maiores tendências a problemas relacionados à inteligência social, levando, então, ao prejuízo em diversas áreas da vida social (Azevedo et al., 2018). O desenvolvimento

de empatia se mostra, assim, como um fator de proteção contra problemas de comportamento (Justo et al., 2014) e como elemento importante para um crescimento positivo e saudável (Decety & Svetlova, 2012).

O desenvolvimento da empatia é influenciado por diversos fatores biológicos (e.g., Eres et al., 2015; Rueckert & Naybar, 2008) e ambientais (e.g., Lucas & Soares, 2014; Minzi, 2013). Neste contexto, o sexo aparenta ser um importante fator envolvido no desenvolvimento da empatia. Diversos estudos empíricos relatam terem encontrado níveis mais altos de empatia em mulheres do que em homens (Baez et al., 2017; Baron-Cohen & Wheelwright, 2004; Britton & Fuendeling, 2005; Ibanez et al., 2013). Contudo, essa tendência não é um consenso entre os pesquisadores e mais estudos são necessários para que se possa compreender a dimensão do efeito do sexo sobre a empatia e se o fator sexual é decorrente de diferenças biológicas, culturais ou ambas (Christov-Moore et al., 2014; Eisenberg & Lennon, 1989; Hoffman, 1977).

Ademais da diferença dos níveis de empatia de acordo com o sexo dos indivíduos, o apego tem sido investigado como um fator importante para o desenvolvimento da empatia (Decety, 2011; Gross et al., 2017; Stern & Cassidy, 2018). O apego pode ser compreendido como uma interação dinâmica dos sinais de vulnerabilidade e angústia dos infantes e as tentativas de seus cuidadores em atenuar esses sinais, com objetivo de prover uma base de segurança para a criança (Bowlby, 1969/1990). Ao passo que uma base segura de suporte é estabelecida, a criança pode divergir a atenção do seu próprio *self* e, assim, desenvolver habilidades direcionadas à interação com outros sujeitos (Sroufe, 2005). Conseqüentemente, o estilo de apego seguro pode resultar em modelos mentais positivos sobre os outros, favorecendo, então, o desenvolvimento da empatia (Decety & Svetlova, 2012; Mikulincer & Shaver, 2015). Portanto, o estilo de apego vivenciado durante a infância e as relações entre o indivíduo e seus cuidadores primários parece ser primordial para o estudo da empatia.

A investigação acerca das relações entre os estilos de apego e as dimensões da empatia em relação às populações adultas tem sido enfatizada nos últimos anos (Jones et al., 2015). O estilo de apego seguro foi um preditor significativo das variáveis de tomada de perspectiva e de consideração empática em estudantes universitários (Joireman et al., 2002). Contudo, o estilo de apego inseguro evitativo parece estar negativamente associado com as dimensões de tomada de perspectiva e de consideração empática (Ardenghi et al., 2020). Ademais, comportamentos parentais relacionados ao apego seguro também têm sido apontados como elementos importantes para o desenvolvimento da empatia (Miklikowska et al., 2011).

Os estilos de apego desenvolvidos pelos indivíduos durante sua infância e adolescência com suas mães e pais podem ser, então, fatores envolvidos no desenvolvimento da empatia. Se homens e mulheres apresentarem diferenças significativas nos níveis de empatia, poder-se-ia pensar, então, que o sexo dos cuidadores também seria um fator relevante a se considerar em pesquisas sobre o desenvolvimento da empatia. Os seres humanos apresentam maior predisposição para imitar comportamentos de indivíduos de mesmo sexo (Ruiz-Hernández et al., 2019). Ademais, há uma aparente tendência de sujeitos de um determinado sexo, durante a infância e a adolescência, se identificarem mais com seus cuidadores de mesmo sexo do que com aqueles do sexo oposto (Feshbach, 1978; Starrels, 1994).

O desenvolvimento da empatia pode ser influenciado, então, por comportamentos parentais e pelo sexo. Neste contexto, o estudo empírico realizado por Lyons et al. (2016) teve como objetivo investigar a relação entre o cuidado e a superproteção parentais percebidos e a empatia, mediada pelo efeito do sexo das figuras parentais e dos próprios participantes. A literatura acerca das relações entre os comportamentos parentais percebidos e a empatia é escassa (Britton & Fuendling, 2005), principalmente quando se adiciona a variável do sexo.

A presente dissertação se propõe a realizar uma réplica e adaptação do estudo de Lyons et al. (2016) para o cenário brasileiro. Ademais de aumentar a literatura sobre o assunto, uma réplica do estudo pode trazer contribuições para a compreensão da relação entre a empatia, os comportamentos parentais que mensurem o apego e o sexo no contexto brasileiro.

A compreensão das diferenças culturais relacionadas a fenômenos psicológicos é um aspecto essencial para o progresso científico. Neste contexto, de forma a obter comparações confiáveis de resultados encontrados em dois ou mais grupos culturais distintos, é imprescindível que haja a replicação de estudos, cujos procedimentos e análises devem ser reproduzidos de maneira mais fidedigna possível (Milfont & Klein, 2018). Ainda que estudos de replicação sejam relevantes para o avanço científico, o campo da psicologia enfrenta uma “crise de réplicas”, ou seja, tais formatos de pesquisa não são frequentes ou encorajados (Tinciani & Travers, 2019). Um dos fatores mais impactantes para a baixa quantidade de réplicas em psicologias envolve o viés da publicação: o processo no qual os achados científicos costumam ser selecionados na medida em que dão suporte a uma hipótese, o que pode levar a maiores taxas de relatos de resultados falsos positivos (Zwaan et al., 2017). Assim sendo, ao passo que réplicas podem apresentar resultados controversos e diferentes daqueles reportados pelo estudo original, é menos provável que as mesmas sejam publicadas.

As réplicas de outros estudos podem apresentar diversas vantagens para a psicologia, dentre elas: controle do erro amostral dos achados iniciais; encorajamento de relatos de resultados mais transparentes, levando, potencialmente, à diminuição dos casos de fraude científica; testagem de hipóteses extras às aquelas mencionadas pelo estudo original. No escopo das pesquisas transculturais, estudos de réplica podem auxiliar na generalização de resultados para diferentes populações (Milfont & Klein, 2018).

Estudos que realizem a réplica de procedimentos e análises em amostras de contextos culturais diferenciados da pesquisa original podem auxiliar no desenvolvimento da psicologia, especialmente ao enfatizar a cultura como uma potencial fonte de variações em fenômenos psicológicos (Tam & Milfont, 2020). A análise de potenciais diferenças culturais pode reforçar, ou não, achados, hipóteses e teorias e promover discussões acerca da generalização de resultados na psicologia (Milfont & Klein, 2018).

A partir das vantagens apresentadas acerca da réplica transcultural de pesquisas em psicologia, é possível supor que potenciais diferenças entre os resultados obtidos na Inglaterra e no Brasil possam destacar as divergências culturais e ajudar na adoção de uma perspectiva mais ampla dos fatores parentais que influenciam a empatia em adultos brasileiros. Assim sendo, este estudo envolve uma réplica da pesquisa realizada por Lyons et al. (2016). A primeira etapa do presente estudo constitui na realização de uma revisão teórica sobre as dimensões da empatia, seguida da discussão acerca das diferenças entre sexos no que concerne a empatia e do apontamento dos estudos mais recentes sobre apego e empatia.

## **Dimensões da empatia**

Ainda que alguns pesquisadores da empatia tenham privilegiado uma abordagem mais direcionada ao elemento afetivo (e.g., Eisenberg & Miller, 1987; Hoffman, 1977) ou ao cognitivo (e.g., Kerr & Speroff, 1954), estudos mais atuais apontam que as duas dimensões descritas são igualmente importantes para a compreensão da empatia (Christov-Moore, et al., 2014; Davis, 1983; Queirós et al., 2018). Enquanto as dimensões afetiva e cognitiva são frequentemente descritas na literatura, a inclusão e a discussão acerca do aspecto comportamental é mais recente (Azevedo, 2014). Ademais, conquanto os componentes da empatia não sejam independentes um do outro, a tentativa de diferenciação e separação dos mesmos parece ser uma estratégia frutífera nas investigações referentes à empatia, pois permite



avaliar os impactos desses diferentes fatores de forma separada e, ao mesmo tempo, considerar a experiência empática a partir de sua complexidade (Michalska et al., 2013).

Para Davis (1980), o construto da empatia pode ser definido a partir das reações às experiências observadas e experimentadas por outros sujeitos. Para o pesquisador, o domínio cognitivo (habilidade de reconhecer os pontos de vista de outros, ou seja, tomar a perspectiva de outrem) e afetivo (representado pela consideração empática) não apenas estão interligados, mas devem ser integrados (Davis, 1980). Como contribuição adicional, ele discorre sobre a angústia pessoal (*personal distress*, no original), a qual envolve os sentimentos de ansiedade e desconforto orientados para o próprio *self* devido às tensões em contextos interpessoais, e sobre a fantasia, que envolveria a tendência de assumir sentimentos e perspectivas imaginativas derivadas de contextos fictícios, como a partir de personagens de livros e filmes (Davis, 1983). Ainda que a dimensão da fantasia seja frequente alvo de controvérsias e reconsiderações (Koller et al., 2011; Nomura & Akai, 2012), a descrição da empatia realizada por Davis (1980; 1983) é muito utilizada pelos estudos que versam sobre a empatia e seu desenvolvimento.

Ademais da definição de empatia relatada por Davis (1980), outros teóricos apresentam caracterizações diferentes para o mesmo construto. Segundo Baron-Cohen e Wheelwright (2004), a empatia permite que os sujeitos interajam de forma efetiva nas relações sociais. Neste contexto, as dimensões da empatia são interdependentes, ainda que abarquem aspectos diferentes. Segundo esta perspectiva, a empatia cognitiva está em consonância com a definição de teoria da mente (Baron-Cohen & Wheelwright, 2004; Lawrence et al., 2004). A reatividade emocional, que representa o componente afetivo da empatia, reflete a identificação de emoções e pensamentos de outros, respondendo a estes com uma emoção apropriada (Wakabayashi et al., 2006; Gouveia et al., 2012).

Muitos estudos que mensuram a empatia fazem uso de mais de um instrumento de autorrelato. Dentre estes, a utilização de tanto o Quociente de Empatia (EQ; *Empathy Quotient*, Baron-Cohen & Wheelwright, 2004) quanto a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI; *Interpersonal Reactivity Index*, Davis, 1980) para avaliar a empatia em sujeitos adultos é frequente (Azevedo, 2014; Lawrence et al., 2004; Lyons et al., 2016). O uso combinado dos dois instrumentos citados pode apresentar um perfil mais complexo e preciso da resposta empática (Lawrence et al., 2004). Dado que a empatia é um construto complexo e multidimensional, a Tabela 1 apresenta as principais definições das dimensões deste construto, em consonância com os termos e conceitos que serão utilizados ao longo do presente estudo.

Tabela 1 - Definições e principais características dos constructos relacionados à empatia mencionados no presente estudo

<b>Constructo</b>	<b>Definição</b>	<b>Características do constructo</b>
Tomada de Perspectiva (dimensão mensurada pela EMRI)	Tendência de adotar espontaneamente o ponto de vista psicológico de outros, permitindo que o indivíduo infira os pensamentos e os sentimentos de outrem (Davis, 1983).	Este constructo é descrito como o componente cognitivo da empatia e envolve um esforço consciente e um processamento explícito. Pode ser exemplificado pelo terapeuta, que procura compreender os processos mentais envolvidos na expressão (ou na ausência) de emoção do seu paciente (Falcone, 2012).
Consideração Empática (dimensão mensurada pela EMRI)	Envolve a capacidade de compartilhar e experimentar os sentimentos de simpatia e preocupação voltados para os outros (Davis, 1983; Koller et al., 2011)	Refere-se ao componente afetivo da empatia, não envolvendo um processamento consciente. Requer que o sujeito tenha um interesse genuíno em experimentar os estados emocionais de outrem. Um exemplo seria uma enfermeira que experimenta compaixão e forte motivação para o cuidado de um paciente com dor (Falcone, 2012).
Angústia Pessoal (dimensão mensurada pela EMRI)	Mensura sentimentos de ansiedade e desconforto, orientados para o próprio <i>self</i> , em situações interpessoais frente ao sofrimento dos outros (Davis, 1983; Falcone et al., 2013)	Leva a atitudes egocêntricas de abandono da situação, além de não constituir uma manifestação empática, segundo Falcone et al. (2013). Não indica sentimentos de angústia pelo outro ou como a do outro, mas envolve o sentimento de angústia provocado pelo outro, o qual se busca aliviar. Uma enfermeira que se sente angustiada por testemunhar uma paciente com dor, afastando-se imediatamente ou pedindo ajuda a outra colega, pode exemplificar este constructo (Falcone, 2012).
Empatia Cognitiva (dimensão mensurada pelo QE)	Capacidade de entender e prever as intenções, sentimentos e pensamentos de outrem (Gouveia et al., 2012; Baron-Cohen & Wheelwright, 2004).	A empatia cognitiva (mensurada pelo QE, como descrito no presente estudo) refere-se ao construto da Teoria da Mente (Baron-Cohen & Wheelwright, 2004). Contudo, esta subescala também inclui itens relativos a estados afetivos (Falcone et al., 2008; Lawrence et al., 2004).
Reatividade Emocional (dimensão mensurada pelo QE)	Envolve sentir uma emoção consonante com a emoção que outro sujeito esteja sentindo (Baron-Cohen & Wheelwright, 2004).	O sentimento de desesperança ao encontrar um indivíduo morando na rua (que, provavelmente, também estaria sentindo desesperança) é um exemplo deste constructo. Contudo, não é possível definir se essas reações emocionais são orientadas apenas para o outro ou também para o <i>self</i> e, assim, talvez não seja possível classificá-la como um fator afetivo da empatia (Lawrence et al., 2004) ou apontá-la como uma forma de realmente medir a empatia (Falcone et al., 2008).
Teoria da Mente	Capacidade sociocognitiva de atribuir estados mentais, como crenças, emoções e desejos, a si e aos outros (Wimmer & Perner, 1983).	Apesar de apresentarem definições similares, a Teoria da Mente se difere do componente cognitivo da empatia (como a tomada de perspectiva), pois este requer um engajamento ativo e consciente do sujeito em adotar a perspectiva de outrem (Canty et al., 2021). Assim, a subescala de empatia cognitiva (mensurada pelo QE) mensura a Teoria da Mente, pois não envolve o esforço consciente de compreender os estados mentais de outros sujeitos.

A multiplicidade relacionada à empatia não se faz presente apenas nas definições sobre a mesma, mas também implica na variedade de formas de mensuração possíveis deste construto. É possível que diferentes técnicas de mensuração avaliem diferentes aspectos da empatia (Michalska et al., 2013), tornando, assim, ainda mais controversa a comparação de resultados de estudos empíricos que não utilizem os mesmos instrumentos. Em contrapartida, a mencionada grande diversidade de técnicas de mensuração (e.g., de autorrelato, medidas fisiológicas, observacionais, neuronais e comportamentais) pode ser interpretada como uma indicação de que a empatia apresenta uma natureza complexa que deve ser avaliada em consonância com o tipo de situação e de população que se procura analisar, o que pode trazer vantagens para os pesquisadores que desejem mensurar tal construto (Neumann et al., 2015).

## **Empatia e sexo**

Dentro do universo de estudos sobre empatia, a diferença entre os sexos apresenta-se como uma das mais discutidas controvérsias do campo. Acredita-se, a partir de noções advindas de estereótipos, que as mulheres sejam mais empáticas do que os homens. Segundo Eisenberg e Lennon (1983), tal estereótipo provavelmente é derivado da ideia de que as mulheres são mais carinhosas e orientadas interpessoalmente do que os homens. Contudo, de acordo com revisões sistemáticas sobre empatia e diferenças entre sexos, a aparente supremacia feminina na questão empática não é um consenso e não é observada em todos os estudos empíricos analisados (Eisenberg & Lennon, 1983; Hoffman, 1977; Hoffman & Levine, 1976).

Um dos problemas iniciais acerca da questão é a divergência teórica entre os termos “gênero” e “sexo”. Enquanto o sexo concerne à dimensão biológica, o gênero refere-se às atitudes, comportamentos e sentimentos associados, por meio da cultura, ao indivíduo por causa do seu sexo biológico (Baez et al., 2017). Assim sendo, os estudos que avaliam as diferenças de empatia entre homens e mulheres abarcam a temática do sexo, ainda que algumas pesquisas se refiram a essas dissemelhanças como “diferenças de gênero” (e.g., Duarte et al., 2016; Toccaceli et al., 2018).

Diferenças entre os sexos dos indivíduos não apenas são discutidas em referência à empatia, mas também quanto aos seus precursores. Desde o nascimento, é possível constatar que bebês neonatais do sexo feminino tendem a apresentar mais preferência por faces humanas do que os bebês do sexo masculino, que focalizaram mais sua atenção a objetos que se movimentavam (Connellan et al., 2000). Ademais, bebês de um ano de idade do sexo feminino tiveram mais episódios de contato visual com seus cuidadores primários do que os bebês do

sexo masculino (Lutchmaya et al., 2002). Tal tendência é reafirmada por Herlitz e Lovén (2013), que, através de um estudo de meta-análise das pesquisas envolvendo diferenças entre os sexos e o reconhecimento e interesse por faces, aponta que as meninas e mulheres reconhecem mais faces do que meninos e homens durante a infância, adolescência e fase adulta.

A literatura sugere que diferenças entre infantes dos sexos masculino e feminino quanto à expressividade emocional e os comportamentos autorregulatórios podem ser observadas desde seus nascimentos (Weinberg et al., 1999). De acordo com a meta-análise realizada por Chaplin e Aldao (2013) sobre expressões emocionais em crianças, as meninas exibiram mais emoções positivas e negativas internalizantes (e.g., ansiedade e tristeza) do que os meninos, os quais expressaram mais emoções negativas externalizantes (e.g., raiva).

A expressão emocional, o foco de atenção visual e o reconhecimento de faces humanas, ainda que não meçam diretamente a empatia, são elementos importantes do desenvolvimento humano que podem ajudar a elucidar as diferenças entre os sexos quanto à empatia. O interesse e a responsividade emocionais, em termos gerais, podem ser considerados como precursores ou fundações da empatia, pois aumentam as oportunidades das crianças de aprenderem mais sobre os comportamentos de outros indivíduos (Christov-Moore et al., 2014). As diferenças infantis acerca do interesse social podem influenciar as diferenças individuais no funcionamento social e na empatia em fases posteriores da vida. Assim sendo, se as crianças do sexo feminino tiverem maior preferência por estímulos sociais e considerarem os mesmos como recompensadores (Christov-Moore et al., 2014), tal influência do sexo pode ser essencial para o desenvolvimento da empatia.

Estudos sobre o contágio emocional, um dos mais discutidos precursores da empatia, também são importantes para a análise da diferença entre homens e mulheres em relação à expressão empática. O contágio emocional é um fenômeno no qual pistas perceptuais vocais, gestuais e faciais de um indivíduo geram um estado similar de processamento em outro sujeito (Decety & Svetlova, 2012; Prochazkova & Kret, 2017). Neste contexto, o choro reflexivo de bebês, que consiste em uma resposta ao choro de outros infantes, aponta uma predisposição biológica ao interesse e à responsividade às emoções negativas de outros e considera-se, então, que o choro reflexivo reflita uma resposta empática primitiva (Eisenberg & Lennon, 1983).

De acordo com a revisão sistemática realizada por Hoffman (1977), recém-nascidos do sexo feminino se mostraram mais aptos a chorar em resposta ao choro de outros infantes em cinco amostras independentes. Apesar de tais resultados parecem indicar uma maior propensão feminina em uma habilidade precursora da empatia, um estudo mais recente não encontrou diferenças significativas do choro reflexivo entre meninos e meninas (Geangu et al., 2010).

Assim sendo, é importante apontar a possibilidade que a diferença entre os sexos quanto ao choro reflexivo não reflita uma diferença nas respostas empáticas, mas, na realidade, uma maior responsividade feminina derivada de diferenças sensoriais (Eisenberg & Lennon, 1983).

Outra habilidade rudimentar presente durante a infância que influencia o desenvolvimento da empatia é a imitação. Esta consiste na capacidade de adotar o estado emocional de outra pessoa através da mímica da sua postura, movimentos e vocalizações (Schuler et al., 2016). Ademais, a imitação ajuda no reconhecimento de expressões emocionais de outros indivíduos (Niedenthal et al., 2010). A habilidade de identificar e reconhecer expressões emocionais torna mais fácil a tomada de perspectiva e o entendimento de como outras pessoas se sentem (Schuler et al., 2016), estando associada, portanto, às duas habilidades que configuram os componentes da empatia. De fato, a imitação apresenta correlações com o contágio emocional (Prochazkova & Kret, 2017), com os neurônios espelho (Ferrari & Coudé, 2018; Iacoboni, 2009) e com a empatia (Cooke et al., 2018; Drimalla et al., 2019; Holland et al., 2020).

As diferenças entre os sexos quanto à imitação se mostram presentes desde a fase neonatal. Um estudo com recém-nascidos constatou que as meninas apresentavam maior habilidade de imitação com os dedos do que os meninos (Nagy et al., 2007). Em consonância, a meta-análise realizada por Holland et al. (2020) aponta uma tendência, não conclusiva, de apenas as mulheres apresentarem correlações entre a imitação facial e a empatia. Portanto, ainda que as pesquisas não sejam concludentes quanto à diferença do sexo na capacidade imitativa, os indivíduos do sexo feminino aparentam ter vantagens sobre os sujeitos do sexo masculino, o que também poderia influenciar a relação entre sexo e empatia.

Sujeitos do sexo feminino tendem a apresentar maiores escores em tarefas que avaliem a teoria da mente, mesmo quando os testes são realizados em amostras infantis (Charman et al., 2002; Walker, 2005). A teoria da mente pode ser definida como a capacidade de inferir e representar os desejos, crenças e intenções de outras pessoas (Singer & Tusche, 2014). Apesar de a teoria da mente envolver a compreensão do estado mental de outrem, ela não abarca o compartilhamento de estados afetivos e nem ocorre de forma consciente (Preckel et al., 2018). Portanto, a teoria da mente e a empatia são construtos independentes e diferenciados (ver Tabela 1), conquanto a teoria da mente pareça ser um elemento importante para o desenvolvimento da empatia (Brown et al., 2017; Gallant et al., 2020).

Sugere-se, então, que se as diferenças individuais afetam a habilidade da teoria da mente, tal padrão poderia ser repetido nos estudos sobre a empatia. Estudos com amostras de sujeitos adultos verificaram que as mulheres apresentam uma propensão à superioridade neste

quesito (Baron-Cohen et al., 2001; Ibanez et al., 2013; Kirkland et al., 2013), ainda que um estudo mais recente tenha apontado o resultado oposto, no qual o sexo masculino esteve mais associado com a teoria da mente (Fischer et al., 2017). Portanto, apesar de o desempenho melhor do sexo feminino em tarefas que avaliem a teoria da mente não apresentar um conformidade entre os estudos, parte significativa das pesquisas ainda aponta para tal tendência.

A inclinação feminina para habilidades que influenciam o desenvolvimento da empatia também ocorre no âmbito das brincadeiras infantis. É frequente a preferência de meninos e meninas por brinquedos condizentes com as expectativas atribuídas ao seu gênero correspondente (Auyeung et al., 2009; Todd et al., 2016). Diferenças nas escolhas dos tipos de brinquedos mais selecionados por indivíduos jovens também foram apontadas em espécies não humanas (e.g. macacos, Hassett et al., 2008; lobos, Cordoni, 2009; e golfinhos, Greene et al., 2011), assim como na espécie humana (Todd et al., 2017).

Através de um estudo de meta-análise, Davis e Hines (2020) observaram que as meninas apresentam uma maior tendência para brincar com bonecas do que com veículos (brinquedo de predileção das crianças do sexo masculino). A preferência feminina por brinquedos que envolvem cuidado e carinho (e.g., brincar de boneca) parece estar relacionada com sua maior atração a estímulos sociais (Todd et al., 2017). Assim sendo, tal diferença entre os sexos parece ser importante em um contexto em que brinquedos e brincadeiras possam facilitar ou inibir o desenvolvimento de habilidades sociais (Tonetto et al., 2020).

De fato, a brincadeira parece ser uma habilidade essencial para o desenvolvimento da empatia, pois proporciona uma base para que os indivíduos aprendam a interpretar sinais emocionais de outrem (Christov-Moore et al., 2014). O ato de brincar contribui para o desenvolvimento da empatia ao permitir que as crianças experimentem diferenciar aquilo que elas próprias sentem do que os outros sentem (Waite & Rees 2014). Seria possível pensar, então, que o desenvolvimento da empatia poderia ser potencializado por artefatos como mamadeiras, bonecas, bichos de pelúcia e acessórios médicos, que levam a brincadeiras cujo foco é o ato de cuidar (Mandelli & Tonetto, 2019). A oportunidade de brincar com objetos que elucidem as ações de cuidado e carinho poderia influenciar a empatia daquelas crianças e explicar o porquê as meninas aparentam ter mais vantagem sobre os meninos no quesito da empatia (Straske, 2019).

As habilidades e capacidades acima discutidas, por terem o caráter de serem precursores ou associadas à empatia, são importantes tópicos de análise para que a compreensão da empatia e das diferenças entre os sexos. Ainda que os resultados dos diversos estudos aqui apontados não gerem uma resposta conclusiva sobre a diferença entre os sexos, é notável que os sujeitos

do sexo feminino apresentassem alguma vantagem em muitos dos estudos acerca de precursores da empatia (e.g., Baron-Cohen et al., 2001; Davis & Hines, 2020; Herlitz & Lovén, 2013; Hoffamn, 1977; Holland et al., 2020). Assim, é essencial, ao discutir a empatia, considerar uma perspectiva contínua nos âmbitos cognitivo, social e emocional (Decety & Svetlova, 2012). Portanto, se faz importante o exame dos precursores evolucionários e de desenvolvimento da empatia para que possa ser realizada uma análise mais ampla das diferenças entre os sexos (Christov-Moore et al., 2014).

Para além dos fatores relacionados ao desenvolvimento da empatia, a diferença entre esta habilidade em indivíduos do sexo masculino e feminino também se faz presente nas suas medidas explícitas e implícitas. Contudo, pesquisas empíricas têm encontrado inconsistências nas suas descobertas e relatos alusivos às diferenças entre os sexos (Michalska et al., 2013). Tal divergência de resultados parece estar associada ao tipo de medida de empatia os estudos utilizam (Baez et al., 2017).

Estudos que fazem uso de medidas fisiológicas da empatia não são muito comuns na literatura (Ickes et al., 1990). Contudo, tais medidas podem elucidar associações entre a fisiologia e comportamentos pró-sociais dependentes do contexto e do sujeito, como a generosidade, o cuidado parental e a empatia (Miller, 2018). Segundo Eisenberg e Lennon (1983), há pouca evidência de que haja uma diferença entre os sexos quanto às respostas fisiológicas relacionadas à empatia. Resultados semelhantes foram encontrados em estudos mais recentes (Harley et al., 2020; Preis & Kroener-Herwig, 2012), nos quais mulheres e homens apresentaram resultados semelhantes nas medidas fisiológicas de batimentos cardíacos e condutância da pele. Assim sendo, as evidências empíricas que utilizam este tipo de mensuração não apontam para diferenças de níveis de empatia entre os sexos.

No contexto de mensurações fisiológicas, alguns estudos da última década têm apontado certos neuropeptídios como potenciais fatores explicativos das diferenças individuais de empatia (e.g., Decety, Norman, et al., 2012; Decety, 2015; Nakayama et al., 2007). Dentre os neuropeptídios pesquisados, destaca-se a ocitocina, hormônio envolvido não apenas nas interações da díade mãe-filho, mas também nos processos de cunho social, como a preocupação e a empatia (Decety et al., 2012). Com efeito, estudos mostraram que o aumento dos níveis de ocitocina nos indivíduos participantes levou ao aumento dos níveis de empatia (Procyshyn et al., 2020) e da acurácia empática (Bartz et al., 2010).

É possível que indivíduos dos sexos masculino e feminino tenham diferentes sensibilidades à ocitocina e, potencialmente, apresentem diferenças importantes nos circuitos neurais relacionados a este hormônio (Caldwell, 2018). Similarmente, Christov-Moore et al.

(2014) propõe que a reação à oxitocina não apenas aparenta ser diferente para homens e mulheres, mas que estes provavelmente tenham distintas curvas de resposta para a dosagem do hormônio. Um estudo americano relatou que as meninas e adolescentes do sexo feminino apresentaram maiores níveis de ocitocina do que os participantes do sexo masculino (Miller et al., 2013). Segundo o estudo de Barraza e Zak (2009), as mulheres apresentaram uma maior relação entre a empatia e os níveis de ocitocina no sangue do que os homens. Ainda que poucas pesquisas avaliem as diferenças dos níveis de ocitocina entre os sexos (Dumais & Veenema, 2015), tal investigação parece ser uma área frutífera para futuras pesquisas, principalmente no âmbito da empatia.

A testosterona é outro fator hormonal que tem sido sugerido como um possível influenciador das diferenças de empatia entre os sexos (Chapman et al., 2006). Este hormônio, ademais de representar o maior ponto de divergência hormonal entre os sexos e afetar a sociabilidade dos sujeitos, está relacionado com a diminuição da capacidade empática em indivíduos (van Honk et al., 2011). Em adição, a testosterona parece ter efeitos opostos à ocitocina no que concernem os comportamentos e as cognições sociais (Crespi, 2015).

Indivíduos do sexo masculino apresentam níveis mais elevados de testosterona no organismo desde o período fetal (Knickmeyer & Baron-Cohen, 2006). Portanto, dado que maiores concentrações de testosterona parecem diminuir a habilidade empática, esta poderia ser um dos elementos influenciadores do sexo masculino apresentar menores níveis de empatia. Em seu estudo envolvendo a administração de testosterona em mulheres, van Honk et al. (2011) observou que a testosterona estava envolvida com dificuldades em inferir emoções e intenções, além de ter levado a um significativo déficit na habilidade de empatia cognitiva. Ainda que tal resultado se mostre promissor, é necessário que haja mais pesquisas e discussões acerca do papel da testosterona e da ocitocina nas diferenças sexuais nas habilidades cognitivas humanas, principalmente no que se refere à empatia.

Dado que a empatia é um construto complexo, é de se esperar que haja diferenças entre os sexos nos diferentes sistemas neurobiológicos envolvidos com a preocupação e a sensibilidade emocional (Decety & Svetlova, 2012). Portanto, os estudos que focalizam as medidas fisiológicas, hormonais e neurobiológicas, ainda que escassos, podem contribuir intensamente para a compreensão da empatia e suas diferenças em indivíduos dos sexos feminino e masculino. Para além da dimensão biológica da empatia, se faz importante a compreensão da existência de uma interação entre os traços (descrito como uma capacidade estável ao longo do tempo que difere entre os indivíduos) e o estado (respostas específicas a um contexto) da empatia (Cuff et al., 2016). Enquanto a empatia situacional é geralmente



mensurada através de observações e medidas fisiológicas (Barraza & Zak, 2009; Buck et al., 2017), a empatia disposicional tem sido medida por meio de relatos de outros indivíduos (e.g., Ciarrochi et al., 2017) e, mais frequentemente, através de instrumentos de autorrelato (e.g., Gilet et al., 2013; Konrath et al., 2018).

Muitos estudos sobre empatia utilizam medidas de autorrelato em suas coletas de dados (e.g., Ardenghi et al., 2020; Costa et al., 2017; Jordan et al., 2016), e tal tendência se confirma com as pesquisas que investigam as diferenças de sexo no âmbito da empatia (e.g., Dryburgh & Vachon, 2019; Lyons et al., 2016; Zhao et al., 2019). Apesar de as medidas de autorrelato proverem importantes vantagens aos estudos, como o baixo custo e a maior facilidade de aplicação dos instrumentos e da coleta de dados, seu uso apresenta significativas limitações.

O viés de resposta consiste em um dos mais discutidos fenômenos relacionados ao uso de medidas de autorrelato em pesquisas dos campos comportamentais e da saúde (Rosenman et al., 2011). Tais medidas são fortemente influenciadas pelas normas e expectativas sociais, inclusive no que se refere à empatia (Baez et al., 2017), além de potencialmente serem afetadas pela deseabilidade social, ou seja, os sujeitos podem responder aos instrumentos de forma enviesada e tendenciosa de forma a serem considerados como mais aceitáveis socialmente (Ribas et al., 2004). Portanto, sendo a empatia uma habilidade social que envolve um desejo de aceitação social, ademais de envolver expectativas sociais, os resultados advindos de medidas de autorrelato podem apresentar vieses.

De acordo com a revisão sistemática da literatura realizada por Einseberg e Lennon (1983), os instrumentos de autorrelato de empatia medem a tendência de um sujeito em responder empaticamente de forma frequente. Ademais, os autores reportam que, dentre os estudos por eles analisados, as mulheres obtiveram escores mais elevados de empatia do que os homens. Estudos mais recentes (e.g., Auyeung et al., 2009; Baron-Cohen & Wheelwright, 2004; Lyons et al., 2016) obtiveram resultados semelhantes, dado que as mulheres também apresentaram maiores escores de empatia do que os sujeitos do sexo masculino.

O aparente consenso na tendência feminina de ser apresentar maiores escores de empatia e, conseqüentemente, serem mais empáticas é refutado por estudos que não apenas analisam os dados coletados a partir de medidas de autorrelato, mas também utilizam outras formas de mensuração. A pesquisa realizada por Michalska et al. (2013), por exemplo, abarca tanto uma escala de empatia, quanto medidas de ativação cerebral e fisiológicas de dilatação da pupila em resposta a vídeos animados contendo cenas em que pessoas se ferem. Enquanto houve uma clara diferença entre os sexos nos resultados derivados das respostas ao instrumento (as mulheres apresentaram maiores médias de scores de empatia), nenhuma diferença

estatisticamente significativa foi encontrada nos padrões de ativação cerebral ou na dilatação de pupilas entre homens e mulheres.

Ademais, Baez et al. (2017) conduziram dois experimentos para avaliar a empatia em sujeitos dos sexos masculino e feminino. Os autores utilizaram, em seu paradigma experimental, uma tarefa de empatia para com a dor e um questionário de empatia de autorrelato. As mulheres apresentaram maiores escores do que os homens em todas as subescalas do instrumento por eles utilizado (*Interpersonal Reactivity Index*; Davis, 1980), além de terem apresentado mais preocupação empática nos estímulos relacionados à dor intencional. Contudo, o último resultado teve pequenos tamanhos de efeito, reduzindo, então, sua significância estatística e sua relevância.

Assim sendo, as diferenças na empatia mensuradas através de instrumentos de autorrelato podem não refletir realmente diferenças entre os sexos, mas apontar uma maior disposição feminina de relatar comportamentos e sentimentos empáticos do que os homens (Michalska et al., 2013). Portanto, as divergências entre os sexos observadas neste tipo de mensuração possivelmente podem ser explicadas pela identificação dos participantes com os estereótipos atribuídos ao seu sexo (Baez et al., 2017), a partir dos quais os sujeitos do sexo masculino tendem a ser encorajados a inibir seus comportamentos emocionais, carinhosos (Van der Graaff et al., 2014) e vulneráveis (Seager et al., 2016). Tal suposição está de acordo com evidências comportamentais que demonstram que as diferenças de sexo em relação à empatia estão mais associadas aos papéis de gênero do que ao sexo biológico (Karniol et al., 1998).

Finalmente, ainda que o papel do sexo na empatia seja muito discutido, ainda não há um consenso ou conclusão para esta controvérsia. Assim, tal temática continua pertinente nos dias atuais. Como as medidas de autorrelato continuam a ser muito utilizadas, um dos objetivos do presente estudo é avaliar se existem diferenças nos escores de empatia de indivíduos do sexo masculino e feminino. Propõe-se a verificação de diferenças dos escores de homens e mulheres em escalas e subescalas de empatia, assim como foi conduzida por Lyons et al. (2016). Ademais, intenciona-se a realização de uma análise fatorial confirmatória multigrupo para avaliar se há diferenças nos parâmetros dos instrumentos para os grupos dos sexos masculino e feminino e, então, concluir se as tais medidas de autorrelato realmente são indicadas para testar indivíduos dos dois sexos.

### **Empatia, cuidado e superproteção parental**

Ao se tratar de uma habilidade complexa, a empatia sofre, durante o seu desenvolvimento, a influência de fatores biológicos e sociais (Justo et al., 2014). Ainda que

muitas pesquisas investiguem o papel de fatores biológicos (e.g., Shirtcliff et al., 2009) e neurológicos (e.g., Eres et al., 2015; Rueckert & Naybar, 2008) no desenvolvimento da empatia, diversos fatores ambientais já foram destacados como essenciais para a compreensão desta habilidade (e.g., Lucas & Soares, 2014; Minzi, 2013). Os processos de socialização e, em especial, as práticas relacionadas à parentalidade, parecem ser essenciais para o desenvolvimento da empatia (Knafo et al., 2008; Miklikowska et al., 2011). Neste contexto, o apego tem sido investigado como um fator importante para o desenvolvimento da empatia (Decety, 2011; Gross et al., 2017; Stern & Cassidy, 2018).

O apego pode ser compreendido como qualquer forma de comportamento que resulta no alcance ou rejeição da proximidade a outro indivíduo, frequentemente considerado mais forte e/ou mais experiente (Bowlby, 1988/2005). No contexto dos primeiros anos de vida, o apego consiste em uma interação dinâmica dos infantes e seus cuidadores, com objetivo de atenuação dos sinais de angústia e vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, promovendo uma base de segurança para o indivíduo mais jovem (Bowlby, 1969/1990).

Segundo a teoria do apego estipulada por Bowlby (1982), a espécie humana tem uma predisposição biológica para desenvolver relacionamentos e vínculos afetivos que gerem proteção e segurança para os seus membros. A qualidade de segurança de tais relacionamentos não afeta apenas os comportamentos de apego para com o outro indivíduo em determinados momentos, mas, se transformado em um padrão de interação habitual, leva ao desenvolvimento de representações sobre estes relacionamentos, também denominadas como modelos funcionais internos (Bretherton & Munholland, 2016).

Tais modelos funcionais internos sobre si (*self*) e sobre outros indivíduos são formados nos primeiros anos de vida da criança a partir de suas experiências internalizadas com suas figuras de apego primárias (Bowlby, 1982). Assim, a criança cria modelos funcionais que a ajudam a generalizar e a prever como pessoas significativas (como, por exemplo, sua mãe), podem se comportar e como as interações sociais ocorrem (Ramires & Schneider, 2010). Modelos funcionais sobre os outros envolvem a confiança nas figuras de apego em resposta às necessidades do próprio indivíduo; portanto, os modelos negativos são altamente marcados pela desconfiança (Lin et al., 2017). Por sua vez, o modelo representacional interno que a criança cria de si mesma, dependente de como a mesma foi cuidada, permite a ela, em situações de presença do sentimento de segurança para com seus cuidadores, acreditar em si própria, tornar-se independente, sentir-se digna de amor e de cuidado, e explorar sua liberdade (Dalbem & Dell'Aglio, 2005; Ramires & Schneider, 2010).

A teoria do apego também buscou descrever e apresentar as possibilidades de padrões ou estilos de apego. Estes se referem à forma característica de um sujeito se relacionar com suas figuras de cuidado e que afetam os seus relacionamentos com parceiros românticos, familiares e amigos (Levy et al., 2010). A partir do experimento da Situação Estranha, Ainsworth et al. (1978) identificou três padrões de apego possíveis: o apego seguro, no qual as crianças utilizam a figura de apego como base de segurança; o apego inseguro evitante, caracterizado pela postura, assumida pelo infante, indiferente e afastada da figura de apego, não chorando quando esta se ausenta e demonstrando evitação em seu retorno; e o apego inseguro resistente, o qual envolve ansiedade das crianças, mesmo na presença de seu cuidador, intenso choro quando a figura de apego se ausenta e presença de comportamento ambivalente de busca de contato e resistência à proximidade (Vicente, 2009). Posteriormente, Main e Solomon (1990) identificaram o quarto padrão de apego, o apego desorganizado ou desorientado, no qual as crianças parecem manifestar um comportamento de conflito que impede que as mesmas mantenham um padrão organizado de apego.

Apesar de ser mais evidente no decorrer da primeira infância, o comportamento de apego caracteriza os sujeitos em todas as etapas do seu desenvolvimento (Bowlby, 1988/2005). Ainda que as circunstâncias presentes nas quais uma interação entre indivíduos se desenrola seja importante, se faz essencial apontar que as novas experiências são afetadas pelos padrões de apego já existentes (Sroufe, 2005). O apego consiste, então, em uma importante variável a ser analisada no contexto do desenvolvimento de habilidades sociais e cognitivas. Ademais, as experiências iniciais de um sujeito com seus cuidadores forma uma base para seus relacionamentos com outros indivíduos durante a vida adulta (Joireman et al., 2002). Os modelos internos de funcionamento, por sua vez, parecem ser preditos pelas experiências iniciais dos indivíduos (Lin et al., 2017).

Como consequência, a qualidade das relações iniciais de apego possui um papel importante no desenvolvimento socioemocional dos sujeitos (Arguz Cildir et al., 2019). Com efeito, crianças que apresentam padrões de apego inseguro exibem maior vulnerabilidade e risco de desenvolver psicopatologias (Madigan et al., 2016), como a depressão (Spruit et al., 2019), a ansiedade (Van Assche et al., 2020) e a psicopatia (Christian et al., 2017). Já as relações de apego seguro podem atuar como fatores protetivos contra problemas internalizantes (Pace et al., 2016) e externalizantes (Brumariu et al., 2018). Ademais, o apego seguro está correlacionado com adaptações acadêmicas, competência emocional, competência social com os pares e autoestima (Brumariu et al., 2018) e com a empatia (Lin et al., 2017).

Uma hipótese existente sobre a relação entre a empatia e o apego propõe que a empatia e seus percussores foram selecionados evolutivamente como ferramentas de sobrevivência das espécies a partir do cuidado parental (Gonzalez-Lienres et al., 2013). Consonantemente, Decety et al. (2012) sugere que a empatia possa ser compreendida como uma adaptação evolutiva para responder às necessidades da prole por meio do cuidado. Ademais, indivíduos que tenham vivenciado a segurança e o carinho derivado da empatia parental parecem ser mais propensos a ter o mesmo tipo de comportamento com seus descendentes, em comparação àqueles sujeitos que não possuíram tais experiências positivas (Gonzalez-Lienres et al., 2013).

Para além da dimensão evolucionista, a relação entre a empatia e o apego é frequentemente discutida na literatura (e.g., Britton & Fuendeling, 2005; Lyons et al., 2016; Stern et al., 2014; Thompson & Gullone, 2008). Indivíduos que tiveram suas necessidades satisfeitas na infância tendem a ser mais calorosos e empáticos para com outros sujeitos (Zahn-Waxler et al., 1991). Similarmente, a existência de um modelo funcional interno positivo sobre os outros estaria associada a uma maior propensão de experimentar empatia face ao sofrimento e angústia de outrem (Lin et al., 2017).

Estudos empíricos apontam que as dimensões cognitiva e afetiva da empatia apresentam correlações ou são preditas pelas relações de apego seguro de um sujeito com seus cuidadores primários (e.g., Boag & Carnelley, 2016; Britton & Fuendeling, 2005; Henschel et al., 2020; Murphy & Laible, 2013). Uma pesquisa envolvendo crianças de idade pré-escolar apontou que as relações de apego seguro das crianças com suas mães predisseram a preocupação empática (Murphy & Laible, 2013). Similarmente, Li et al. (2015) verificou correlações estatisticamente significativas entre as relações de apego de jovens adolescentes com suas mães e pais, a tomada de perspectiva e a preocupação empática. A dimensão cognitiva da empatia foi predita pelo estilo de apego seguro por meio da mediação da reavaliação cognitiva em um estudo utilizando uma amostra de adultos (Troyer & Greitemeyer, 2018).

Indivíduos com estilo de apego inseguro ansioso tendem a apresentar altos níveis de angústia pessoal e baixos níveis de tomada de perspectiva ao se depararem com o sofrimento de outros (Joireman et al., 2002). Em contraste, sujeitos que apresentam um padrão de apego inseguro evitativo apresentam baixos níveis de preocupação empática para com a angústia de outrem (Britton & Fuendeling, 2005). Assim sendo, a compreensão e identificação dos padrões de apego parece ser um importante elemento para a análise do desenvolvimento da empatia.

Os padrões de apego (seguros ou inseguros) apresentados por um dado sujeito dependem, em parte, da sua idade, de seu sexo e das circunstâncias da situação presente em questão; além de compreender, também, suas experiências com suas figuras de apego no

começo de sua vida (Bowlby, 1988/2005). Contudo, a contribuição parental para a formação de um vínculo tem sido negligenciada ao longo dos anos (Parker, 1990). Segundo Parker et al. (1979), uma das maneiras de definir a contribuição dos pais para a formação do apego com seus filhos consiste em mensurar os comportamentos e atitudes parentais.

Assim sendo, Parker et al. (1979) desenvolveu um instrumento de autorrelato (*Parental Bonding Instrument*; PBI) que pode ser utilizado para avaliar as memórias dos indivíduos em idade adulta sobre suas figuras de apego iniciais. Os comportamentos parentais percebidos podem ser avaliados a partir de duas dimensões: o cuidado e a superproteção. Enquanto o primeiro faz referência ao calor emocional, à empatia, à afeição e à proximidade parental (Ngai et al., 2018); o segundo envolve a intrusão e o controle parental em oposição ao encorajamento da autonomia (Parker et al., 1979).

Ainda que Parker (1990) tenha reforçado a importância dos comportamentos parentais percebidos na vida dos indivíduos, mesmo durante a sua fase adulta, a literatura envolvendo a influência parental sobre sujeitos adultos não é extensa (Lyons et al., 2016). A relevância desta temática se agrava em face aos resultados de estudos que indicam que a baixa qualidade das relações entre pais e filhos leva a resultados negativos, durante a fase adulta, no desenvolvimento de traços de personalidade (Lyons et al., 2013) e de comportamentos caracterizados por baixos níveis de empatia (Gao et al., 2009).

Um estudo sobre traços de personalidade antissocial em indivíduos adultos encontrou uma associação entre tais traços de personalidade com o baixo cuidado parental percebido e com alta superproteção maternal percebida em homens e mulheres (Reti et al., 2002). Em consonância, o estudo realizado por Chambers et al. (2001) envolvendo jovens infratores apontou que o baixo cuidado parental percebido foi relacionado com alta angústia psicológica em homens. Gao et al. (2009), em sua pesquisa sobre características de personalidades antissociais em adultos, obteve resultados que verificaram correlações entre o fator de desapego emocional da psicopatia e falta de cuidado maternal percebido e falta de superproteção parental percebida. Portanto, ainda que os três estudos apresentados não tenham abarcado diretamente o construto da empatia, pode-se supor que o cuidado parental percebido estaria positivamente associado tanto à preocupação empática e à tomada de perspectiva (Britton & Fuendeling, 2005).

O cuidado parental tem sido uma temática frequentemente estudada na literatura, inclusive em relação à empatia (e.g., Guo & Feng, 2017; Strayer & Roberts, 2004; Zahn-Waxler et al., 1991). Em um estudo utilizando uma população infantil, Strayer e Roberts (2004) encontraram uma associação entre o calor emocional parental (relacionado à dimensão do

cuidado parental) e a empatia nos infantes. O mesmo padrão de resultados foi encontrado em uma amostra de adolescentes, na qual o suporte maternal estava associado com a dimensão de tomada de perspectiva dos jovens (Soenens et al., 2007). Assim sendo, os estudos que apenas analisaram o cuidado parental (ou habilidades a ele relacionadas) encontraram resultados que sugerem que a prática do cuidado por parte de mães e pais possa ter influência sobre a empatia, ou sobre certas dimensões desta, de suas proles.

Um estudo chinês realizado com crianças apresentou interessantes resultados sobre a relação entre a empatia e os comportamentos parentais percebidos (Guo & Feng, 2017). Enquanto o calor emocional maternal e paternal apresentaram correlações positivas e moderadas com o construto da empatia, esta não se mostrou associada nem à superproteção materna ou à superproteção paterna. O calor emocional parental (isto é, a expressão, por parte dos pais, de amor, aceitação, conforto e suporte) promove relações mais seguras entre os cuidadores e seus filhos (Lansford et al., 2014) e, por isso, pode encorajar os últimos a buscar compreender as emoções e pensamentos de outrem (Guo & Feng, 2017). Já os achados relacionados à superproteção parental percebida podem ter sido decorrentes de uma maior adaptação das crianças chinesas a pais com estilos de criação superprotetora, experimentando, assim, menos frustrações e aversões a tais práticas parentais (Guo & Feng, 2017).

No contexto dos comportamentos parentais percebidos por suas proles durante a idade adulta, destaca-se o estudo realizado por Britton e Fuendeling (2005). Os autores encontraram uma correlação positiva entre a tomada de perspectiva e a superproteção parental, contrariando a hipótese inicial dos mesmos, segundo a qual a superproteção parental seria um preditor negativo da tomada de perspectiva. Por outro lado, a angústia pessoal foi negativamente correlacionada com a superproteção parental; tal dado parece indicar que o caráter intrusivo e de controle parental possa levar a emoções negativas aumentadas (Britton & Fuendeling, 2005). O cuidado parental não apresentou associações significativas com as dimensões empáticas de tomada de perspectiva, angústia pessoal e preocupação empática.

Por sua vez, a pesquisa de Lin et al. (2017) buscou analisar a relação entre empatia, apego e comportamentos parentais percebidos em adultos encarcerados. A percepção dos indivíduos encarcerados sobre a superproteção parental se associou positivamente aos níveis de preocupação empática. Ademais, o cuidado parental percebido foi correlacionado positivamente com a tomada de perspectiva. Conquanto a relação entre o cuidado parental e a tomada de perspectiva esteve de acordo com as expectativas dos pesquisadores (dado que a criança precisa ter suas necessidades atendidas para se tornar mais sensível e compreensiva para com as vivências de outrem), a associação entre a superproteção parental e a preocupação

empática foi oposta às predições realizadas pelos autores. Tal resultado pode estar relacionado com a população estudada que, ao ter vivido em contextos mais inseguros, pode ter sido beneficiada pela forte supervisão parental (Lin et al., 2017).

A partir dos estudos relatados, é possível observar que o cuidado parental percebido tende a apresentar associações claras com o construto da empatia, seja com a sua dimensão afetiva (Lyons et al., 2016), com a sua dimensão cognitiva (Soenens et al., 2007), ou com o construto mensurado de forma global (Guo & Feng, 2017; Lin et al., 2017; Strayer & Roberts, 2004). Apenas o estudo de Britton e Fuendeling (2005) não apresentou correlações significativas entre o cuidado parental percebido e nenhum dos componentes da empatia. Mesmo apresentando resultados semelhantes, é importante analisar se o cuidado parental percebido se relacionaria à empatia (e à quais dimensões desta) em um contexto brasileiro.

Em oposição, a superproteção parental percebida possui mais resultados controversos: conquanto alguns estudos não encontraram relações entre a superproteção parental percebida e a empatia (Guo & Feng, 2017), outros obtiveram resultados que apontam uma associação positiva do construto com a empatia (Britton & Fuendeling, 2005; Lin et al., 2017; Lyons et al., 2016), ainda que tal correlação não tenha sido prevista pelos autores. Parker et al. (1979), estipulou cinco tipos de vínculo parental que podem ser analisados a partir de seu instrumento; dentre estes, altos níveis de superproteção parental fazem parte de dois modelos: vínculo fraco ou ausente, o qual combina a alta superproteção parental com baixo cuidado parental, e o estilo de afeto constricto, que envolve altos níveis tanto de superproteção parental quanto de cuidado parental. O estilo parental de afeto constricto pode ter uma influência importante sobre o desenvolvimento da empatia (Gao et al., 2009; Lyons et al., 2016). Portanto, se faz necessário verificar, de forma mais detalhada, o papel da superproteção parental percebida no desenvolvimento da empatia em indivíduos adultos.

### **Empatia, sexo, cuidado e superproteção parental**

Um importante fator a ser considerado ao estudar a influência dos comportamentos parentais percebidos sobre a empatia é verificar o sexo dos cuidadores analisados. Indivíduos do sexo masculino e feminino não apenas aparentam apresentar diferenças em termos da empatia, mas podem divergir no cuidado e na superproteção que oferecem aos seus descendentes. Os seres humanos apresentam maior predisposição para imitar comportamentos de indivíduos de mesmo sexo (Losin et al., 2012). Ademais, há uma aparente tendência de sujeitos de um determinado sexo, durante a infância e a adolescência, se identificarem mais



com seus cuidadores de mesmo sexo do que com aqueles do sexo oposto (Feshbach, 1978; Starrels, 1994). Assim sendo, a partir da lacuna da temática na literatura, se faz essencial verificar se há diferenças entre o cuidado e superproteção maternos e paternos percebidos e, ademais, analisar se a consonância entre o sexo do cuidador e do indivíduo analisado pode ser um fator de influência dos comportamentos percebidos deste cuidador sobre a empatia de sua prole.

O estudo realizado por Lyons et al. (2016) teve como objetivo analisar não apenas a relação entre os comportamentos parentais percebidos e a empatia em adultos, mas também verificar o sexo dos cuidadores e dos próprios participantes como variáveis com efeitos importantes sobre a empatia. A partir de uma amostra de adultos ingleses, os resultados obtidos apontam para maiores níveis da dimensão afetiva da empatia e de vivências mais frequentes de superproteção paterna percebida nos relatos femininos do que nos masculinos. Ademais, em relação aos sujeitos do sexo masculino, o cuidado e a superproteção paternos percebidos foram preditores significativos da dimensão afetiva da empatia, enquanto o cuidado materno e a superproteção paterna percebida foram preditores significativos da dimensão cognitiva. Contudo, no caso das participantes mulheres, apenas a superproteção materna percebida se apresentou como preditora significativa da dimensão afetiva da empatia. Assim sendo, os autores afirmam que há uma tendência de que os filhos imitem os comportamentos advindos de seus cuidadores de mesmo sexo e que a influência do sexo da figura parental aparenta ser um importante fator na formação da empatia, principalmente em sua dimensão afetiva.

Dada a escassez de estudos que verifiquem o efeito das variáveis do sexo, cuidado e superproteção parental sobre a empatia, uma réplica da pesquisa de Lyons et al. (2016) pode ser benéfica para a melhor compreensão dos fatores que se relacionam e influenciam a empatia em contextos culturais diversos. Ademais dos procedimentos metodológicos realizados pelos autores citados, propõe-se a verificação de potenciais diferenças de mensuração dos instrumentos de empatia selecionados quanto ao sexo dos participantes a partir da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupos (AFCMG). Em adição, intenciona-se a realização de Análises de Variância (ANOVA) para investigar divergências das variáveis analisadas entre participantes de três áreas populosas do país, permitindo, assim, analisar a possível generalização dos resultados obtidos para o contexto brasileiro como um todo.

## 1 OBJETIVOS

### 1.1 Objetivo geral

Realizar uma réplica do estudo de Lyons et al. (2016), a fim de investigar a natureza da relação entre as dimensões cognitiva e afetiva da empatia e a superproteção e o cuidado parental percebido pelos participantes mediada pelo efeito do sexo dos cuidadores e dos participantes.

### 1.2 Objetivos específicos

1. Verificar as relações entre as dimensões da empatia e o cuidado materno e/ou paterno percebido pelos participantes;
2. Examinar as associações entre as dimensões da empatia e a superproteção materna e/ou paterna percebida pelos participantes;
3. Investigar se os cuidados materno e/ou paterno percebidos pelos participantes predizem alguma das dimensões da empatia;
4. Avaliar se a superproteção percebida pelos participantes (materna e/ou paterna) prediz alguma dimensão da empatia;
5. Analisar diferenças nos níveis de cuidado paterno e/ou materno percebido pelos participantes homens e mulheres;
6. Verificar divergências nos escores de superproteção paterna e/ou materna percebida pelos participantes do sexo masculino e feminino;
7. Examinar se há diferenças nos níveis de empatia relatados entre homens e mulheres;
8. Investigar se os instrumentos que medem a empatia são invariantes para participantes do sexo masculino e feminino;
9. Avaliar diferenças das variáveis analisadas (que concernem as dimensões da empatia e os comportamentos parentais percebidos) entre participantes das áreas dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e da região Nordeste.

## 2 HIPÓTESES

1. Prevê-se que o cuidado materno percebido pelos participantes seja positivamente correlacionado com alguma dimensão de empatia;
2. Conjectura-se que o cuidado paterno percebido pelos participantes seja positivamente correlacionado com alguma dimensão de empatia;
3. Espera-se que a superproteção maternal percebida pelos participantes seja positivamente associada com, no mínimo, uma das dimensões da empatia;
4. Prevê-se que a superproteção maternal percebida pelos participantes esteja positivamente associada com alguma dimensão da empatia;
5. Supõe-se que o cuidado e a superproteção maternal percebida pelas participantes do sexo feminino predigam alguma dimensão da empatia;
6. Prevê-se que o cuidado e a superproteção paterna percebida pelos participantes do sexo masculino predigam alguma dimensão da empatia.
7. Supõe-se que não haja diferenças entre os níveis de cuidado materno e paterno percebido pelos participantes do sexo masculino e feminino;
8. Conjectura-se que as mulheres relatem maiores níveis de superproteção paterna percebida, pelas mesmas, do que a superproteção paterna percebida pelos participantes homens;
9. Espera-se que as mulheres apresentem maiores níveis de empatia (em todas as suas dimensões) do que os homens;
10. Supõe-se que os instrumentos de empatia utilizados não tenham diferenças em seus parâmetros para os grupos de participantes dos sexos masculino e feminino;
11. Espera-se que não haja diferenças de resposta às variáveis entre participantes do Rio de Janeiro, de São Paulo e da região Nordeste.

### 3 MÉTODO

#### 3.1 Procedimentos éticos

O atual estudo foi realizado após o parecer positivo do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (protocolo n° 38885420.1.0000.5282, parecer n° 4.541.589).

#### 3.2 Participantes

Participaram deste estudo 477 indivíduos adultos, de ambos os sexos, sendo 316 do sexo feminino (66,2%). As idades variaram de 18 a 59 anos ( $M=31,28$ ,  $DP=11,34$ ). Os participantes eram, em sua maioria, originários do estado do Rio de Janeiro (72,1%). Do total da amostra, 55,8% tinham ensino superior completo e 59,3% eram solteiros. As demais informações descritivas podem ser encontradas na Tabela 2.

Tabela 2 - *Características sociodemográficas da amostra.*

Variável	Total (N=477)
Sexo	N (%)
Masculino	161 (33,8%)
Feminino	316 (66,2%)
Estado/Região	N (%)
Rio de Janeiro	344 (72,1%)
São Paulo	51 (10,7%)
Nordeste	50 (10,4%)
Norte	4 (0,8%)
Sul	12 (2,4%)
Centro-Oeste	3 (0,6%)
Minas Gerais + Espírito Santo	13 (2,7%)
Grau de Escolaridade	N (%)
Fundamental Incompleto	1 (0,2%)
Fundamental Completo	1 (0,2%)
Médio Incompleto	32 (6,7%)
Médio Completo	33 (6,9%)
Superior Incompleto	144 (30,2%)
Superior Completo	266 (55,8%)
Estado Civil	N (%)
Solteiro(a)	283 (59,3%)
Casado(a)	105 (22,0%)
Divorciado(a)	18 (3,8%)
Separado(a)	5 (1,0%)
União Estável	64 (13,4%)
Viúvo(a)	2 (0,4%)

### 3.3 Instrumentos

O formulário *online* foi constituído pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual se estabeleceu que os participantes não tivessem sua identidade divulgada, além de ter relatado os riscos e benefícios de participar da pesquisa e o direito de interromper a participação a qualquer momento, sem que nenhuma consequência estivesse envolvida (Apêndice A). Apenas após concordar assinando o TCLE, o participante poderia prosseguir para as próximas etapas de preenchimento do formulário.

Em seguida, o participante preencheu o questionário sociodemográfico, cujo intuito foi caracterizar a amostra estudada, apresentando questões sobre o sexo, idade, grau de escolaridade, cidade em que habita, estado em que vive e estado civil dos participantes. Ademais, foram utilizados três instrumentos para a coleta de dados: um que buscou acessar o cuidado e a superproteção parental e dois relativos à mensuração da empatia, listados a seguir.

O *Parental Bonding Instrument* (Parker et al., 1979) foi traduzido e adaptado para o contexto brasileiro por Hauck et al. (2005; Anexo 1) e avalia, a partir da percepção dos adultos, o vínculo estabelecido com seus pais durante a infância e adolescência. O instrumento apresenta 50 itens; dentre estes, 25 itens devem ser respondidos em relação às atitudes e comportamentos da mãe do participante, enquanto os demais itens devem ser assinalados em consonância com os comportamentos lembrados relativos ao pai do sujeito. A pontuação de cada item é obtida a partir da resposta do tipo *Likert* de quatro pontos (variando desde 0 “muito diferente” até 3 “muito parecido”). O instrumento apresenta duas escalas para cada um dos cuidadores primários: cuidado materno (12 itens;  $\alpha=0,91$ ), superproteção materna (13 itens;  $\alpha=0,87$ ), cuidado paterno (12 itens,  $\alpha=0,91$ ) e superproteção paterna (13 itens;  $\alpha=0,85$ ).

A Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI; Davis, 1983) consiste na avaliação da empatia através das reações às experiências observadas do outro. A versão traduzida e adaptada realizada por Koller et al. (2001; Anexo 2) apresenta 17 itens divididos em três subescalas: a escala de consideração empática (CE; 7 itens,  $\alpha=0,67$ ), a escala de tomada de perspectiva do outro (CG; 5 itens,  $\alpha=0,63$ ) e a escala de *personal distress*<sup>1</sup> (CC; 5 itens,  $\alpha=0,54$ ). O formato de resposta é do tipo *Likert* de cinco pontos (variando desde 1 “não me descreve bem” até 5 “descreve-me muito bem”).

O instrumento denominado Quociente de Empatia (EQ; Baron-Cohen & Wheelwright, 2004) foi traduzido e adaptado para o contexto brasileiro na sua versão curta composta por 21 itens (Castelhana-Souza et al., 2018; Anexo 3). A mensuração da empatia é realizada através

---

<sup>1</sup> Na adaptação do instrumento, os autores mantiveram a nomenclatura original da escala de *personal distress*, ainda que o termo utilizado seja frequentemente denominado, em português, como angústia pessoal.

das respostas em uma escala de quatro pontos (variando desde 1 “não me descreve bem” até 4 “descreve-me muito bem”) em quatro dimensões: empatia cognitiva (5 itens;  $\alpha=0,78$ ), reatividade emocional (5 itens;  $\alpha=0,73$ ), capacidades sociais (5 itens;  $\alpha=0,70$ ) e dificuldades empáticas (6 itens;  $\alpha=0,57$ ).

### 3.4 Procedimentos de coleta

Os dados foram coletados de forma online. Os participantes foram convidados a colaborar com a pesquisa através de convites enviados por e-mails, pela divulgação em redes sociais e por meio da técnica de bola de neve. A amostragem foi realizada por conveniência.

### 3.5 Procedimentos de análise de dados

#### 3.5.1 Análises realizadas de forma a replicar o estudo de Lyons et al. (2016)

A análise dos dados foi realizada englobando análises descritivas (análises de frequência, medidas de tendência central e dispersão), bem como análises inferenciais de correlações, regressões lineares múltiplas e testes *t*. Tais procedimentos também foram realizados por Lyons et al. (2016). No estudo mencionado, os escores do componente afetivo da empatia mensurados pelo EMRI e pelo EQ se correlacionaram de forma positiva e estatisticamente significativa. O mesmo ocorreu com os escores da dimensão cognitiva medidas pelos dois instrumentos. Assim, os autores transformaram, a partir da média aritmética dos escores-*z*, os escores de cada dimensão da empatia em uma única variável, a fim de evitar problemas de colinearidade. As variáveis compostas são formadas por duas ou mais variáveis que são altamente relacionadas estatística ou teoricamente, permitindo que erros do tipo I sejam mais controlados, apesar de potencialmente tornar mais difícil a interpretação de resultados e poder levar a perda de informações (Song et al., 2013).

No presente estudo, foram encontradas correlações estatisticamente significativas tanto na relação entre a variável de consideração empática e a variável de reatividade emocional ( $\rho=0,62$ ,  $p<0,001$ ), quanto na relação entre a variável de tomada de perspectiva e a variável de empatia cognitiva ( $\rho=0,25$ ,  $p<0,001$ ). Ainda que as correlações tenham sido estatisticamente significativas, as variáveis cognitivas da empatia tiveram uma correlação considerada fraca (ver Akoglu, 2018; Dancey & Reidy, 2019). Portanto, de forma a respeitar tanto o objetivo de realizar uma réplica de um estudo, quanto a associação fraca entre as variáveis que mensuram a dimensão cognitiva da empatia serão aqui reportados os resultados referentes às variáveis que mensuram a empatia separadamente (ou seja, consideração empática, tomada de perspectiva,

reatividade emocional e empatia cognitiva, mensurada pelo QE) e às variáveis de empatia formadas através da média aritmética dos escores-z, como efetuado por Lyons et al. (2016). As variáveis de empatia cognitiva e de empatia afetiva geradas através da padronização das variáveis medidas pelos instrumentos EMRI e QE serão denominadas no presente estudo, para fim de compreensão, como variáveis de empatia cognitiva e afetiva combinadas.

A normalidade dos dados foi avaliada por meio dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. Todas as variáveis, com exceção da variável de empatia cognitiva combinada, apresentaram distribuição não normal dos dados (as estatísticas descritivas mais relevantes podem ser observadas no Apêndice B). Assim, optou-se por utilizar o método de correlação de Spearman para avaliar as relações entre as dimensões da empatia e os comportamentos parentais percebidos.

Foram realizadas análises de regressão linear múltipla (método *forward*) com o objetivo de investigar em que medida os comportamentos parentais percebidos impactavam nas diferentes dimensões da empatia. As quatro variáveis parentais (cuidado materno, superproteção materna, cuidado paterno e superproteção paterna) foram inseridas como variáveis preditoras. Ainda que o estudo de Lyons et al. (2016) tenha optado pela realização das análises de regressão a partir do método *enter*, o método *forward* foi escolhido no presente estudo por apresentar um melhor manejo da multicolinearidade das variáveis preditoras (Field, 2020; Ruengvirayudh & Brooks, 2016). A condição de independência entre os resíduos foram analisada a partir do coeficiente de Durbin-Watson e do valor dos resíduos padronizados, enquanto a possível presença de *outliers* foi verificada por meio de resíduos padronizados, distância de Cook e distância de Mahalanobis (Field, 2020).

Realizaram-se testes-*t* de amostras independentes com o objetivo de investigar em que medida os níveis de empatia e dos comportamentos parentais percebidos era diferente entre participantes do sexo masculino e feminino. Foram realizados procedimentos de *bootstrapping* (1000 re-amostragens; 95% IC BCa) para corrigir os desvios de normalidade da distribuição da amostra (Field, 2020; Haukoos & Lewis, 2005). O pressuposto de homogeneidade de variância foi avaliado por meio do teste de Levene. Como foram feitos múltiplos testes *t*, os níveis de probabilidade associada foram interpretados como significativos apenas quando foram iguais ou menores do que 0,005 (valor calculado a partir da divisão de 0,05 por 10, refletindo o número de análises conduzidas), para que a interpretação dos dados pudesse ser mais fidedigna (Dancey & Reidy, 2019).

### 3.5.2 Análises extras à réplica do estudo de Lyons et al. (2016)

Em adição às análises estatísticas acima descritas, replicadas do estudo de Lyons et al. (2016), foi realizada uma análise fatorial confirmatória multigrupos (AFCMG) para avaliar se

havia diferenças nos parâmetros dos instrumentos que medem a empatia (EMRI e QE) para os grupos dos sexos masculino e feminino. A análise foi implementada utilizando o método de estimação *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS), adequado para dados categóricos (Li, 2016).

A AFCMG consistiu em avaliar a invariância da medida em três modelos: configural, métrico e escalar. O modelo 1 (invariância configural) analisou se a estrutura da escala (i.e. os fatores e o número de itens por fator) era aceitável para ambos os grupos masculino e feminino. O modelo 2 (invariância métrica) verificou se os itens têm importância (i.e. carga fatorial) considerada equivalente entre os grupos. Já o modelo 3 (invariância escalar) avaliou se havia equivalência entre grupos quanto aos *thresholds*, ou seja, quanto ao nível de traço latente necessário para endossar as categorias dos escores (Cheung & Rensvold, 2002).

Os índices de ajuste utilizados para avaliar os modelos foram: *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI). Valores de CFI e TLI devem ser maiores que 0,90 e, preferencialmente acima de 0,95; valores de RMSEA devem ser menor que 0,08 ou, preferencialmente menores que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior) inferior a 0,10; valores de SRMR devem ser inferiores a 0,08 (Brown, 2015). A invariância da medida foi avaliada utilizando o teste de diferença do CFI ( $\Delta$ CFI, Cheung & Rensvold, 2002). Se, ao analisar um novo modelo, for encontrada uma redução nos índices de CFI acima de 0,01, considera-se que a invariância da medida não pode ser acatada (Cheung & Rensvold, 2002).

Ademais, foram realizadas análises de variância de uma via (ANOVA-*One Way*) com o objetivo de avaliar se havia diferenças nos níveis de comportamentos parentais percebidos e de dimensões de empatia entre sujeitos de três áreas populosas do país (Rio de Janeiro, São Paulo e Nordeste). Os procedimentos de *bootstrapping* (1000 re-amostragens; 95% IC BCa) foram utilizados para corrigir os desvios de normalidade e para minimizar o efeito de diferenças entre os tamanhos dos grupos (Field, 2020; Haukoos & Lewis, 2005).

O pressuposto de homogeneidade de variância foi avaliado por meio do teste de Levene. A maioria das variáveis analisadas apresentou homogeneidade de variância e, portanto, elegeu-se a técnica *post-hoc* de Tukey (Dancey & Reidy, 2019). Contudo, para a variável que apresentou heterogeneidade de variância (empatia afetiva combinada), foi solicitada a correção de Welch e avaliação de *post-hoc* por meio da técnica de Games-Howell (Field, 2020). Os níveis de probabilidade associada foram considerados significativos apenas quando foram iguais ou menores do que 0,005, devido à quantidade de análises realizadas (Dancey & Reidy, 2019).



## 4 RESULTADOS

### 4.1 Resultados das análises da réplica do estudo de Lyons et al. (2016)

Inicialmente, buscou-se investigar as relações entre as dimensões da empatia e os comportamentos parentais percebidos. Os resultados para a amostra completa demonstraram que o cuidado materno se correlacionou significativamente com a consideração empática ( $\rho=0,10$ ,  $p<0,05$ , 1,0% de variância compartilhada), com a tomada de perspectiva ( $\rho=0,13$ ,  $p<0,01$ , 1,7% de variância compartilhada) e com a empatia cognitiva combinada ( $\rho=0,13$ ,  $p<0,01$ , 1,7% de variância compartilhada), ainda que os tamanhos de efeito tenham sido pequenos. Ademais, foram verificadas associações significativas entre as dimensões da empatia e relações significativas entre os comportamentos parentais percebidos (ver Tabela 3).

Tabela 3 - Análises de correlação de Spearman para a amostra completa.

	CM <sup>a</sup>	SM <sup>b</sup>	CP <sup>c</sup>	SP <sup>d</sup>	CE <sup>e</sup>	CG <sup>f</sup>	EG <sup>g</sup>	RE <sup>h</sup>	ECC <sup>i</sup>	ECA <sup>j</sup>
CM <sup>a</sup>	-									
SM <sup>b</sup>	-0,38**	-								
CP <sup>c</sup>	0,33**	-0,22**	-							
SP <sup>d</sup>	-0,21**	0,36**	-0,24**	-						
CE <sup>e</sup>	0,10*	0,005	0,078	0,031	-					
CG <sup>f</sup>	0,13**	-0,060	0,013	-0,044	0,31**	-				
EG <sup>g</sup>	0,059	-0,008	0,032	-0,058	0,32**	0,25**	-			
RE <sup>h</sup>	0,058	0,057	0,034	-0,012	0,62**	0,39**	0,53**	-		
ECC <sup>i</sup>	0,13**	-0,043	0,034	-0,060	0,41**	0,76**	0,80**	0,60**	-	
EAC <sup>j</sup>	0,089	0,036	0,056	0,009	0,89**	0,38**	0,48**	0,90**	0,56**	-

Nota: <sup>a</sup>CM=Cuidado Materno; <sup>b</sup>SM=Superproteção Materna; <sup>c</sup>CP=Cuidado Paterno; <sup>d</sup>Superproteção Paterna; <sup>e</sup>Consideração Empática; <sup>f</sup>Tomada de Perspectiva; <sup>g</sup>Empatia Cognitiva (QE); <sup>h</sup>Reatividade Emocional; <sup>i</sup>Empatia Cognitiva Combinada; <sup>j</sup>Empatia Afetiva Combinada.

\* =  $p < 0,05$ ; \*\* =  $p < 0,01$

Foram verificadas correlações significativas entre as dimensões da empatia em ambas as amostras de indivíduos dos sexos masculino e feminino, assim como houve associações significativas entre os comportamentos parentais percebidos para homens e mulheres (ver Tabela 4). Entretanto, não foram observadas correlações significativas entre os comportamentos parentais percebidos e a empatia para sujeitos do sexo masculino. Dentre a amostra feminina, verificaram-se correlações significativas e positivas entre o cuidado paterno e a consideração empática ( $\rho=0,11$ ,  $p<0,05$ , 1,2% de variância compartilhada) e entre o cuidado materno e as dimensões da consideração empática ( $\rho=0,15$ ,  $p<0,01$ , 2,3% de variância

compartilhada), da tomada de perspectiva ( $p=0,18$ ,  $p<0,01$ , 3,2% de variância compartilhada), da empatia cognitiva combinada ( $p=0,15$ ,  $p<0,01$ , 2,3% de variância compartilhada) e da empatia afetiva combinada ( $p=0,12$ ,  $p<0,05$ , 1,4% de variância compartilhada).

Tabela 4 - Análises de correlação de Spearman para indivíduos de ambos os sexos (as correlações para sujeitos do sexo masculino estão reportadas acima da diagonal).

	CM <sup>a</sup>	SM <sup>b</sup>	CP <sup>c</sup>	SP <sup>d</sup>	CE <sup>e</sup>	CG <sup>f</sup>	EG <sup>g</sup>	RE <sup>h</sup>	ECC <sup>i</sup>	ECA <sup>j</sup>
CM <sup>a</sup>	-	-0,29**	0,26**	-0,14	0,14	0,074	0,059	0,080	0,13	0,11
SM <sup>b</sup>	-0,41**	-	-0,27**	0,32**	0,064	-0,044	-0,006	0,070	-0,027	0,078
CP <sup>c</sup>	0,37**	-0,20**	-	-0,17*	-0,038	-0,11	-0,089	-0,089	-0,12	-0,076
SP <sup>d</sup>	-0,21**	0,39**	-0,28**	-	-0,006	-0,082	-0,043	-0,090	-0,070	-0,057
CE <sup>e</sup>	0,15**	-0,029	0,11*	0,010	-	0,28**	0,13	0,53**	0,30**	0,85**
CG <sup>f</sup>	0,18**	-0,075	0,062	-0,041	0,32**	-	0,25**	0,48**	0,79**	0,43**
EG <sup>g</sup>	0,062	-0,014	0,086	-0,072	0,41**	0,26**	-	0,45**	0,76**	0,35**
RE <sup>h</sup>	0,077	0,039	0,083	-0,002	0,65**	0,33**	0,58**	-	0,61**	0,89**
ECC <sup>i</sup>	0,15**	-0,053	0,11	-0,075	0,46**	0,75**	0,81**	0,58**	-	0,53**
EAC <sup>j</sup>	0,12*	0,004	0,10	0,003	0,90**	0,35**	0,54**	0,91**	0,57**	-

Nota: <sup>a</sup>CM=Cuidado Materno; <sup>b</sup>SM=Superproteção Materna; <sup>c</sup>CP=Cuidado Paterno; <sup>d</sup>Superproteção Paterna; <sup>e</sup>Consideração Empática; <sup>f</sup>Tomada de Perspectiva; <sup>g</sup>Empatia Cognitiva (QE); <sup>h</sup>Reatividade Emocional; <sup>i</sup>Empatia Cognitiva Combinada; <sup>j</sup>Empatia Afetiva Combinada.

\* =  $p < 0,05$ ; \*\* =  $p < 0,01$

Ademais das análises de correlação, realizaram-se diversas regressões lineares múltiplas para verificar em que medida os quatro comportamentos parentais percebidos impactavam nos níveis de empatia em suas diferentes dimensões. Os resultados, para a amostra completa, demonstraram haver uma influência significativa do cuidado materno sobre a tomada de perspectiva ( $F(1, 475) = 6,79$ ,  $p = 0,010$ ;  $R^2_{ajustado} = 0,014$ ; ver Tabela 5) e a empatia cognitiva combinada ( $F(1, 475) = 4,16$ ,  $p = 0,042$ ;  $R^2_{ajustado} = 0,007$ ; ver Tabela 6).

Tabela 5 - Variáveis preditoras da Tomada de Perspectiva para a amostra completa.

Preditores	Coeficientes padronizados		t	Sig.	R <sup>2</sup>	ΔR <sup>2</sup>
	Beta					
(Constant)	-		39,23	0,000	-	-
Cuidado Materno	0,12		2,60	0,010	0,014	-

Tabela 6 - Variáveis preditoras da Empatia Cognitiva Combinada para a amostra completa.

Preditores	Coeficientes padronizados		t	Sig.	R <sup>2</sup>	ΔR <sup>2</sup>
	Beta					
(Constant)	-		-1,91	0,057	-	-
Cuidado Materno	0,93		2,04	0,042	0,007	-

Para a amostra feminina, o cuidado materno foi um preditor significativo nos modelos de regressão para as variáveis de desfecho de consideração empática ( $F(1, 314) = 5,48$ ,  $p = 0,020$ ;  $R^2_{ajustado} = 0,014$ ; ver Tabela 7), tomada de perspectiva ( $F(1, 314) = 9,36$ ,  $p = 0,002$ ;  $R^2_{ajustado} = 0,026$ ; ver Tabela 8) e empatia cognitiva combinada ( $F(1, 314) = 5,19$ ,  $p = 0,023$ ;

$R^2_{\text{ajustado}} = 0,013$ ; ver Tabela 9). Contudo, nenhum comportamento parental percebido foi preditor significativo de qualquer dimensão da empatia. As variáveis excluídas dos modelos significativos podem ser observadas no Apêndice C.

Tabela 7 - Variáveis preditoras da Consideração Empática para o sexo feminino.

Preditores	Coeficientes padronizados		<i>t</i>	Sig.	$R^2$	$\Delta R^2$
	<i>Beta</i>					
(Constant)	-		42,98	<0,001	-	-
Cuidado Materno	0,13		2,34	0,020	0,014	-

Tabela 8 - Variáveis preditoras da Tomada de Perspectiva para o sexo feminino.

Preditores	Coeficientes padronizados		<i>t</i>	Sig.	$R^2$	$\Delta R^2$
	<i>Beta</i>					
(Constant)	-		37,18	<0,001	-	-
Cuidado Materno	0,17		3,06	0,002	0,026	-

Tabela 9 - Variáveis preditoras da Empatia Cognitiva Combinada para o sexo feminino.

Preditores	Coeficientes padronizados		<i>t</i>	Sig.	$R^2$	$\Delta R^2$
	<i>Beta</i>					
(Constant)	-		-1,65	0,099	-	-
Cuidado Materno	0,13		2,28	0,023	0,013	-

Foram realizados testes *t* de Student para amostras independentes com o objetivo de investigar em que medida os níveis dos comportamentos parentais percebidos e os níveis de empatia eram diferentes para os participantes dos sexos masculino e feminino (ver Tabela 10). Os resultados apontaram que os homens reportaram um nível estatisticamente maior de cuidado materno percebido ( $M=27,20$ ,  $DP=7,25$ ) do que as mulheres ( $M=23,32$ ,  $DP=9,94$ ;  $t(418,04)=4,85$ ,  $p=0,001$ ,  $d=0,43$ ); enquanto as mulheres reportaram níveis estatisticamente maiores de superproteção paterna percebida ( $M=14,02$ ,  $DP=9,70$ ) do que os homens ( $M=11,33$ ,  $DP=8,40$ ;  $t(365,65)=-3,14$ ,  $p=0,002$ ,  $d=0,29$ ).

Tabela 10 - Resultados do teste *t* de diferença nos níveis de comportamentos parentais percebidos entre participantes dos sexos masculino e feminino.

		Escores		Estatística do teste <i>t</i> ( <i>Bootstrapping sample</i> )					
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>Gf</i>	Valor- <i>p</i>	Diferença de Média	IC da Diferença de Média (95%)	
								Limite inferior	Limite superior
Cuidado Materno	Masculino	27,20	7,25	4,85	418,04	0,001	3,88	2,21	5,43
	Feminino	23,32	9,94						
Superproteção Materna	Masculino	15,73	7,84	-0,95	391,16	0,34	-0,79	-2,34	0,77
	Feminino	16,51	9,82						
Cuidado Paterno	Masculino	18,78	9,26	-1,44	354,67	0,15	-1,34	-3,25	0,41
	Feminino	20,12	10,33						
Superproteção Paterna	Masculino	11,33	8,40	-3,14	365,65	0,002	-2,69	-4,42	-1,03
	Feminino	14,02	9,70						

No que se refere às diferenças relativas à empatia, as mulheres reportaram níveis estatisticamente maiores do que os homens em todas as variáveis que refletem a dimensão afetiva da empatia (ver Tabela 11), a saber: consideração empática ( $M=28,92$ ,  $DP=4,49$ ; e  $M=26,58$ ,  $DP=4,68$ , respectivamente;  $t(475)=-5,30$ ,  $p=0,001$ ,  $d=0,51$ ), reatividade emocional ( $M=6,11$ ,  $DP=2,50$ ;  $M=5,19$ ,  $DP=2,62$ , respectivamente;  $t(475)=-3,76$ ,  $p=0,001$ ,  $d=0,36$ ) e empatia afetiva combinada ( $M=0,14$ ,  $DP=0,89$ ;  $M=-0,28$ ,  $DP=0,89$ , respectivamente;  $t(475)=-5,00$ ,  $p=0,001$ ,  $d=0,47$ ). Ainda que tenha sido observado uma diferença estatisticamente significativa entre os sexos acerca da tomada de perspectiva ( $t(475)=-2,09$ ,  $p=0,037$ ,  $d=0,20$ ), a mesma pode ter sido decorrente de erro amostral, dado que foram realizados diversos testes  $t$ . Ademais, o tamanho de efeito foi pequeno, podendo não apresentar influência real sobre a amostra (Cohen, 1988; Dancey & Reidy, 2019).

Tabela 11 - Resultados do teste  $t$  de diferença nos níveis de empatia entre participantes dos sexos masculino e feminino.

		Escore		Estatística do teste $t$ ( <i>Bootstrapping sample</i> )					
		$M$	$DP$	$t$	$Gl$	Valor- $p$	Diferença de Média	IC da Diferença de Média (95%)	
								Limite inferior	Limite superior
Consideração Empática	Masculino	26,58	4,68	-5,30	475	0,001	-2,34	-3,28	-1,44
	Feminino	28,92	4,49						
Tomada de Perspectiva	Masculino	25,60	5,20	-2,09	475	0,037	-0,98	-1,92	-0,040
	Feminino	26,58	4,69						
Empatia Cognitiva (QE)	Masculino	4,04	2,74	-0,96	475	0,34	-0,26	-0,78	0,25
	Feminino	4,30	2,83						
Reatividade Emocional	Masculino	5,19	2,62	-3,76	475	0,001	-0,92	-1,40	-0,41
	Feminino	6,11	2,50						
Empatia Cognitiva Combinada	Masculino	-0,098	0,79	-1,93	475	0,054	-0,15	-0,29	0,0051
	Feminino	0,050	0,78						
Empatia Afetiva Combinada	Masculino	-0,28	0,89	-5,00	475	0,001	-0,43	-0,59	-0,26
	Feminino	0,14	0,89						

#### 4.2 Resultados das análises extras à réplica do estudo de Lyons et al. (2016)

Para além das análises de replicação do estudo de Lyons et al. (2016), foram efetuadas duas AFCMG para verificar se havia invariância das medidas EMRI e QE para os grupos de participantes de ambos os sexos. A Tabela 12 apresenta os resultados da AFCMG para o instrumento QE. Os índices de ajuste apontam a invariância configural, métrica e escalar, demonstrando que a medida citada é equivalente para homens e mulheres, permitindo que a comparação entre grupos possa ser realizada.

Tabela 12 - Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) para o Quociente de Empatia (QE).

Invariância da medida	Goodness-of-fit indexes				
	QE	RMSEA (90% IC)	SRMR	TLI	CFI
Invariância Configural	0,031 (0,019 – 0,040)	0,061	0,988	0,990	-
Invariância Métrica	0,034 (0,025 – 0,043)	0,064	0,985	0,986	-0,004
Invariância Escalar	0,034 (0,024 – 0,043)	0,062	0,985	0,986	0

Conforme pode ser observado na Tabela 13, os resultados do instrumento EMRI não acatam a invariância métrica, demonstrando que esta não é uma medida equivalente para homens e mulheres, não sendo recomendável a comparação entre grupos através da mesma.

Tabela 13 - Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) para a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI).

Invariância da medida	Goodness-of-fit indexes				
	EMRI	RMSEA (90% IC)	SRMR	TLI	CFI
Invariância Configural	0,050 (0,043 – 0,058)	0,078	0,920	0,929	-
Invariância Métrica	0,053 (0,045 – 0,060)	0,082	0,912	0,919	-0,010
Invariância Escalar	0,052 (0,045 – 0,059)	0,079	0,914	0,917	-0,002

Realizaram-se análises no *software* AMOS para verificar quais itens não apresentaram cargas fatoriais equivalentes entre grupos, como pode ser verificado na Tabela 14 e na Figura 1. Para apresentarem invariância métrica, os itens devem apresentar valor-*p* não significativo associado ao valor do qui-quadrado, refutando, assim, a hipótese nula de que há diferença na carga fatorial entre grupos (Byrne, 2009; French & Finch, 2008). Seis itens da medida se mostraram não invariantes, dentre os quais quatro compunham a subescala de consideração empática do EMRI (ver Tabela 15).

Tabela 14 - Valores de significância dos modelos de invariância das cargas fatoriais, assumindo que o modelo configural seja invariante.

Modelos das cargas fatoriais (item da EMRI)	<i>Gl</i>	$\chi^2$	Valor- <i>p</i>
a1 (item 3)	1	4,362	,037*
a2 (item 6)	1	2,054	,152
a3 (item 10)	1	4,374	,036*
a4 (item 13)	1	4,086	,043*
a5 (item 15)	1	1,633	,201
a6 (item 17)	1	5,902	,015*
a7 (item 5)	1	1,558	,212
a8 (item 8)	1	,097	,755
a9 (item 11)	1	,119	,730
a10 (item 16)	1	2,277	,131
a11 (item 19)	1	,021	,884
a12 (item 21)	1	,217	,641
a13 (item 7)	1	,034	,855
a14 (item 9)	1	3,025	,082

Tabela 14 - Valores de significância dos modelos de invariância das cargas fatoriais, assumindo que o modelo configuracional seja invariante.

Modelos das cargas fatoriais (item da EMRI)	Gl	$\chi^2$	Valor-p
a15 (item 12)	1	1,641	,200
a16 (item 14)	1	4,671	,031*
a17 (item 18)	1	7,178	,007**
a18 (item 20)	1	1,104	,293

Nota: \* =  $p < 0,05$ ; \*\* =  $p < 0,01$ .

Figura 1 - Modelo para AFCMG do instrumento EMRI para o sexo masculino.

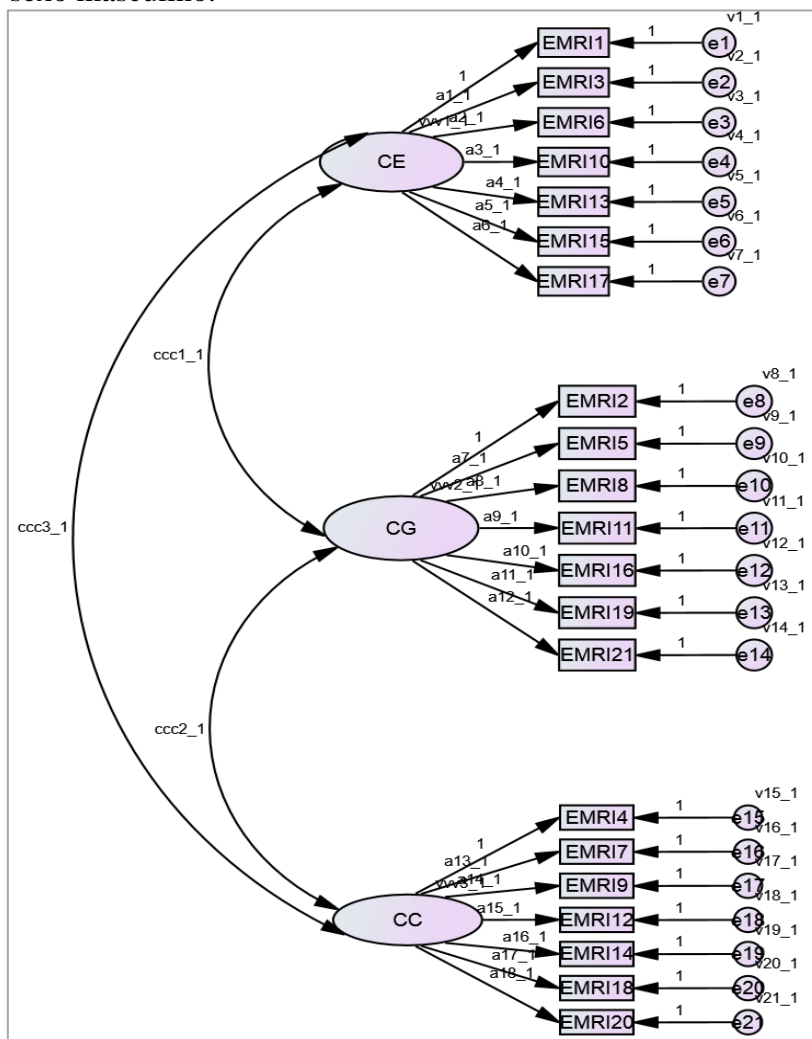


Tabela 15 - Itens da EMRI que não apresentaram invariância entre homens e mulheres.

Item	Dimensão avaliada	Descrição do item
EMRI 3	Consideração Empática	Às vezes, eu não lamento por outras pessoas que estão tendo problemas.
EMRI 10	Consideração Empática	As desgraças e problemas dos outros em geral não me perturbam muito.
EMRI 13	Consideração Empática	Quando eu vejo alguém sendo injustiçado, eu às vezes não sinto muita pena dele.
EMRI 14	<i>Personal distress</i>	Geralmente eu sou muito efetivo para lidar com emergências.
EMRI 17	Consideração Empática	Eu despreveria a mim mesmo como uma pessoa de coração mole.
EMRI 18	<i>Personal distress</i>	Eu tendo a perder o controle durante emergências.

Foram realizadas análises de variância de uma via para verificar se participantes de três das áreas mais populosas do Brasil teriam diferenças estatisticamente significativas nas repostas às variáveis testadas (ver Tabela 16). Com exceção da variável de empatia afetiva combinada, todas as demais variáveis acataram ao critério de homogeneidade de variância assumida. Os resultados da ANOVA demonstraram que havia diferenças entre os grupos para a empatia afetiva combinada [Welch's  $F(2, 85,217) = 3,15, p=0,048, \eta^2=0,012$ ]. Contudo, tal resultado pode ter sido decorrente do erro amostral, dado que os valores- $p$  abaixo de 0,005 tem maior chance de representarem a realidade da amostra, já que foram realizadas dez ANOVAs (Dancey & Reidy, 2019).

Tabela 16 - Estatística-F para as variáveis dependentes de acordo com a região de origem dos participantes.

Estatística da ANOVA ( <i>Bootstrapping sample</i> )			
Variável Dependente	<i>F</i>	<i>Gl</i>	Valor- <i>p</i>
Cuidado Materno	0,41	2, 443	0,667
Cuidado Paterno	1,87	2, 443	0,155
Superproteção Materna	1,07	2, 443	0,345
Superproteção Paterna	0,58	2, 443	0,558
Consideração Empática	1,94	2, 443	0,145
Tomada de Perspectiva	0,017	2, 443	0,984
Empatia Cognitiva (QE)	0,84	2, 443	0,434
Reatividade Emocional	2,49	2, 443	0,084
Empatia Cognitiva Combinada	0,38	2, 443	0,686
Empatia Afetiva Combinada	3,15	2, 85,217	0,048

O teste *post-hoc* de Games-Howell demonstrou que não foram encontradas diferenças significativas entre nenhum dos grupos analisados (ver Tabela 17). Assim sendo, o nível de significância associado à estatística *F* de Welch para a variável de empatia afetiva combinada parece ter sido originário de erro amostral. Portanto, participantes originários dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e da região Nordeste não apresentam diferenças significativas entre as variáveis de comportamentos parentais percebidos e de empatia.

Tabela 17 - Teste *post-hoc* de Games-Howell com Bootstrapping (95% IC Bca) para a variável da empatia afetiva combinada.

Comparações entre grupos		Diferença de Médias	Valor- <i>p</i>	Estimativas de <i>Bootstrapping</i> (95% IC Bca)		
				Erro-padrão	Limite inferior	Limite Superior
Rio de Janeiro	São Paulo	0,18	0,519	0,17	-0,14	0,50
	Nordeste	-0,24	0,095	0,11	-0,45	-0,021
São Paulo	Nordeste	-0,41	0,069	0,18	-0,77	-0,025

### 4.3 Comparação dos resultados entre o estudo atual e aquele conduzido por Lyons et al. (2016)

As análises de correlação conduzidas por Lyons et al. (2016) apontaram resultados similares aos do presente estudo no que se refere às associações entre os comportamentos parentais percebidos. As dimensões de cuidado se correlacionaram de forma negativa e estatisticamente significativa para os participantes do sexo feminino e masculino em ambas as análises. Ademais, em consonância com os resultados obtidos a partir da amostra brasileira, Lyons et al. (2016) também apontaram correlações de força moderada para as variáveis de empatia afetiva combinada e empatia cognitiva combinada para participantes de ambos os sexos.

Os padrões de correlações entre os comportamentos parentais percebidos foram diferentes entre os estudos. Enquanto Lyons et al. (2016) verificou associações significativas entre o cuidado materno e a empatia cognitiva combinada e entre o cuidado paterno e a empatia afetiva combinada para sujeitos do sexo masculino, os participantes brasileiros homens não apresentaram nenhuma correlação significativa com comportamentos maternos ou paternos percebidos. Dentre as participantes do sexo feminino, aquelas de nacionalidade inglesa exibiram correlação significativa apenas entre o cuidado materno e a empatia afetiva combinada, enquanto as brasileiras apontaram relações significativas entre o cuidado materno e as variáveis de consideração empática, tomada de perspectiva, empatia cognitiva combinada e empatia afetiva combinada, além de terem apresentado uma correlação fraca e significativa entre o cuidado materno e a consideração empática.

Dentre as análises de regressões múltiplas realizadas pelos dois estudos, divergências importantes foram encontradas para participantes de ambos os sexos. Conquanto a amostra brasileira masculina não apresentasse preditores significativos de nenhuma das dimensões da empatia, os sujeitos ingleses do sexo masculino apontaram o cuidado paterno como preditor da empatia afetiva, a superproteção paterna como preditora da empatia afetiva e da empatia cognitiva e o cuidado materno como preditor da empatia cognitiva. Inversamente, o cuidado materno predisse significativamente a consideração empática, a tomada de perspectiva e a dimensão da empatia cognitiva combinada para as mulheres brasileiras, enquanto apenas a superproteção materna predisse a empatia afetiva para as participantes de nacionalidade inglesa.

Os testes de diferença nos níveis de comportamentos parentais percebidos e nos níveis de empatia entre participantes dos sexos feminino e masculino foram similares em ambos os estudos. Tanto a pesquisa original quanto a réplica verificaram que as participantes mulheres



reportaram significativamente mais superproteção paterna e empatia afetiva do que os homens. No presente estudo, as três variáveis que buscavam mensurar aspectos afetivos da empatia (consideração empática, reatividade emocional e empatia afetiva combinada) apresentaram diferenças significativas entre homens e mulheres, replicando, então, o resultado de Lyons et al. (2016). Ademais, os homens brasileiros reportaram níveis significativamente maiores de cuidado materno do que as mulheres; contudo, tal resultado não foi obtido pelo estudo inglês original.

O presente estudo optou por realizar as análises envolvendo as dimensões de empatia mensuradas pelas duas escalas escolhidas de forma separada e de criar duas dimensões de empatia (afetiva e cognitiva) combinadas, como conduzido por Lyons et al. (2016). A partir dos resultados observados, pode-se verificar que não houve diferenças dignas de justificativa entre os dados obtidos separadamente e através a combinação de subescalas. Contrariamente, as dimensões de empatia combinadas apresentaram tendências de resultados similares àqueles analisados a partir das dimensões de consideração empática, tomada de perspectiva, reatividade emocional e empatia cognitiva (mensurada pelo QE).

## 5 DISCUSSÃO

A empatia tem sido a temática principal de diversos estudos e experimentos nos últimos anos; dentre estes, as análises fatores que influenciam o desenvolvimento dessa habilidade social tem sido valorizadas (Yamamoto, 2016). Neste contexto, os comportamentos parentais percebidos, como o cuidado e a superproteção parental, e o sexo podem ser importantes para a melhor compreensão de como a empatia é afetada por fatores culturais e biológicos. Como o presente estudo visou realizar uma réplica da pesquisa conduzida por Lyons et al. (2016), as análises das relações entre a empatia, o sexo e o cuidado e a superproteção parental, seguirão os passos do artigo que originou esta investigação.

### 5.1 Dimensões da empatia e sexo

As dimensões da empatia mensuradas no presente estudo tiveram correlações significativas e positivas entre si. No estudo original sobre as propriedades psicométricas do QE, a EMRI foi apontada como uma medida de validade concorrente, cujas subescalas de tomada de perspectiva e consideração empática apresentaram correlações positivas e moderadas com a empatia cognitiva e a reatividade emocional, respectivamente (Lawrence et al., 2004). Assim sendo, os resultados atuais apontam que a tomada de perspectiva teve um coeficiente de correlação fraco com a empatia cognitiva, enquanto a consideração empática apresentou um relacionamento considerado como moderado com a reatividade emocional. Outros autores também encontraram o mesmo padrão de resultados (e.g., Berthoz et al., 2008; Dimitrijević et al., 2012; Kim & Lee, 2010; Lyons et al., 2016; Wertag & Hanzec, 2016).

Apesar de a tomada de perspectiva e a empatia cognitiva se proporem a mensurar a mesma dimensão da empatia, elas são construtos diferenciados. A empatia cognitiva, mensurada pelo QE, está em consonância com a definição de teoria da mente e envolve mais a apreciação de estados afetivos do que o construto da tomada de perspectiva (Davis, 1983; Lawrence et al., 2004). Por exemplo, conquanto os itens da subescala de tomada de perspectiva da EMRI abordam apenas a adoção do ponto de vista de outrem (e.g., item 8 “Às vezes, eu tento entender melhor meus amigos, imaginando como as coisas são vistas da perspectiva deles”; item 16 “Eu acredito que existem dois lados para cada questão e tento olhar para ambos”; e item 19 “Quando eu estou incomodado com alguém, geralmente eu tento me colocar em seu lugar por um momento”), alguns itens da subescala de empatia cognitiva do QE envolvem a mensuração de elementos afetivos e sociais (e.g., item 12 “As outras pessoas me

dizem que sou bom para perceber como elas se sentem ou o que estão pensando”; e item 19 “Eu consigo perceber quando outra pessoa está disfarçando os seus verdadeiros sentimentos”). Tal divergência pode explicar o porquê da tomada de perspectiva e da empatia cognitiva apresentarem coeficientes de correlação fracos em diferentes populações (Lawrence et al., 2004).

A reatividade emocional reflete a tendência de se ter uma reação emocional em resposta aos estados mentais de outros sujeitos (Lawrence et al., 2004). Este parece ser o fator que mais se associa com outras medidas de empatia, principalmente com aquelas que mensuram a dimensão afetiva do construto (Berthoz et al., 2008). A abertura e vontade de um indivíduo expressar suas emoções em resposta ao estado mental de outrem (Muncer & Ling, 2006) podem estar relacionadas com a capacidade de reconhecer afetos e necessidades em outros sujeitos (Koller et al., 2011). Assim sendo, é possível que a reatividade emocional e a consideração empática mensurem construtos que tenham influência um sobre o outro, o que poderia justificar uma associação de intensidade moderada entre os mesmos.

Dado que foram realizados cálculos de médias a partir de escores-z para gerar as variáveis de empatia afetiva e empatia cognitiva combinada, as fortes correlações da reatividade emocional e da consideração empática com a empatia afetiva combinada e da empatia cognitiva e da tomada de perspectiva com a empatia cognitiva combinada eram esperadas. Em consonância com a associação moderada da empatia afetiva combinada com a empatia cognitiva combinada, as demais variáveis que mensuram a dimensão afetiva do construto (i.e., consideração empática e reatividade emocional) também apresentaram coeficientes de correlação moderados com a empatia cognitiva combinada. O mesmo padrão de resultados foi observado entre as variáveis relacionadas à dimensão cognitiva da empatia e a empatia afetiva combinada.

A consideração empática e a tomada de perspectiva apresentaram associações de intensidade fraca nas análises deste estudo e em outras pesquisas realizadas em diversos contextos culturais (e.g., Berthoz et al., 2008; Davis, 1983; Dimitrijević et al., 2012; Gilet et al., 2013; Lachmann et al., 2018; Melchers et al., 2014; Sindermann et al., 2019; Siu & Shek, 2005; Van Heel et al., 2020; Wertag & Hanzec, 2016; Yaghoubi Jam et al., 2019). Uma correlação moderada e positiva foi encontrada na adaptação realizada por Koller et al. (2011).

Segundo Davis (1983), a tomada de perspectiva e a consideração empática devem apresentar uma relação positiva entre si, dado que a adoção da perspectiva de outrem está associada a sentimentos de simpatia e preocupação com os demais. As relações entre as dimensões afetiva e cognitiva da empatia não são simples ou unidirecionais (Eisenberg et al., 1991), além de não avaliarem exatamente o mesmo construto, mas mensurarem diferentes

aspectos daquele (Gilet et al., 2013). Portanto, a adoção da perspectiva do outro e a preocupação generalizada para com os demais (Koller et al., 2011) são aspectos importantes para a empatia, apesar de serem distintos, visto que a empatia não deve ser tratada como um construto unipolar (Davis, 1983).

A correlação entre a empatia cognitiva e a reatividade emocional foi moderada para a amostra completa e para as amostras divididas por sexo. O mesmo foi verificado pelo estudo de adaptação e de avaliação das propriedades psicométricas do QE no contexto brasileiro (Castelhano-Souza et al., 2018). Resultados semelhantes foram reportados em outros contextos culturais (e.g., Dimitrijević et al., 2012; Kim & Lee, 2010; Redondo & Herrero-Fernández, 2018; Rodrigues et al., 2011; Wertag & Hanzec, 2016; Zhang et al., 2018).

A intensidade moderada da associação acima mencionada, ao invés de uma correlação fraca, como entre os fatores da EMRI, pode ser explicada pelos itens que compõem a subescala de reatividade emocional. Nesta, há alguns itens que se referem não apenas à tendência de se ter uma resposta emocional aos estados mentais de outrem, mas também envolvem a captação da perspectiva de outros sujeitos (Lawrence et al., 2004; Redondo & Herrero-Fernández, 2018). Portanto, é possível que haja certa sobreposição nos aspectos mensurados pelos dois fatores citados. É importante notar, entretanto, que o QE é frequentemente utilizado como um instrumento unidimensional de empatia (e.g., Wakabayashi, Baron-Cohen et al., 2006; Wind et al., 2019; Zhao et al., 2018), pois sua construção teve como preceito que os componentes afetivo e cognitivo da empatia não poderiam ser facilmente separados (Baron-Cohen & Wheelwright, 2004).

Os resultados aqui apresentados acerca das associações entre as dimensões da empatia estão de acordo com a literatura. Há uma aparente consonância acerca das relações dos componentes afetivos e cognitivos da empatia, mesmo quando estes são mensurados através de diferentes instrumentos, entre diferentes culturas. Tal padrão esperado de resultado possibilita que análises mais complexas sejam realizadas em relação à empatia, como apresentadas a seguir, em associação com as variáveis do sexo e dos comportamentos parentais percebidos, e que estas sejam comparadas com estudos advindos de outros contextos culturais.

Verificou-se, também, se houve diferenças entre os níveis de empatia reportados pelos participantes, de acordo com o seu sexo. Os resultados que apontam para níveis maiores de empatia afetiva das mulheres, encontrados no presente estudo, estão de acordo com a literatura (Calandri et al., 2019; de Wield et al., 2007; Kempe & Heffernan, 2011; Muncer & Ling, 2006). Ademais, o mesmo padrão de resultado foi obtido no estudo de Lyons et al. (2016). Há evidências que apontam que as mulheres apresentam escores melhores do que os homens na

dimensão de consideração empática medida pela EMRI, mas que não há diferença significativa entre sexos na dimensão de tomada de perspectiva (Fernández et al., 2011; Gillet et al., 2013; Grevenstein, 2020; Lucas-Molina et al., 2017).

Em um estudo sobre empatia em uma amostra de adolescentes, os resultados apontaram que, conquanto houvesse diferenças entre os níveis de tomada de perspectiva entre meninos e meninas durante o começo e a fase intermediária da adolescência, as diferenças entre os sexos em relação à consideração empática puderam ser observadas do início da adolescência em diante (Van der Graaf et al., 2014). A diferença dos níveis de consideração empática entre indivíduos (com os níveis mais altos pertencentes aos sujeitos do sexo feminino) parece ser mais forte do que a diferença entre sexos relativa à tomada de perspectiva (Davis & Franzoi, 1991; Kamas & Preston, 2021; Van der Graaf et al., 2014).

Consonantemente, Hoffman (1977) indica que homens e mulheres diferem pouco quanto aos seus níveis de dimensões cognitivas da empatia, mas que a divergência entre os mesmos é muito maior quanto aos aspectos afetivos da empatia. Tais proposições estão de acordo com os resultados do presente estudo, os quais, apesar de demonstrarem uma tendência das mulheres expressarem mais tomada de perspectiva do que os homens, podem ter ocorrido devido ao erro amostral. Entretanto, os níveis mais altos femininos nas variáveis que representam a dimensão afetiva da empatia estiveram associados a tamanhos de efeitos médios para a consideração empática e para a empatia afetiva combinada e a um tamanho de efeito pequeno para a reatividade emocional.

Quando há diferenças entre os sexos no que se refere à dimensão afetiva da empatia, é possível que as mesmas sejam resultado de tentativas dos sujeitos do sexo feminino em se conformarem aos comportamentos esperados para as mulheres (Bluhm, 2017). Neste sentido, a consideração empática parece ser afetada por expectativas e estereótipos associados ao gênero, que podem influenciar os sujeitos do sexo masculino a inibirem comportamentos carinhosos e emocionais (Van der Graaf et al., 2014) e inclinar as mulheres a mostrarem mais afeto e preocupação por outrem (Hoffman, 1977). O aspecto afetivo da empatia parece envolver diferentes implicações para homens e mulheres, sendo que, enquanto aqueles potencialmente seriam mais afetados por estigmas negativos, estas seriam positivamente influenciadas a se apresentarem de forma mais empática (Kmieć, 2009).

A fim de ampliar a discussão acerca da aparente superioridade feminina em relatos sobre a empatia, propôs-se a análise da invariância dos instrumentos de empatia escolhidos a partir de duas AFCMG. Assim, os instrumentos utilizados no presente estudo foram testados para verificar se os mesmos seriam invariantes para os grupos dos sexos masculino e feminino de

sujeitos brasileiros. O QE se apresentou como invariante para os modelos configural, métrico e escalar e, a partir dos parâmetros obtidos, parece ser uma medida que permite a comparação entre grupos (Damásio, 2013) e que pode ser utilizada para participantes de ambos os sexos. Ainda que a literatura sobre a equivalência deste instrumento para homens e mulheres seja escassa (Wertag & Hanzec, 2016), foi encontrada invariância entre sexos em uma amostra italiana (Paolo Senese et al., 2018) e em uma amostra de participantes ingleses (Allison et al., 2011).

A EMRI, contudo, não apresentou invariância para o modelo métrico, ou seja, as cargas fatoriais dos itens não são equivalentes para os dois grupos analisados. Foram encontradas seis cargas fatoriais não equivalentes entre grupos, dentre as quais quatro se referiam a itens da subescala de consideração empática e duas eram atribuídas a itens da subescala de *personal distress* (cada subescala é composta, no total, por sete itens).

Alguns estudos recentes verificaram se a EMRI era uma medida invariante para homens e mulheres. O instrumento se mostrou equivalente em relação aos sexos tanto para a amostra de participantes adultos espanhóis (Lucas-Molina et al., 2017) e alemães (Grevenstein, 2020), quanto para amostras de sujeitos adolescentes holandeses (Hawk et al., 2013), italianos (Ingoglia et al., 2016) e espanhóis (Holgado Tello et al., 2012). Um estudo recente realizado com uma amostra adulta chinesa relatou a invariância do instrumento para o sexo, ainda que estrutura fatorial da EMRI tenha sido diferente, apresentando um modelo bifator com as dimensões da consideração empática e da tomada de perspectiva (Wang et al., 2020). Contudo, um estudo apontou a falta de invariância para o modelo escalar do instrumento entre sujeitos do sexo masculino e feminino em uma amostra de ex-combatentes colombianos (Garcia-Barrera et al., 2017).

Ainda que o estudo original de Davis (1983) tenha apresentado uma estrutura fatorial do instrumento constituída por quatro fatores, este modelo tem sido reportado como inadequado por diversos autores nos últimos anos (e.g., Garcia-Barrera et al., 2017; Lucas-Molina et al., 2017; Murphy et al., 2020; Wang et al., 2020). A versão brasileira da EMRI apresentou um modelo trifatorial, dado que a dimensão de fantasia não foi incluída pelos autores, por ser constituída por itens elaborados com base em aspectos culturais e que não seriam adequados para sujeitos de contextos culturais distintos (Koller et al., 2001). Ademais, alguns pesquisadores demonstram preocupação acerca das propriedades psicométricas do EMRI (e.g., Murphy et al., 2018; Wang et al., 2020). Assim sendo, a estrutura fatorial utilizada no presente estudo pode não ser a mais adequada e, desta forma, ter afetado a análise multigrupo.

Para além da hipótese de problemas na estrutura fatorial da EMRI, a não equivalência entre os grupos pode ser devida às diferenças de gênero, e não ocasionada pelo sexo, dos grupos de participantes. A consideração empática engloba elementos afetivos da empatia, sendo composta por itens que mensuram o nível de preocupação, compaixão e calor emocional que um indivíduo sente para com o outro (Davis, 1983). Ademais, a consideração empática parece refletir uma preocupação generalizada para com as pessoas (Falcone et al., 2013; Koller et al., 2011). É possível que homens e mulheres atribuam significados diferentes para a consideração empática e que sejam influenciados pelas expectativas referentes ao seu gênero; assim sendo, homens tenderiam a reportar níveis menores de consideração empática para não serem considerados demasiado femininos (Burris et al., 2015; Laurent & Hodges, 2008).

Um estudo francês recente realizou uma análise de rede sobre o instrumento de empatia criado por Davis (1980) e apontou para a centralidade, ou seja, para o grande impacto da consideração empática e, principalmente, do item aqui apresentado como número 10 (“As desgraças e problemas dos outros em geral não me perturbam muito”) sobre o construto mensurado pela escala (Briganti et al., 2018). Contudo, as diferentes culturas apresentam ideologias diversas que podem guiar e justificar certas condutas dos indivíduos, legitimando esquemas psicológicos acerca da formação de papéis de gênero (Gouveia et al., 2006).

A falta de invariância do item 17 da subescala de consideração empática (“Eu descreveria a mim mesmo como uma pessoa de coração mole”) parece estar relacionada com as diferenças das expectativas associadas ao gênero. Estudos acerca dos estereótipos mais frequentemente atribuídos a homens e mulheres, verificaram que ambos os participantes do sexo masculino e feminino, originários de diversas culturas, atribuíram o adjetivo “coração mole” (*soft-hearted*, no original) a uma característica feminina (Williams & Bennett, 1975; Williams et al., 1999). Tais pesquisas foram conduzidas em 25 países diferentes, incluindo o Brasil. O mesmo tipo de resultado foi mais recentemente observado em indivíduos da Jamaica e Barbados (Walters & Capertener, 2017) e da Espanha (Castillo-Mayén & Monten-Berges, 2017). Assim sendo, é provável que a não equivalência do item discutido tenha sido decorrente da interpretação e expectativa diferenciada entre homens e mulheres.

Os demais itens da subescala de consideração empática que não apresentaram equivalência entre grupos (item 3, “Às vezes, eu não lamento por outras pessoas que estão tendo problemas”; item 10 “As desgraças e problemas dos outros em geral não me perturbam muito”; e item 13, “Quando eu vejo alguém sendo injustiçado, eu às vezes não sinto muita pena dele”) se caracterizam por serem os únicos itens reversos da subescala. A presença de itens reversos em instrumentos de autorrelato é controversa, pois não é fácil determinar o significado de um

item quando ele está invertido (Ahlawat, 1985). Ademais, itens que envolvem negações costumam ser mais complexos e demandam mais recursos para o processamento cognitivo (Swain et al., 2008), podem afetar a validade de medidas (Schriesheim & Eisenbach, 1995) e frequentemente possuem propriedades psicométricas inferiores, em comparação às suas versões correspondentes (Kam et al., 2021; Vigil-Colet et al., 2020; Weijters & Baumgartner, 2012).

Um estudo recente apontou a tendência de diminuição da precisão e do poder discriminatório de testes que sejam compostos por itens regulares e reversos (Suárez-Alvarez et al., 2018). No contexto da AFCMG, a comparação entre grupos pode ser prejudicada pela presença de itens reversos no instrumento (Campos et al., 2011), dado que tais itens não mensuram o construto com a mesma precisão em cada grupo analisado (Dimitrov, 2010). Ao inverter o sentido de uma questão, pode haver redução na confiabilidade e na validade dos resultados, pois a percepção que os participantes têm dos itens pode não ser exatamente a esperada (Dalmoro & Vieira, 2013). Assim, os respondentes podem selecionar respostas que não reflitam verdadeiramente as suas crenças e opiniões (Swain et al., 2008), o que pode contribuir para a tendência da consideração empática ter sido mensurada de forma diferente em participantes homens e mulheres no presente estudo.

Para além dos potenciais efeitos negativos da inversão dos três itens da subescala de consideração empática mencionados, é possível que a não equivalência dos mesmos entre grupos esteja relacionada com a desejabilidade social. Este formato de enviesamento de respostas está relacionado com a rejeição dos sujeitos respondentes acerca de atitudes ou comportamentos com valores socialmente indesejáveis (Almiro, 2017). As terminologias utilizadas nos itens, as quais envolvem não lamentar, sentir pena ou se perturbar com os problemas e sofrimento de outrem, podem sofrer vieses interpretativos. Portanto, os enunciados desses itens podem atuar como um gatilho para a escolha de apenas respostas socialmente aceitáveis e promover distorções conscientes ou inconscientes nas respostas aos itens (Costa & Hauck Filho, 2017). A desejabilidade social pode ter contribuído para o padrão de respostas diferenciado para participantes homens e mulheres.

Dentre os dois itens não equivalentes que compõem a subescala de *personal distress*, o item 14 (“Geralmente eu sou muito efetivo para lidar com emergências”) foi apontado como problemático no contexto da validação estatística do instrumento tanto no estudo de Koller et al. (2011), quanto em outra adaptação brasileira da medida (Sampaio et al., 2011). Portanto, tal item pode não ser uma forma adequada de mensurar o construto, podendo ser retirado e desconsiderado (Koller et al., 2011). Por sua vez, o item 18 (“Eu tendo a perder o controle durante emergências”) envolve a ausência de percepção dos próprios sujeitos sobre sua



capacidade de se controlar. O controle percebido envolve a crença de que o próprio indivíduo tem influência sobre os acontecimentos que envolvem sua vida, podendo abranger âmbitos diversos, como a saúde, a educação e o contexto social (Santos, 2005). É possível que sujeitos dos sexos masculino e feminino tenham percepções diferentes acerca da extensão do controle que podem ter (Specht et al., 2013), principalmente em situações conflituosas e emergenciais. Assim sendo, os participantes do presente estudo podem ter apresentado diferentes interpretações e percepções da própria capacidade de controle e, portanto, ter levado a não equivalência do item entre grupos.

Segundo Davis (1983), a angústia pessoal envolve os sentimentos auto-orientados de ansiedade e desconforto em situações de tensão interpessoal. A angústia pessoal se distingue da consideração empática por compreender o sentimento de preocupação para consigo mesmo quando perante a um contexto emocionalmente demandante (Israelashvili et al., 2020). Contudo, os dois itens da subescala de angústia pessoal que não apresentaram invariância, no presente estudo, não abarcam temáticas que explicitem ou incitem condições emocionalmente desafiadoras. A equivalência conceitual é um importante aspecto a ser examinado durante a tradução e adaptação de instrumentos psicológicos para idiomas diferentes, pois ela envolve avaliar se um determinado termo, mesmo que traduzido adequadamente, mensura o mesmo construto em diferentes culturas (Borsa et al., 2012). Assim sendo, o termo “emergências” pode ser demasiado generalista e abrangente para a compreensão dos participantes brasileiros, não elucidando uma resposta emocional aos itens que o contêm. Portanto, é possível que esses itens não sejam bons representantes da angústia pessoal e que os participantes não os tenham interpretado da mesma forma, podendo ter contribuído para o resultado de falta de equivalência métrica entre os grupos de sujeitos do sexo masculino e feminino.

Medidas que não apresentam invariância entre grupos não necessariamente mensuram aspectos diferentes, mas podem ter significados distintos atribuídos a ela por cada um dos grupos (Putnick & Bornstein, 2016). Portanto, a não invariância métrica obtida na EMRI e, principalmente, na dimensão de consideração empática pode refletir uma dificuldade masculina de demonstrar preocupação para com o outro, possivelmente relacionada ao receio de não acatar aos comportamentos esperados para o gênero masculino. Assim sendo, futuras pesquisas devem não apenas analisar as diferenças de empatia entre sexos, mas também pesquisar sobre a influência do gênero neste contexto. Ademais, é importante notar que problemas relacionados à redação dos itens (e.g., desajabilidade social, itens 3, 10 e 13; questões de terminologia, itens 14 e 18) e às propriedades psicométricas (e.g., itens problemáticos para a confiabilidade da escala, como o item 14) e estruturais da versão adaptada ao contexto brasileiro da EMRI (e.g.,

itens reversos, itens 3, 10 e 13) podem estar envolvidas na falta de invariância métrica de alguns itens.

Em síntese, o presente estudo está em consonância com a literatura ao verificar que as mulheres relatam níveis mais altos de empatia, em sua dimensão afetiva, do que os homens. Tal resultado parece estar relacionado com as expectativas culturais associadas ao gênero, através das quais é mais frequente e esperado que mulheres demonstrem mais afeto e preocupação em relação a outros indivíduos. Portanto, a população brasileira parece estar de acordo com a proposição de Hoffman (1977), que elucida que as mulheres expressam mais interesse genuíno em compartilhar os estados afetivos de outros sujeitos. Os resultados acerca da influência do sexo sobre a empatia pode contribuir para entender diferenças individuais em relação a essa habilidade social e auxiliar em programas de promoção de empatia.

Entretanto, se faz necessário ter cautela ao analisar as diferenças entre homens e mulheres em relação à dimensão de consideração empática, dado que a EMRI não foi considerada como equivalente para esta amostra. É possível que os itens da EMRI que não apresentaram invariância para homens e mulheres tenham sido influenciados, principalmente, por questões associadas ao gênero e às expectativas sociais. Ademais, questões associadas à desajustabilidade social e às propriedades psicométricas e de adaptação da medida também podem ter influenciado a falta de invariância do instrumento. Ainda que o presente estudo tenha reiterado a existência de uma diferença entre os sexos em relação ao construto da empatia, o mesmo apontou que nem todos os instrumentos de autorrelato de empatia são apropriados para mensurar tal diferença, dado que homens e mulheres parecem compreender e responder a alguns itens (principalmente aqueles que envolvem componentes afetivos da empatia, como a consideração empática). Portanto, a divergência de sujeitos do sexo masculino e feminino quanto à empatia parece não apenas estar presente na população brasileira, mas também influenciar os instrumentos de mensuração da empatia.

## **5.2 Empatia, cuidado e superproteção parental percebida**

No que concerne às dimensões de comportamentos parentais percebidos, foram verificadas correlações estatisticamente negativas tanto entre o cuidado materno e a superproteção materna quanto entre o cuidado paterno e a superproteção paterna nas análises utilizando a amostra total de participantes e nas análises divididas por sexo. Tal padrão de resultados está de acordo com o estudo de Lyons et al. (2016) e com a literatura (e.g., Khalid et al., 2018; Parker et al., 1989; Rikhye et al., 2008; Sultan et al., 2019; Xu et al., 2016).

Segundo Parker et al. (1989), quatro estilos parentais podem ser identificados a partir da combinação entre o cuidado parental e a superproteção parental. O estilo de cuidado ótimo (*optimal bonding*) é caracterizado por altos níveis de cuidado e baixos níveis de superproteção. Este estilo parental percebido tem sido associado com menores índices de estresse parental (Willinger et al., 2005), menos tendência ao sofrimento por maltrato durante a infância e a adolescência (Rikhye et al., 2008), desenvolvimento de relações íntimas de caráter positivo durante a fase adulta (Schmoeger et al., 2018), maiores níveis de autoestima (Hall et al., 2004) e menos traços antissociais (Schorr et al., 2020). Contrariamente, o estilo parental de controle sem afeto (*affectionless control*), descrito como uma combinação entre baixos níveis de cuidado e altos níveis de superproteção, parece estar envolvido com diversos transtornos psicológicos e ser particularmente patológico (Overbeek et al., 2007).

Ainda que proteger os filhos de perigos iminentes seja uma ação normativa, o construto da superproteção implica ações que ultrapassam o que a maioria dos pais faria em circunstâncias semelhantes (Thomasgard & Metz, 1993). A superproteção parental envolve contato excessivo, intrusão, infantilização e impedimento de comportamentos independentes por parte dos filhos (Parker et al., 1989). Ademais, em contraste com a promoção de autonomia, a superproteção parental pode limitar as oportunidades dos filhos de desenvolver habilidades e confiança para enfrentar desafios, reforçar a evitação de situações desconhecidas e influenciar na criação de crenças sobre o mundo como um lugar perigoso (Clarke et al., 2013). Sugere-se que a superproteção parental esteja associada com atitudes disfuncionais por parte da prole (Otani et al., 2013).

A combinação entre superproteção e falta de cuidado parece ser um importante fator preditivo para o desenvolvimento do apego inseguro na relação entre pais e filhos (Otani et al., 2013). Portanto, as dimensões do cuidado e da superproteção parental não parecem ser independentes e a falta de cuidado aparenta estar associada à superproteção (Parker et al., 1989). Assim sendo, os resultados encontrados no presente estudo são coerentes com a evidência de que o cuidado e a superproteção são comportamentos parentais percebidos inversamente relacionados.

Ainda que os resultados do atual estudo se assemelhem à literatura, é necessário considerar que diferenças culturais podem influenciar o comportamento parental percebido (Thomasgard & Metz, 1993). Há diferenças entre as concepções de parentalidade entre comunidades com modelos culturais diferentes, sendo elas individualistas ou coletivistas (Keller et al., 2006). Conquanto a percepção de cuidado parental pareça pouco influenciada por fatores culturais, a dimensão de superproteção/autonomia é dependente do contexto cultural

(Uji et al., 2006). Assim sendo, em culturas coletivistas, caracterizadas pela percepção do indivíduo como um ser relacional e membro de um sistema social (Keller, 2011), os pais parecem ser mais controladores e restritivos para com seus filhos, como foi observado em estudos sobre culturas asiáticas (e.g., Lowinger & Kwok, 2001; Ngai et al., 2018; Uji et al., 2006), quanto comparados à culturas individualistas, como as advindas da Europa e da América do Norte (e.g., Furnham & Adam-Saib, 2001; Mousavi et al., 2016).

Neste contexto, um estudo brasileiro apontou para uma relação positiva entre o cuidado e a superproteção materna (Teodoro et al., 2010), replicando os resultados de um estudo colombiano (Melis et al., 2001). Contudo, tal resultado não está de acordo com o encontrado pela presente pesquisa. É importante notar que o instrumento aqui utilizado se baseia na memória retrospectiva de um indivíduo acerca da sua infância e adolescência, e, portanto, aquela pode ser enviesada ou sem acurácia (dos Reis Soares et al., 2020). Ademais, apesar de não terem sido verificadas diferenças entre sujeitos de três localidades populosas do Brasil, o presente estudo apresenta a limitação de não ter amostra suficientemente grande de sujeitos de todas as regiões do país, o que pode ter relação com a diferença encontrada em comparação com a pesquisa de Teodoro et al. (2010).

Além da ênfase nas possíveis interações e influências dos comportamentos parentais percebidos sobre as dimensões da empatia, Lyons et al. (2016) também abordou as potenciais diferenças entre participantes dos sexos masculino e feminino no que concerne os níveis de comportamentos parentais percebidos, experimentados ao longo da infância e da adolescência, e de empatia. No presente estudo, tanto homens quanto mulheres relataram maiores níveis de cuidado e superproteção percebida materna do que paterna. Estes resultados sugerem que as figuras maternas foram percebidas como mais cuidadosas e superprotetoras para com seus filhos do que as figuras paternas, sendo estes achados consonantes com a literatura (e.g., Karim & Begum, 2017; Ngai et al., 2018; Parker et al., 1979; Rikhye et al., 2008; Uji et al., 2006; Xu et al., 2016). Em um estudo recente conduzido no Brasil, pais e mães afirmaram que aquelas eram percebidas como as principais responsáveis pelo cuidado, controle e disciplina dos filhos (Benatti et al., 2020). Assim sendo, culturas diferentes apontam para a tendência feminina de apresentar maiores níveis de comportamentos parentais percebidos, o que pode ser interpretado como uma manifestação da imagem feminina como cerne familiar (Uji et al., 2006).

As análises relacionando o sexo dos respondentes e os comportamentos parentais percebidos constataram níveis significativamente maiores de superproteção paterna percebida pelas participantes do sexo feminino do que pelos sujeitos do sexo masculino. Tal resultado está de acordo com o encontrado por Lyons et al. (2016) e em outros estudos da literatura (e.g.,

Avci & Sak, 2018; Klimidis et al., 1992; Rey et al., 1993; Rigby et al., 2007; Tani et al., 2017; Tata et al., 2001), sendo similar ao resultado relatado em uma amostra brasileira (Teodoro et al., 2010).

Indivíduos do sexo feminino podem ser percebidos como mais carinhosos pelos seus pais; ao mesmo tempo, estes podem se comportar de forma mais restritiva e superprotetora para com elas do que para com filhos do sexo masculino, por causa das expectativas sociais existentes para homens e mulheres (Rey et al., 1993). Assim, a superproteção paterna para com as filhas aparenta estar relacionada com processos culturais (Tani et al., 2017; Teodoro et al., 2010). Em culturas patriarcais, como a brasileira, as mulheres tendem a ser mais controladas e protegidas por suas figuras paternas do que os homens (Carvalho & Melo, 2019; Nkosi & Daniels, 2007). Sugere-se, então, que as meninas sejam tratadas de modo diferente por seus pais, vivenciando mais as práticas de controle quando comparadas aos meninos (Sampaio & Vieira, 2010; Teodoro et al., 2010). Consonantemente, as filhas tendem a perceber seus cuidadores do sexo masculino como figuras de autoridade com as quais elas passam pouco tempo (Holmbeck et al., 1995; McKinney & Renk, 2008).

Houve uma diferença significativa dos níveis de cuidado materno percebido, nos quais os homens apontaram suas mães como sendo mais carinhosas do que as mulheres. Este resultado também foi encontrado em outros estudos da literatura (e.g., Klein & Pierce, 2010; Rikhye et al., 2008; Ruiz-Ortiz et al., 2017). Filhos do sexo masculino tendem a perceber suas mães como sendo mais carinhosas e abertas à comunicação do que seus pais (Holmbeck et al., 1995; McKinney & Renk, 2008). Contrariamente, na pesquisa de Lyons et al. (2016), o cuidado materno não apresentou diferenças entre sujeitos de sexos diferentes.

Sugere-se que o cuidado materno pode ser mais importante para o desenvolvimento socioemocional de meninos do que o de meninas (Etzion-Carasso & Oppenheim, 2000; Lyons et al., 2016). Enquanto as meninas são frequentemente consideradas como sendo mais maduras e disciplinadas, os meninos são tidos como mais aventureiros e indulgentes (Ge et al., 2015) e, portanto, podem necessitar de mais cuidado de suas mães. Ademais, a partir de uma perspectiva evolucionista, é possível que as figuras parentais invistam mais em filhos homens para garantir o seu sucesso reprodutivo, dado que a reprodução potencial masculina é mais variável e provável do que a feminina (Aguirre-Dávila, 2011; Keller & Zach, 2002). Entretanto, há evidências de que as mães oferecem mais práticas de cuidado e de investimento parentais relativas às filhas do que para aos filhos (Godoy et al., 2006; Nunes et al., 2013; Qu et al., 2020; Sampaio, 2007).

A análise de diferenças individuais quanto aos comportamentos parentais percebidos pode ser beneficiada do uso de escalas de gênero, ao invés da busca por divergências entre sexos. Conquanto homens que se identificam mais fortemente com papéis sociais do gênero feminino relataram mais cuidado materno e menor superproteção paterna (resultados com o mesmo padrão daqueles encontrados no presente estudo), mulheres e homens que se identificaram como andrógenos apresentam maiores níveis de cuidado parental e apontaram menos superproteção parental (Hingst et al., 1985; Sexton et al., 2014). O estudo original sobre cuidado e superproteção parental realizado por Parker et al. (1989) não verificou diferenças significativas entre os comportamentos parentais percebidos e os sexos dos indivíduos participantes. Entretanto, este resultado pode ser devido às diferenças entre gêneros, não entre sexos (Hingst et al., 1985). Assim sendo, pesquisas futuras podem se beneficiar da utilização de escalas de gênero para avaliar diferenças individuais relacionadas a padrões de apego percebidos em adultos.

É possível que a diferença relativa ao cuidado materno percebido entre sujeitos de ambos os sexos tenha sido devida às mulheres participantes atribuírem escores mais baixos de cuidado para suas respectivas mães. De acordo com a teoria da aprendizagem social (Bandura, 2002), a maioria dos comportamentos é aprendida pelas crianças a partir da imitação e modelagem de ações de indivíduos próximos, principalmente a partir daqueles que apresentam mais características similares, como cuidadores do mesmo sexo. Apesar da díade mãe-filha ser um importante laço para o desenvolvimento, as mesmas podem apresentar dificuldades e confrontos entre si ao longo da vida (Wills & Zhang, 2021). Ao mesmo tempo em que as meninas modelam seus comportamentos a partir da forma que sua mãe atua sobre o mundo, os sujeitos mais jovens tendem a apresentar conflitos relacionados à busca de autonomia, identidade e autodeterminação com suas cuidadoras (Van Doorn et al., 2011). Assim sendo, é possível que, na tentativa de se diferenciar das suas mães durante a infância e a adolescência, as participantes mulheres tenham julgamentos mais duros acerca do cuidado proporcionado por suas progenitoras durante sua juventude.

Em face às diferentes perspectivas quanto ao oferecimento de mais cuidado materno aos filhos de um determinado sexo, é importante ressaltar que o resultado aqui apresentado pode ter sido influenciado pelo tipo de instrumento utilizado. O PBI pode não apenas refletir os comportamentos parentais percebidos, mas também evidenciar processos intrafamiliares (Mackinnon et al., 1991). Portanto, os homens podem não receber mais cuidado maternal do que as mulheres, mas perceberem o cuidado como mais intenso ou mais frequente do que as últimas.

Assim como verificado em diferentes contextos culturais, o cuidado parental aparenta ter uma relação inversa com a superproteção parental no cenário brasileiro. O estilo parental de cuidado ótimo parece ser importante para o desenvolvimento dos sujeitos. Em consonância com a hipótese de que participantes do sexo feminino e masculino apresentariam diferenças significativas em relação à superproteção paterna, as mulheres relataram mais proteção e controle de seus pais do que os homens. Contrariamente, níveis mais altos de cuidado materno percebido relatados por participantes homens não eram esperados. As divergências entre os sexos dos participantes e como estes percebem os comportamentos de seus cuidadores primários parecem estar relacionados com as expectativas culturais associadas aos papéis culturais. Apesar de o presente estudo propor, como objetivo principal, a verificação das relações entre a empatia, o sexo e os comportamentos parentais percebidos, é importante apontar que o sexo dos participantes também é um fator essencial na compreensão acerca da forma que os cuidadores se comportam durante a infância e adolescência de seus filhos.

Um dos principais objetivos do presente estudo consistiu em verificar a presença, ou ausência, de relações significativas entre os comportamentos parentais percebidos e as dimensões da empatia. Em contradição com as hipóteses sobre as correlações entre o cuidado, a superproteção parental e a empatia, nenhuma associação significativa foi encontrada entre a superproteção, materna ou paterna, e as dimensões da empatia para a amostra completa ou para cada um dos sexos separadamente. Tal resultado está em consonância com um estudo chinês com uma amostra de crianças (Guo & Feng, 2017) e com uma amostra americana de universitários (Fogle, 2018). Ademais, apesar de os resultados de Lin et al. (2017) apontarem para uma correlação significativa e positiva entre a superproteção parental e a consideração empática em uma amostra de prisioneiros, esta relação não foi significativa para a amostra de estudantes universitários.

A literatura sobre os comportamentos parentais percebidos, especialmente a superproteção, e suas relações com a empatia é escassa (Lyons et al., 2016). É possível que práticas parentais consideradas como negativas, como a superproteção parental, estejam relacionadas com poucas oportunidades de expressão emocional por parte dos filhos (Romero-Martínez et al., 2013) e, conseqüentemente, com a dificuldade de agir de forma empática (Ma et al., 2020). As análises de regressão múltipla do presente estudo não apontaram predições significativas da superproteção materna ou paterna para os participantes.

A ausência de predições significativas da superproteção parental percebida como sobre as dimensões da empatia não está de acordo com alguns estudos sobre a temática (Britton & Fuendeling, 2005; Lyons et al., 2016), mas é consonante com a ideia de que a superproteção é

uma prática parental prejudicial para o desenvolvimento (Overbeek et al., 2007). É possível que a superproteção parental tenha uma influência diferente sobre a empatia em amostras brasileiras. Na cultura chinesa, por exemplo, a superproteção parental parece ter menos efeitos prejudiciais sobre o desenvolvimento pró-social infantil do que ocorre em culturas ocidentais e individualizadas (Ngai et al., 2018).

No contexto brasileiro, a superproteção parental pode não apenas funcionar como uma forma excessiva de controle, mas como uma medida de suporte apropriado (Teixeira & Alvarenga, 2016). A superproteção parental pode não ser experienciada de forma tão negativa pelos sujeitos brasileiros, o que poderia corroborar para a falta de correlações e predições significativas negativas no presente estudo. Contudo, pesquisas com participantes brasileiros apontaram que mães com comportamentos percebidos como controladores e superprotetores podem ser prejudiciais para a saúde mental de seus filhos no que concerne à tendência ao suicídio (Coelho et al., 2014) e transtornos de ansiedade (Seganfredo et al., 2009).

Um estudo de revisão de literatura sobre os comportamentos de pais latinos identificou que estes utilizam mais práticas de proteção, controle e monitoramento do que os cuidadores primários de países norte-americanos e europeus (Halgunseth et al., 2006). Assim sendo, é possível que a superproteção parental apresente menos influência sobre o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais em sujeitos brasileiros, devido à característica cultural de pais latinos frequentemente apresentarem estilos parentais que envolvem altos níveis superproteção parental, como observado no estudo de Coelho et al. (2014). Consonantemente, alguns pesquisadores chineses alegam que as crianças desta nacionalidade estão habituadas à superproteção de seus pais e, portanto, sofreriam menos efeitos adversos ou positivos relacionados a esse comportamento parental percebido (Guo & Feng, 2017). Portanto, é necessário que sejam realizados mais estudos acerca da influência da superproteção parental sobre o desenvolvimento de indivíduos brasileiros, principalmente no que concerne ao desenvolvimento da empatia.

O cuidado parental, por sua vez, apresentou associações significativas com as dimensões da empatia. Há evidências na literatura de que a consideração empática apresenta relações com o cuidado materno (Mitsopoulou & Giovazolias, 2013), com o calor emocional materno (Chen et al., 2020; Davis & Carlo, 2020; Soenens et al., 2007; Yavaşlar, 2016) e com o cuidado paterno (Mitsopoulou & Giovazolias, 2013; Parlar et al., 2014). Cuidadores que agem de forma mais cuidadosa e calorosa expressam mais comportamentos positivos que, por sua vez, podem estar relacionados com a expressão mais frequente de comportamentos empáticos por parte de seus filhos (Yavaşlar, 2016). Assim sendo, esta dimensão de comportamento parece



ter um papel essencial no desenvolvimento da consideração empática da prole, dado que a expressão emocional parental e a conexão com os mais jovens estão associadas com a orientação voltada para as necessidades de outrem (Janssens & Gerris, 1992). Portanto, cuidadores primários, especialmente as mães, que são calorosos e cuidadosos tendem a promover níveis mais elevados de consideração empática em seus filhos (Davis & Carlo, 2020).

A hipótese de que o cuidado parental se associaria com a dimensão cognitiva da empatia foi acatada no presente estudo. Tal resultado está de acordo com outros estudos da literatura (Chen et al., 2020; Goldstein & Higgins-D'alessandro, 2001; Lin et al., 2017; Mitsopoulou & Giovazolias, 2013; O'Meara et al., 2011; Yavaşlar, 2016). O desenvolvimento da dimensão cognitiva da empatia pode estar relacionado ao cuidado parental, ao passo que é necessário que o sujeito se sinta compreendido durante a infância e tenha modelos parentais que sejam sensíveis e carinhosos (Lin et al., 2017). A empatia apresenta raízes evolutivas relacionadas ao cuidado parental e à vivência em grupos (Decety, 2015). Estudos de neuroanatomia apontam que os comportamentos de motivação para o cuidado com os filhos é anterior a algumas capacidades cognitivas complexas, como a tomada de perspectiva, e, portanto, podem estar associados às mesmas (Decety & Norman et al., 2012).

A partir das análises de regressão linear múltipla, verificou-se que o cuidado materno predisse significativamente a tomada de perspectiva e a empatia cognitiva combinada na amostra total e no grupo de sujeitos do sexo feminino, além de ter predito significativamente a consideração empática para as participantes do sexo feminino; contudo, não houve predições significativas do cuidado paterno ou de algum comportamento parental percebido sobre as dimensões da empatia na amostra de sujeitos do sexo masculino. Em oposição, Lyons et al. (2016) constataram que o cuidado materno predisse a dimensão cognitiva da empatia para os indivíduos do sexo masculino.

Níveis mais baixos de tomada de perspectiva parecem advir da menor percepção de cuidado parental ao longo do desenvolvimento (Parlar et al., 2014). Um estudo recente com prisioneiros chineses apontou que o cuidado, paterno e materno, teve uma influência significativa sobre a tomada de perspectiva e sobre a consideração empática (Wang et al., 2020). Níveis mais altos de cuidado parental também foram capazes de predizer a tomada de perspectiva em mulheres com transtorno de estresse pós-traumático (Parlar et al., 2014) e em sujeitos adultos chineses (Ma & Wang, 2021).

Os presentes resultados acerca do cuidado parental relacionado com a empatia estão em consonância com a ideia de que sujeitos que experimentaram mais cuidado e empatia de seus pais são mais propensos a expressá-las com outros indivíduos (Zahn-Waxler et al., 1991).

Cuidadores primários calorosos e responsivos ao sofrimento de seus filhos promovem uma orientação positiva para o desenvolvimento da habilidade de compreensão dos demais (Spinrad et al., 1999). Sugere-se que níveis elevados de cuidado parental, experimentados ao longo da infância, parecem estar positivamente associados com ambas as dimensões cognitiva e afetiva da empatia (Wang et al., 2020).

Pais e mães parecem ter influência diferenciada sobre o desenvolvimento da empatia nos seus filhos. Sugere-se que, enquanto as mães exercem mais impacto sobre o desenvolvimento da preocupação empática, os pais têm um papel mais importante em relação ao desenvolvimento da dimensão da tomada de perspectiva (Miklikowska et al., 2011). Contudo, esta perspectiva não está em consonância com os resultados do atual estudo, dado que os comportamentos percebidos maternos tiveram associações com ambas as dimensões da empatia, enquanto os paternos apenas se correlacionaram com o fator afetivo da empatia em mulheres. Algumas pesquisas indicam que, durante a infância, as percepções que os indivíduos têm acerca dos relacionamentos e comportamentos de suas mães é mais significativa para o desenvolvimento de habilidades pró-sociais do que as relações com as figuras paternas (Hojat, 1998; Hojat et al., 2005; Rothbaum & Weisz, 1994). Consonantemente, ainda que comportamentos paternos percebidos tenham sido associados com a empatia no presente estudo, os comportamentos maternos obtiveram mais resultados significativos.

Estima-se que pais e mães difiram tanto na qualidade quanto na quantidade de tempo que gastam com seus filhos; assim, as mulheres teriam relações mais próximas e maior influência sobre o desenvolvimento da prole (McHarg et al., 2019). Contudo, mesmo que haja diferenças entre os comportamentos que os cuidadores de sexos opostos adotam na educação da prole, atitudes parentais positivas realizadas pela figura paterna também parecem ser importante para o desenvolvimento da empatia, principalmente quando associadas às práticas parentais positivas maternas (Garcia-Serpa et al., 2006). Assim sendo, o aumento do envolvimento paterno nas últimas décadas, principalmente em contextos familiares marcados por alto nível educacional, parece ser um fator importante para o desenvolvimento pró-social dos filhos, sendo potencialmente intensificado nos próximos anos (Crepaldi et al., 2006; McHarg et al., 2019). Portanto, ainda que a mãe seja a figura principal de apego e afeto (Nunes & Pinheiro Mota, 2017), a redefinição contemporânea dos papéis parentais pode levar a mudanças futuras nas tendências de associações entre comportamentos percebidos parentais e empatia.

O sexo foi um importante fator nas relações entre os comportamentos parentais percebidos e a empatia, pois todas as relações e predições significativas foram observadas para

o grupo de participantes do sexo feminino. Neste sentido, os comportamentos maternos parecem estar associados à empatia em mulheres. Durante o crescimento, as crianças se identificam e imitam mais o cuidador do mesmo sexo do que aquele do sexo oposto e, portanto, as meninas tendem a adotar e serem mais influenciadas pelos comportamentos maternos (Zahn-Waxler et al., 1991). Contudo, a socialização de crianças e adolescentes é frequentemente marcada por práticas parentais diferentes de acordo com o gênero do infante (Mesman & Groeneveld, 2018) e, neste contexto, cuidadores primários de ambos os sexos tendem a fazer mais esforços para manter conexões afetivas com as filhas do que com os filhos (Zahn-Waxler et al., 1991).

Além de apresentar resultados controversos, a literatura acerca da temática do cuidado, superproteção parental e empatia é escassa. Ademais, muitas pesquisas não apontam especificamente quais dimensões da empatia se associam aos comportamentos parentais percebidos (e.g., Okado & Azar, 2011; Guo & Feng, 2017), não diferem o cuidado e a superproteção paterna da materna (e.g., Goldstein & Higgins-D'alessandro, 2001; Lin et al., 2017; Tabak et al., 2014) ou ambos (e.g., Kwar, 2019; Stern et al., 2015; Wagers & Kiel, 2019). A diferenciação entre as dimensões afetiva e cognitiva da empatia se faz importante, dado que os comportamentos parentais maternos e paternos podem se relacionar de forma específica ou diferenciada com cada um dos componentes da empatia (Miklikowska et al., 2011).

As especificações da dimensão da empatia e dos sexos do cuidador primário e do sujeito participante são importantes para uma melhor compreensão da influência dos comportamentos parentais percebidos sobre o desenvolvimento da empatia. Assim sendo, pesquisas futuras podem convergir essas variáveis e aumentar a literatura acerca da temática em diferentes contextos culturais. É possível que o lugar de desenvolvimento (urbano ou rural) e as condições econômicas da família também sejam fatores importantes para a compreensão da temática aqui discutida (Seidl-de-Moura et al., 2012). Mães de classe média, moradoras de áreas humanas e com alto nível educacional, por exemplo, apresentam um modelo materno distal que, entre outros comportamentos, envolve o carinho em resposta à pistas positivas infantis (Vieira et al., 2010). A amostra do presente estudo foi majoritariamente composta por pais com alto grau educacional (ensino superior completo) e oriundos de grandes capitais; assim, a coleta de dados mais heterogêneos em relação ao contexto social é essencial para o avanço das pesquisas na área.

Embora tenham sido observadas correlações e predições estatisticamente significativas entre os comportamentos parentais percebidos e a empatia no presente estudo, é importante

apontar que os tamanhos de efeitos de ambas foram pequenos. Portanto, é preciso ter cautela com os resultados encontrados, dado que há uma menor tendência de replicabilidade e de importância populacional dos mesmos. O tamanho de efeito é uma métrica que permite a comparação entre estudos e sofre menos com a variação do tamanho amostral do que o nível de significância  $p$ ; contudo, mesmo que os tamanhos de efeito de um estudo sejam considerados pequenos, é necessário considerá-los, com ressalvas, a partir da concepção de que as pesquisas em psicologia frequentemente avaliam construtos abstratos e difíceis de serem mensurados (Espírito-Santo & Daniel, 2015).

Em resumo, o desenvolvimento da empatia dos participantes parece ter sido influenciado por diferentes fatores: pelo sexo dos próprios sujeitos adultos que participaram da pesquisa; pelo sexo dos cuidadores primários dos participantes; e pelos comportamentos parentais percebidos. A amostra brasileira do presente estudo não apresentou associações ou predições significativas da superproteção materna ou paterna em relação à empatia. Portanto, para a população brasileira, a superproteção parental percebida não aparenta ser um comportamento parental essencial ou necessário para o desenvolvimento da empatia nos filhos, não sendo um elemento importante para sua promoção ou prejudicando-a.

O cuidado parental percebido pelos participantes, por sua vez, foi um comportamento parental que apresentou importantes relações com as dimensões cognitiva e afetiva da empatia. Ainda assim, tais resultados foram significativos apenas para as participantes do sexo feminino. Portanto, o desenvolvimento da empatia em mulheres parece estar relacionado com o cuidado parental percebido, principalmente o materno, ainda que, para os homens, os comportamentos parentais percebidos e o sexo dos cuidadores primários não tenham sido fatores relevantes para as análises sobre a empatia.

Faz-se importante apontar que todos os resultados significativos que envolviam os comportamentos parentais percebidos em associação com a empatia envolveram dimensões da empatia mensuradas pela EMRI (e.g., tomada de perspectiva e consideração empática). Assim sendo, a empatia medida através de itens que seguem as definições estipuladas por Davis (1981; 1983) pode ser mais relevante do que a perspectiva adotada pelo QE (Baron-Cohen & Wheelwright, 2004). Tal constatação permite a reflexão acerca da relevância de utilizar mais de uma medida de empatia, principalmente se as mesmas seguem perspectivas teóricas diferenciadas acerca do mesmo constructo. A escolha da utilização dos dois instrumentos no presente estudo foi em vista a replicar de forma mais fidedigna a análise de Lyons et al. (2016). Contudo, a inclusão do QE e das variáveis de empatia combinadas calculadas por meio de

ambos os instrumentos (e.g., empatia afetiva combinada e empatia cognitiva combinada) não acrescentou informações pertinentes a presente análise.

### **5.3 Comparação de resultados entre as regiões de habitação dos participantes**

Apesar das análises realizadas no presente estudo terem verificado resultados importantes envolvendo a empatia, o sexo e os comportamentos parentais percebidos, tais achados podem ter sido influenciados por variáveis estranhas ou de confusão. Neste sentido, a região ou estado que os participantes habitam poderia se apresentar como um fator de influência relevante para as análises. Entretanto, os resultados das ANOVAs apontaram para a ausência de diferenças estatisticamente significativas nas respostas de participantes habitantes da região Nordeste e dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo quanto às dimensões da empatia e os comportamentos parentais percebidos. A empatia afetiva combinada foi a única variável que apresentou um valor de significância abaixo de 0,05, ainda que o mesmo não tenha acatado ao critério mais rigoroso do nível de probabilidade associada para testes múltiplos e tenha exibido um tamanho de efeito irrisório (Dancey & Reidy, 2019). O teste *post hoc* não apontou diferenças significativas entre os participantes de nenhuma das áreas de habitação mencionadas, corroborando, assim, com a hipótese de que o resultado obtido tenha sido decorrente de erro amostral.

Os resultados encontrados no presente estudo parecem ser consonantes entre os habitantes das três áreas mais populosas do país e, portanto, apresenta uma possibilidade de generalização dos achados para sujeitos oriundos das demais regiões brasileiras. Ainda que a comparação entre um número maior de localidades do Brasil seja importante, é possível supor, a partir dos presentes resultados, que a população brasileira tenda a seguir o mesmo padrão de respostas e de comportamentos que aqui foram relatados.

### **5.4 Empatia, sexo, cuidado e superproteção parental: comparação dos resultados do presente estudo com aqueles reportados por Lyons et al. (2016)**

O objetivo do presente estudo de propor uma réplica aos experimentos realizados por Lyons et al. (2016) permitiu comparar os resultados encontrados em uma amostra inglesa com aqueles referentes a uma amostra brasileira. A busca por semelhanças e diferenças de resultados

entre amostras advindas de culturas diferentes permite uma melhor compreensão das variáveis e relações analisadas, principalmente se abarca sujeitos que não façam parte do bloco ocidental, com alto nível de escolaridade, industrializado, rico e democrático (*Western, educated, industrialized, rich and democratic*, WEIRD, no original; Tiokhin et al., 2019). Portanto, a realização de um estudo no contexto brasileiro pode contribuir para a replicabilidade e da generalização dos resultados de Lyons et al. (2016) para outras culturas.

As diferenças entre os resultados das análises de correlação e regressão entre os comportamentos parentais percebidos e as dimensões da empatia entre as duas culturas distintas evidenciam que os comportamentos parentais percebidos não aparentam ser tão relevantes para o desenvolvimento da empatia em sujeitos do sexo masculino no contexto brasileiro quanto o são no inglês. Ainda que os homens brasileiros tenham reportado maiores níveis de cuidado materno percebido do que as participantes mulheres, é possível que eles sejam mais influenciados pelos comportamentos paternos do que maternos. Cuidadores do mesmo sexo do sujeito em desenvolvimento tendem a ser mais influentes no desenvolvimento de comportamentos pró-sociais dos seus filhos (Ruiz-Hernández et al., 2019). Contudo, os pais tendem a passar menos tempo com sua prole do que as mães (Uji et al., 2013).

Um dos critérios de seleção dos participantes para o estudo atual foi que esses tivessem crescido em contato com sua mãe e seu pai biológicos durante a infância e a adolescência. Entretanto, mesmo em lares compostos por dois cuidadores, as mães costumam prover mais cuidado, atender mais às necessidades físicas e passar mais tempo com os filhos, ao passo que os pais raramente ficam sozinhos com sua prole e se engajam mais em atividades de lazer com seus filhos (Craig, 2006). Um estudo brasileiro recente apontou que filhos adolescentes percebem suas mães como mais presentes, mais dispostas a se esforçar para exercer seus papéis de cuidadoras do que os pais e principais responsáveis pela supervisão, acompanhamento e formação de hábitos (Maia & Soares, 2019). Ademais, uma análise sobre os papéis e significados atribuídos a parentalidade apontou que ambos os pais e mães afirmaram que aquelas ocupam um lugar central na família, sendo as principais figuras de cuidado e educação dos filhos (Benatti et al., 2020). Assim sendo, apesar de a participação paterna estar em crescimento nos últimos anos, as mães ainda são percebidas como o cerne da vida familiar (Nelson-Coffey et al., 2019).

A maior quantidade de tempo que cuidadores do sexo masculino passam com seus filhos parece estar associada com o desenvolvimento cognitivo destes (Cano et al., 2018). Ademais, os comportamentos paternos são importantes preditores de desfechos cognitivos e afetivos positivos em seus filhos, principalmente naqueles do sexo masculino. O apego seguro com a

figura paterna apresentou correlações positivas e significativas com o comportamento pró-social e estratégias funcionais e adaptativas de *coping* dos filhos (Tur-Porcar et al., 2018). Ademais, o cuidado paterno predisse menos sintomas de saúde mental em filhos homens em uma pesquisa inglesa (Xu et al., 2016). Portanto, ao passo que os filhos do sexo masculino tendem a serem mais influenciados pelos comportamentos paternos para o desenvolvimento de habilidades pró-sociais, seus cuidadores do sexo masculino ainda são relativamente menos presentes no contexto familiar. É possível que tais fatores tenham influenciado as análises que avaliaram as interações entre a empatia e os comportamentos parentais em participantes homens no presente estudo.

A falta de correlações ou predições significativas entre a empatia e os cuidados parentais percebidos para os homens brasileiros se apresenta como uma importante diferença em relação ao estudo inglês. Como os comportamentos paternos percebidos apresentaram diversos resultados significativos para os homens participantes do estudo de Lyons et al. (2016), é possível que cuidadores primários do sexo masculino da Inglaterra sejam mais presentes e tenham mais influência sobre a criação de seus filhos do que os brasileiros. Como o Brasil é um país marcado por estereótipos de gênero e as práticas de cuidado ainda recaem sobre as figuras maternas (Benatti et al., 2020), é possível que os pais sejam menos propensos a cuidar de seus filhos e a agirem de forma empática para com eles. Se sujeitos que têm cuidadores mais empáticos também tendem a expressar mais empatia (Zahn-Waxler et al., 1991), os meninos brasileiros não teriam uma figura paterna empática para imitar os comportamentos e, por sua vez, estariam menos predispostos a expressarem e reportarem a empatia.

Em relação às participantes do sexo feminino, o presente estudo e aquele realizado por Lyons et al. (2016) apresentaram diferenças no que se refere às relações e predições dos comportamentos parentais percebidos sobre as dimensões da empatia. Em ambas as pesquisas, a empatia das participantes mulheres se relacionou, principalmente, com o cuidado materno, ainda que o cuidado paterno tenha apresentado uma correlação fraca e significativa com a consideração empática no contexto brasileiro. A importância do cuidado materno para o desenvolvimento de ambas as dimensões da empatia em mulheres está de acordo com a literatura (Davis & Carlo, 2020; Parlar et al., 2014; Wang et al., 2019). O suporte materno percebido também parece ser um fator essencial no desenvolvimento da empatia em meninas (Colarossi & Eccles, 2003; Miklikowska et al., 2011).

Ainda que os resultados tenham sido diferentes, no estudo atual e no original conduzido por Lyons et al. (2016), os comportamentos maternos percebidos parecem ter influenciado o desenvolvimento da empatia, principalmente em sua dimensão afetiva, em participantes do sexo

feminino. Para as mulheres brasileiras, o cuidado materno se relacionou e predisse variáveis relativas à dimensão cognitiva da empatia, o que não foi verificado por Lyons et al. (2016). Tal divergência pode estar relacionada com diferenças culturais.

A influência de fatores culturais sobre a empatia ainda é pouco discutida na literatura (Atkins, 2014). A comparação entre escores de empatia mensurados em participantes chineses e australianos verificou que as mulheres australianas reportaram níveis significativamente mais elevados de empatia afetiva e cognitiva do que as chinesas; contudo, não houve diferenças significativas para os sujeitos do sexo masculino de ambos os países (Zhao et al., 2019). Diferenças entre culturas asiáticas e ocidentais também foram verificadas em outras pesquisas, mas os resultados são divergentes (e.g., Jiang et al., 2014; Melchers et al., 2015; Melchers et al., 2016; Xu et al., 2016). Um estudo investigou os traços de empatia em duas culturas (Estados Unidos e Irã) e apontou que, enquanto os participantes dos dois países não apresentaram diferenças significativas na dimensão de empatia afetiva, os iranianos obtiveram níveis mais altos de tomada de perspectiva do que os americanos (Yaghoubi Jami et al., 2019).

Ainda que diferenças culturais relacionadas à empatia tenham sido observadas na literatura, principalmente dentre participantes do sexo feminino (Zhao et al., 2019), ainda não há um consenso sobre como a cultura influencia o desenvolvimento da empatia. É importante apontar que há uma aparente falta de estudos comparativos acerca da empatia no contexto latino-americano e brasileiro. Apesar de ambos serem países ocidentais, o Brasil e a Inglaterra apresentam culturas, valores e costumes distintos (Hofstede & Bond, 1984), que podem estar relacionados com a diferença de referentes à dimensão cognitiva da empatia, mas não à afetiva.

Diferenças culturais também podem estar relacionadas com o cuidado materno percebido. De acordo com a perspectiva biológica-cultural, o cuidado materno é influenciado por diversas variáveis, que variam da evolução até a ontogenia (Seidl-de-Moura et al., 2009). O investimento e o cuidado materno são afetados pelas condições ecológicas, como o nível de escolaridade das mães, a habitação em áreas urbanas ou rurais e o nível socioeconômico, por exemplo (Keller et al., 2006). A pesquisa realizada por Seidl-de-Moura et al. (2012) verificou quatro padrões de cuidado, investimento e crenças maternas em uma amostra composta por participantes advindos de capitais e cidades pequenas de seis estados do Brasil. Tal diferença relativa às formas de cuidado materno dentro de um mesmo país pode levar a reflexão e ao questionamento acerca das possíveis divergências entre os modelos de cuidado adotados pelas mães brasileiras e inglesas.

Segundo a perspectiva dos nichos de desenvolvimento, há três subsistemas que são responsáveis pela função de mediar o desenvolvimento individual dentro de um contexto



cultural mais abrangente, sendo eles: o ambiente físico e social no qual a criança vive; os costumes e práticas de investimento e cuidado culturalmente e historicamente estabelecidos; e a psicologia dos cuidadores primários, envolvendo, então, as suas crenças e expectativas (Super & Harkness, 1986). Assim sendo, o estilo parental ideal parece ser diferenciado para países e culturas diversas (Martínez et al., 2014). Portanto, a partir da possibilidade do cuidado materno percebido ser apresentado de forma diferente para mães inglesas e brasileiras, é possível que esta diferença cultural também esteja envolvida na divergência de resultados relacionados à dimensão cognitiva da empatia no estudo atual e naquele conduzido por Lyons et al. (2016).

A comparação entre os resultados das amostras inglesa e brasileira permitiram verificar que o cuidado materno percebido se apresenta como um fator mais importante para o desenvolvimento da empatia em mulheres brasileiras. Assim sendo, as mulheres brasileiras parecem tender a aprender os comportamentos de cuidado e a expressar a empatia a partir de suas figuras maternas. Ademais, no contexto brasileiro, o cuidado materno percebido foi um preditor da dimensão cognitiva e afetiva da empatia, reiterando a importância deste comportamento parental percebido sobre o desenvolvimento de meninas. O cuidado paterno percebido apresentou um relacionamento significativo com a dimensão afetiva da empatia em mulheres apenas no presente estudo. Portanto, os níveis de empatia das mulheres oriundas da amostra brasileira aparentam ser positivamente influenciados pela forma como elas percebem seus cuidadores primários, em especial, as mães, como fontes de cuidado e modelos da expressão de habilidades pró-sociais.

Em síntese, a réplica do estudo de Lyons et al. (2016) para o contexto brasileiro permitiu que diferenças culturais importantes fossem verificadas acerca da temática da empatia, comportamentos parentais percebidos e sexo. A empatia de participantes brasileiros do sexo masculino, ao contrário dos ingleses, não aparenta ser influenciada pelos comportamentos parentais percebidos. Dado que a figura paterna parece ser relevante para o desenvolvimento da prole, principalmente de filhos homens, e os cuidadores do sexo masculino ainda não são tão presentes e participativos na criação dos filhos no Brasil quanto aqueles do sexo feminino, é possível que tais fatores tenham afetado os resultados do presente estudo. Em relação às participantes do sexo feminino, conquanto o cuidado materno percebido fosse um fator significativo nas relações com a empatia em ambos os estudos, a dimensão cognitiva da empatia também foi influenciada pelo cuidado materno na amostra brasileira. É possível que esta divergência esteja relacionada com diferenças culturais. Em síntese, o desenvolvimento da empatia parece se beneficiar de níveis mais altos de cuidado parental percebido, ao menos para sujeitos do sexo feminino.

## CONCLUSÃO

O presente estudo analisou as relações entre empatia, cuidado e superproteção parental percebida medidas pelo efeito do sexo em sujeitos adultos. Os resultados obtidos apontam para associações e predições significativas envolvendo o cuidado materno e, em menor medida, paterno sobre as dimensões afetiva e cognitiva da empatia para as participantes do sexo feminino. Contudo, os homens não apresentaram relações ou predições significativas dos comportamentos parentais percebidos sobre a empatia. Ademais, as mulheres relataram níveis significativamente maiores de superproteção paterna percebida ao longo da infância e da adolescência, enquanto os homens relataram mais cuidado materno percebido. No que se refere à influência do sexo sobre a empatia, as mulheres apresentaram níveis mais elevados de empatia em sua dimensão afetiva do que os homens, ainda que um dos instrumentos utilizados (a EMRI) não tenha sido invariante para a análise entre participantes de diferentes sexos. Os resultados aqui observados também foram comparados àqueles obtidos por Lyons et al. (2016).

Apesar de o presente estudo ter proposto uma réplica em um contexto cultural distinto, novas pesquisas com amostras diversificadas ainda são requeridas para uma melhor compreensão dos resultados e das relações entre as variáveis. Ainda assim, importantes associações foram observadas entre as amostras brasileiras e inglesas. Infere-se, a partir dos resultados que cuidadores primários, especialmente as mães, calorosos e cuidadosos tendem a promover níveis mais elevados de empatia em seus filhos, principalmente naqueles do sexo feminino.

Uma das limitações deste estudo é referente aos critérios de seleção da amostra, dado que apenas sujeitos que conviveram com a mãe e o pai durante a infância e a adolescência puderam participar da pesquisa. Estudos futuros podem comparar os resultados relativos à empatia e aos comportamentos parentais percebidos com amostras de indivíduos que tenham tido contato com apenas um de seus cuidadores primários, com aqueles que foram criados em uma família adotiva ou por outros familiares que não sejam o pai e a mãe. Ademais, pesquisas futuras podem se beneficiar da investigação de como os cuidadores primários brasileiros se comportam, principalmente no que se refere aos níveis de superproteção, entre diferentes contextos de nível socioeconômico, de lugar de habitação (em regiões rurais ou urbanas) ou de nível de escolaridade diferenciados.

Sugere-se que pesquisas vindouras utilizem outros instrumentos para mensurar a empatia. O presente estudo fez uso de duas escalas de autorrelato de empatia, de forma a replicar os métodos realizados por Lyons et al. (2016). Contudo, estudos futuros poderiam se beneficiar

de instrumentos que avaliem outras dimensões da empatia (como o aspecto comportamental através, por exemplo, do Inventário de Empatia, IE; Falcone et al., 2008) ou de medidas fisiológicas. Dado que a empatia é um construto complexo, a utilização de outras formas de mensuração pode ajudar na sua compreensão, principalmente no que se refere ao campo ainda limitado dos relacionamentos com os comportamentos parentais percebidos.

Esta pesquisa apresentou algumas contribuições para o avanço de estudos sobre a temática. A empatia dos participantes do sexo masculino não foi relacionada aos comportamentos parentais percebidos, em contraste com o estudo original. É possível que durante o desenvolvimento, os participantes homens brasileiros não tenham experimentado tanto o cuidado e contato com suas figuras paternas e, assim, não tenham possuído suficientes oportunidades para perceber seus pais como empáticos e imitar seus comportamentos. Tal hipótese também pode estar associada com o resultado, consoante com a literatura, de que os homens tendem a manifestar menos a empatia do que as mulheres.

Para as participantes do sexo feminino brasileiras, o cuidado materno percebido foi um importante preditor da tomada de perspectiva e da consideração empática. A análise de Lyons et al. (2016) apenas apresentou resultados significativos para a dimensão afetiva da empatia e o cuidado materno. Pode-se supor que, no contexto brasileiro, os comportamentos de afeição e proximidade das mães para com suas filhas não apenas influencie o desenvolvimento da capacidade de experimentar e compartilhar os sentimentos de outros, mas também a se adotar o ponto de vista de outrem, de forma a realmente “calçar os sapatos” de outros sujeitos. Em acréscimo, além de provavelmente vivenciarem mais exemplos do uso da empatia nas relações sociais através de suas mães, as participantes mulheres brasileiras também expressam mais empatia do que os homens.

As diferenças entre os resultados do estudo de Lyons et al. (2016) e da atual pesquisa são importantes para ajudar a elucidar certas divergências culturais entre os dois países analisados. Na Inglaterra, os cuidadores primários do sexo masculino aparentam ser mais influentes no desenvolvimento de habilidades pró-sociais em sua prole, em especial, nos meninos. No Brasil, a maior contribuição das análises realizadas indica que as mães continuam a ser a figura central do cerne familiar e que elas transmitem seus comportamentos e habilidades sociais para suas filhas. Tais divergências são importantes para ilustrar como figuras parentais se comportam em contextos culturais não semelhantes e como estes comportamentos podem influenciar o desenvolvimento de seus filhos.

Espera-se que o presente estudo possa incentivar para o desenvolvimento de novas pesquisas e que ele tenha contribuído para aumentar a literatura sobre a temática da empatia,

dos comportamentos parentais percebidos e do sexo. Salienta-se que esta pesquisa é pioneira na temática no contexto latino-americano e, especialmente, brasileiro. Ainda que os resultados obtidos não tenham apresentado tamanhos de efeito grandes, os mesmos mostram uma tendência importante acerca da influência do cuidado parental percebido sobre o desenvolvimento da empatia em mulheres e do impacto do sexo nas diferenças de empatia entre sujeitos. A melhor compreensão acerca das interações entre as variáveis citadas pode contribuir para estudos em psicologia do desenvolvimento e auxiliar o trabalho em grupos de pais, na prática clínica e no contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum.
- Aguirre, E. (2011). Inversión parental: una lectura desde la psicología evolucionista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 2(9), 523-534. <https://www.aacademica.org/eduardo.aguirre/6>
- Ahlawat, K. S. (1985). On the negative valence items in self-report measures. *Journal of General Psychology*, 112(1), 89–99. <https://doi.org/10.1080/00221309.1985.9710992>
- Akoglu H. (2018). User's guide to correlation coefficients. *Turkish journal of emergency medicine*, 18(3), 91–93. <https://doi.org/10.1016/j.tjem.2018.08.001>
- Allison, C., Baron-Cohen, S., Wheelwright, S. J., Stone, M. H., & Muncer, S. J. (2011). Psychometric analysis of the Empathy Quotient (EQ). *Personality and Individual Differences*, 51(7), 829–835. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.07.005>
- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação Psicológica*, 16(3), 253-257. <https://doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Ardenghi, S., Rampoldi, G., Bani, M., & Strepparava, M. G. (2020). Attachment styles as predictors of self-reported empathy in medical students during pre-clinical years. *Patient education and counseling*, 103(5), 965–970. <https://doi.org/10.1016/j.pec.2019.11.004>
- Arguz Cildir, D., Ozbek, A., Topuzoglu, A., Orcin, E., & Janbakhishov, C. E. (2020). Association of prenatal attachment and early childhood emotional, behavioral, and developmental characteristics: A longitudinal study. *Infant mental health journal*, 41(4), 517–529. <https://doi.org/10.1002/imhj.21822>
- Auyeung, B., Wheelwright, S., Allison, C., Atkinson, M., Samarawickrema, N., & Baron-Cohen, S. (2009). The Children's Empathy Quotient and Systemizing Quotient: Sex Differences in Typical Development and in Autism Spectrum Conditions. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 39(11), 1509-1521. <https://doi.org/10.1007/s10803-009-0772-x>
- Avci, E., & Sak, R. (2018). The relationship between parenting styles and fourth graders' levels of empathy and aggressiveness. *Current Psychology*, 40(3), 1-13. <https://doi.org/10.1007/S12144-018-9959-7>
- Azevedo, S., Mota, M., & Mettrau, M. (2018). Empatia: perfil da produção científica e medidas mais utilizadas em pesquisa. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 9(3), 03-23. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072018000300002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072018000300002&lng=pt&tlng=pt).
- Baez, S., Flichtentrei, D., Prats, M., Mastandueno, R., García, A. M., Cetkovich, M., & Ibáñez, A. (2017). Men, women...who cares? A population-based study on sex differences and gender roles in empathy and moral cognition. *PloS one*, 12(6), e0179336. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0179336>
- Bandura, A. (2002). Social Cognitive Theory in Cultural Context. *Applied Psychology*, 51(2), 269-290. <https://doi.org/10.1111/1464-0597.00092>
- Baron-Cohen, S., & Wheelwright, S. (2004). The Empathy Quotient: An Investigation of Adults with Asperger Syndrome or High Functioning Autism, and Normal Sex

- Differences. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 34(2), 163–175. <https://doi.org/10.1023/B:JADD.0000022607.19833.00>
- Baron-Cohen, S., Wheelwright, S., Hill, J., Raste, Y., & Plumb, I. (2001). The "Reading the Mind in the Eyes" Test revised version: a study with normal adults, and adults with Asperger syndrome or high-functioning autism. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, 42(2), 241–251. <https://doi.org/10.1111/1469-7610.00715>
- Bartz, J. A., Zaki, J., Ochsner, K. N., Bolger, N., Kolevzon, A., Ludwig, N., & Lydon, J. E. (2010). Effects of oxytocin on recollections of maternal care and closeness. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 107(50), 21371–21375. <https://doi.org/10.1073/pnas.1012669107>
- Batchelder, L., Brosnan, M., & Ashwin, C. (2017). The development and validation of the Empathy Components Questionnaire (ECQ). *PLoS ONE*, 12(1), e0169185. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0169185>
- Barraza, J. A., & Zak, P. J. (2009). Empathy toward strangers triggers oxytocin release and subsequent generosity. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1167, 182–189. <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.2009.04504.x>
- Benatti, A. P., Pereira, C. R. R., dos Santos, D. C. M., & de Paiva, I. L. (2020). A maternidade em contextos de vulnerabilidade social: papéis e significados atribuídos por pais e mães. *Interação em Psicologia*, 24(2), 130-141. <https://doi.org/10.5380/psi.v24i2.59856>
- Berthoz, S., Wessa, M., Kedia, G., Wicker, B., & Grèzes, J. (2008). Cross-Cultural Validation of the Empathy Quotient in a French-Speaking Sample. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 53(7), 469–477. <https://doi.org/10.1177/070674370805300712>
- Blanke, E. S., Rieurs, A., & Riediger, M. (2016). Does being empathic pay off?—Associations between performance-based measures of empathy and social adjustment in younger and older women. *Emotion*, 16(5), 671–683. <https://doi.org/10.1037/emo0000166>
- Blum, R. (2017). Gender and empathy. In H. L. Maibom (Ed.), *The Routledge handbook of philosophy of empathy* (pp. 377–387). Routledge/Taylor & Francis Group.
- Boag, E. M., & Carnelley, K. B. (2016). Attachment and prejudice: The mediating role of empathy. *The British journal of social psychology*, 55(2), 337–356. <https://doi.org/10.1111/bjso.12132>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e Validação de Instrumentos Psicológicos entre Culturas: Algumas Considerações. *Paidéia*, 22(53), 423-432. <https://doi.org/10.1590/1982-43272253201314>
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and prospect. *American Journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 664–678. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1982.tb01456.x>
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda, Vol 1. Apego: a natureza do vínculo* (2a ed). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969).
- Bowlby, J. (2005). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. Routledge. (Obra original publicada em 1988).
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2016). The Internal Working Model Construct in Light of Contemporary Neuroimaging Research. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications* (pp. 63 - 88). Guilford Press.

- Briganti, G., Kempnaers, C., Braun, S., Fried, E. I., & Linkowski, P. (2018). Network analysis of empathy items from the interpersonal reactivity index in 1973 young adults. *Psychiatry research, 265*, 87–92. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.03.082>
- Britton, P. C., & Fuendeling, J. M. (2005). The Relations Among Varieties of Adult Attachment and the Components of Empathy. *The Journal of Social Psychology, 145*(5), 519–530. <https://doi.org/10.3200/SOCP.145.5.519-530>
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research* (2a ed.). The Guilford Press.
- Brown, M. M., Thibodeau, R. B., Pierucci, J. M., & Gilpin, A. T. (2017). Supporting the development of empathy: The role of theory of mind and fantasy orientation. *Social Development, 26*(4), 951–964. <https://doi.org/10.1111/sode.12232>
- Brumariu, L. E., Madigan, S., Giuseppone, K. R., Movahed Abtahi, M., & Kerns, K. A. (2018). The Security Scale as a measure of attachment: meta-analytic evidence of validity. *Attachment & human development, 20*(6), 600–625. <https://doi.org/10.1080/14616734.2018.1433217>
- Buck, R., Powers, S. R., & Hull, K. S. (2017). Measuring emotional and cognitive empathy using dynamic, naturalistic, and spontaneous emotion displays. *Emotion (Washington, D.C.), 17*(7), 1120–1136. <https://doi.org/10.1037/emo0000285>
- Burris, C. T., Schrage, K. M., & Rempel, J. K. (2016). No country for girly men: High instrumentality men express empathic concern when caring is “manly”. *Motivation and Emotion, 40*(2), 278–289. <https://doi.org/10.1007/s11031-015-9525-7>
- Byrne, B. (2009). *Structural Equation Modeling with AMOS: Basic Concepts, Applications, and Programming (Multivariate Applications)*. (2a ed.). Routledge.
- Calandri, E., Graziano, F., Testa, S., Cattelino, E., & Begotti, T. (2019). Empathy and depression among early adolescents: The moderating role of parental support. *Frontiers in Psychology, 10*, Article 1447. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01447>
- Caldwell, H. K. (2018). Oxytocin and sex differences in behavior. *Current Opinion in Behavioral Sciences, 23*, 13–20. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2018.02.002>
- Campos, J. A. D. B., Zucoloto, M. L., Bonafé, F. S. S., Jordani, P. C., & Maroco, J. (2011). Reliability and validity of self-reported burnout in college students: A cross randomized comparison of paper-and-pencil vs. online administration. *Computers in Human Behavior, 27*, 1875-1883. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2011.04.011>
- Cano, T., Perales, F., & Baxter, J. (2018). A Matter of Time: Father Involvement and Child Cognitive Outcomes. *Journal of Marriage and Family, 81*(1), 164-184. <https://doi.org/10.1111/jomf.12532>
- Canty, A. L., Cao, Y., Neumann, D., & Shum, D. H. K. (2021). The functional significance of cognitive empathy and theory of mind in early and chronic schizophrenia. *Psychiatry Research, 299*, Article 113852. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2021.113852>
- Carvalho, J. B., & Melo, M. C. (2019). A família e os papéis de gênero na adolescência. *Psicologia e Sociedade, 31*, 1-15, Artigo e168505. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31168505>
- Castelhano-Souza, M., Mendes, I. A. C., Martins, J. C. A., Trevizan, M. A., Souza-Júnior, V. D., & Godoy, S. de. (2019). Validação semântica das versões curtas das Escalas de

- Medição do Quociente de Empatia/Sistematização. *Revista Latino-Americana De Enfermagem*, 26, Artigo e3044. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2606.3044>
- Castillo-Mayén, R., & Montes-Berges, B. (2017). ¿Which Automatic Associations Prevail? Congruency and Reverse Priming Effects on Implicit Gender Stereotyping. *Pensamiento Psicológico*, 15(1), 33-49. <https://doi.org/https://dx.doi.org/10.11144/Javerianacali.PPSI15-1.AACR>
- Chambers, J., Power, K., Loucks, N., & Swanson, V. (2001). The interaction of perceived maternal and paternal parenting styles and their relation with the psychological distress and offending characteristics of incarcerated young offenders. *Journal of adolescence*, 24(2), 209–227. <https://doi.org/10.1006/jado.2001.0377>
- Chaplin, T. M., & Aldao, A. (2013). Gender differences in emotion expression in children: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 139(4), 735–765. <https://doi.org/10.1037/a0030737>
- Chapman, E., Baron-Cohen, S., Auyeung, B., Knickmeyer, R., Taylor, K., & Hackett, G. (2006). Fetal testosterone and empathy: evidence from the empathy quotient (EQ) and the "reading the mind in the eyes" test. *Social neuroscience*, 1(2), 135–148. <https://doi.org/10.1080/17470910600992239>
- Charman, T., Ruffman, T., & Clements, W. (2002). Is there a Gender Difference in False Belief Development? *Social Development*, 11(1), 1–10. <https://doi.org/10.1111/1467-9507.00183>
- Chen, L., Wang, Y., Yang, H., & Sun, X. (2020). Emotional warmth and cyberbullying perpetration attitudes in college students: Mediation of trait gratitude and empathy. *PLoS one*, 15(7), e0235477. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0235477>
- Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating goodness-of-fit indexes for testing measurement invariance. *Structural Equation Modeling*, 9(2), 233–255. [https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0902\\_5](https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0902_5)
- Christian, E., Sellbom, M., & Wilkinson, R. B. (2017). Clarifying the associations between individual differences in general attachment styles and psychopathy. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 8(4), 329–339. <https://doi.org/10.1037/per0000206>
- Christov-Moore, L., Simpson, E. A., Coudé, G., Grigaityte, K., Iacononi, M., & Ferrari, P. F. (2014). Empathy: gender effects in brain and behavior. *Neuroscience and biobehavioral reviews*, 46(4), 604–627. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2014.09.001>
- Ciarrochi, J., Parker, P. D., Sahdra, B. K., Kashdan, T. B., Kiuru, N., & Conigrave, J. (2017). When Empathy Matters: The Role of Sex and Empathy in Close Friendships. *Journal of personality*, 85(4), 494–504. <https://doi.org/10.1111/jopy.12255>
- Clark, M. A., Robertson, M. M., & Young, S. (2018). “I feel your pain”: A critical review of organizational research on empathy. *Journal of Organizational Behavior*, 40(2), 166-192. <https://doi.org/10.1002/job.2348>
- Clarke, K., Cooper, P., & Creswell, C. (2013). The parental overprotection scale: associations with child and parental anxiety. *Journal of affective disorders*, 151(2), 618–624. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.07.007>
- Coelho, F. M., Pinheiro, R. T., Silva, R. A., de Ávila Quevedo, L., de Mattos Souza, L. D., de Matos, M. B., Castelli, R. D., & Pinheiro, K. A. (2014). Parental bonding and suicidality in pregnant teenagers: a population-based study in southern Brazil. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, 49(8), 1241–1248. <https://doi.org/10.1007/s00127-014-0832-1>



- Cohen, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2a ed.). Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Colarossi, L. G., & Eccles, J. S. (2003). Differential effects of support providers on adolescents' mental health. *Social Work Research, 27*(1), 19–30. <https://doi.org/10.1093/swr/27.1.19>
- Connellan, J., Baron-Cohen, S., Wheelwright, S., Batki, A., & Ahluwalia, J. (2000). Sex differences in human neonatal social perception. *Infant Behavior & Development, 23*(1), 113–118. [https://doi.org/10.1016/S0163-6383\(00\)00032-1](https://doi.org/10.1016/S0163-6383(00)00032-1)
- Cooke, A. N., Bazzini, D. G., Curtin, L. A., & Emery, L. J. (2018). Empathic understanding: Benefits of perspective-taking and facial mimicry instructions are mediated by self-other overlap. *Motivation and Emotion, 42*(3), 446–457. <https://doi.org/10.1007/s11031-018-9671-9>
- Cordoni, G. (2009). Social play in captive wolves (*Canis lupus*): Not only an immature affair. *Behaviour, 146*(10), 1363–1385. <https://doi.org/10.1163/156853909X427722>
- Costa, A. R. L., & Hauck Filho, N. (2017). Menos desejabilidade social é mais desejável: Neutralização de instrumentos avaliativos de personalidade. *Interação em Psicologia, 21*(3), 239-249. <https://doi.org/10.5380/psi.v21i3.53054>
- Costa, P., de Carvalho-Filho, M. A., Schweller, M., Thiemann, P., Salgueira, A., Benson, J., Costa, M. J., & Quince, T. (2017). Measuring Medical Students' Empathy: Exploring the Underlying Constructs of and Associations Between Two Widely Used Self-Report Instruments in Five Countries. *Academic medicine : journal of the Association of American Medical Colleges, 92*(6), 860–867. <https://doi.org/10.1097/ACM.0000000000001449>
- Craig, L. (2006). Does Father Care Mean Fathers Share?: A Comparison of How Mothers and Fathers in Intact Families Spend Time with Children. *Gender & Society, 20*(2), 259–281. <https://doi.org/10.1177/0891243205285212>
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & de Abreu, S. R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo, 11*(3), 579-587. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300014>
- Crespi, B. J. (2016). Oxytocin, testosterone, and human social cognition. *Biological reviews of the Cambridge Philosophical Society, 91*(2), 390–408. <https://doi.org/10.1111/brv.12175>
- Cuff, B., Brown, S. J., Taylor, L., & Howat, D. (2016). Empathy: a review of the concept. *Emotion Review, 8*(2), 144-153. doi:10.1177/1754073914558466
- Dalbem, J. X., & Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 57*(1), 12-24. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&tlng=pt).
- Dalmero, M., & Vieira, K. M. (2013). Dilemas na construção de escalas Tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados?. *Revista Gestão Organizacional, 6*(3), 161-174. <http://www.spell.org.br/documentos/ver/31731/dilemas-na-construcao-de-escalas-tipo-likert--o-numero-de-itens-e-a-disposicao-influenciam-nos-resultados-/i/pt-br>
- Damáσιο, B. F. (2013). Contribuições da Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG) na avaliação de invariância de instrumentos psicométricos. *Psico-USF, 18*(2), 211-220. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200005>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2019). *Estatística sem matemática para psicologia* (7ª ed.). Penso.

- Davis, A. N., & Carlo, G. (2020). Maternal warmth and prosocial behaviors among low-SES adolescents: Considering interactions between empathy and moral conviction. *Journal of Moral Education*, 49(2), 226-240. <https://doi.org/10.1080/03057240.2019.1573723>
- Davis, J. T. M., Hines, M. (2020). How Large Are Gender Differences in Toy Preferences? A Systematic Review and Meta-Analysis of Toy Preference Research. *Archives of Sexual Behavior*, 49, 373–394. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01624-7>
- Davis, M. H. (1980). A Multidimensional Approach to Individual Differences in Empathy. *JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology*, 10, 85-103. [https://www.uv.es/~friasnav/Davis\\_1980.pdf](https://www.uv.es/~friasnav/Davis_1980.pdf)
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 113–126. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.113>
- Davis, M. H., & Franzoi, S. L. (1991). Stability and change in adolescent self-consciousness and empathy. *Journal of Research in Personality*, 25(1), 70–87. [https://doi.org/10.1016/0092-6566\(91\)90006-C](https://doi.org/10.1016/0092-6566(91)90006-C)
- de Wied, M., Branje, S. J., & Meeus, W. H. (2007). Empathy and conflict resolution in friendship relations among adolescents. *Aggressive behavior*, 33(1), 48–55. <https://doi.org/10.1002/ab.20166>
- Decety, J. (2011). The neuroevolution of empathy. *Social Neuroscience: Gene, Environment, Brain, Body*, 1231(1), 35-45. <https://doi.org/10.1111/j.1749-6632.2011.06027.x>
- Decety, J. (2015). The neural pathways, development and functions of empathy. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 3, 1–6. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2014.12.001>
- Decety, J., Meidenbauer, K. L., & Cowell, J. M. (2018). The development of cognitive empathy and concern in preschool children: A behavioral neuroscience investigation. *Developmental science*, 21(3), Article e12570. <https://doi.org/10.1111/desc.12570>
- Decety, J., Norman, G. J., Berntson, G. G., & Cacioppo, J. T. (2012). A neurobehavioral evolutionary perspective on the mechanisms underlying empathy. *Progress in neurobiology*, 98(1), 38–48. <https://doi.org/10.1016/j.pneurobio.2012.05.001>
- Decety, J., & Svetlova, M. (2012). Putting together phylogenetic and ontogenetic perspectives on empathy. *Developmental cognitive neuroscience*, 2(1), 1–24. <https://doi.org/10.1016/j.dcn.2011.05.003>
- Dimitrijević, A., Hanak, N., Vukosavljević-Gvozden, T., & Opačić, G. (2012). Psychometric properties of the Serbian version of the Empathy Quotient (S-EQ). *Psihologija*, 45(3), 257-276. <https://doi.org/10.2298/PSI1203257D>
- Dimitrov, D. M. (2010). Testing for Factorial Invariance in the Context of Construct Validation. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 43, 121-149. <https://doi.org/10.1177/0748175610373459>
- dos Reis Soares, F. H., Neufeld, C. B. & Mansur-Alves, M. (2020). Multidimensional Perfectionism Predicted by Personality Traits and Parental Bonding: An Empirical Study with a Brazilian Sample. *Trends in Psychology*, 28, 622–639. <https://doi.org/10.1007/s43076-020-00042-2>
- Drimalla, H., Landwehr, N., Hess, U., & Dziobek, I. (2019). From face to face: the contribution of facial mimicry to cognitive and emotional empathy. *Cognition & emotion*, 33(8), 1672–1686. <https://doi.org/10.1080/02699931.2019.1596068>

- Dryburgh, N. S. J., & Vachon, D. D. (2019). Relating sex differences in aggression to three forms of empathy. *Personality and Individual Differences, 151*, Article 109526. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109526>
- Duarte, M. I., Raposo, M., Rodrigues, P., & Branco, M. C. (2016). Measuring empathy in medical students, gender differences and level of medical education: An identification of a taxonomy of students. *Investigación en Educación Médica, 5*, 253-260. <https://doi.org/10.1016/j.riem.2016.04.007>
- Dumais, K. M., & Veenema, A. H. (2016). Vasopressin and oxytocin receptor systems in the brain: Sex differences and sex-specific regulation of social behavior. *Frontiers in neuroendocrinology, 40*, 1–23. <https://doi.org/10.1016/j.yfrne.2015.04.003>
- Eisenberg, N., & Lennon, R. (1983). Sex differences in empathy and related capacities. *Psychological bulletin, 94*(1), 100-131. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.94.1.100>
- Eisenberg, N., & Miller, P. A. (1987). The relation of empathy to prosocial and related behaviors. *Psychological Bulletin, 101*(1), 91–119. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.101.1.91>
- Eisenberg, N., Shea, C. L., Carlo, G., & Knight, G. P. (1991). Empathy-related responding and cognition: A "chicken and the egg" dilemma. In W. M. Kurtines & J. L. Gewirtz (Eds.), *Handbook of moral behavior and development: Vol. 1. Theory* (pp. 63–88). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Eres, R., Decety, J., Louis, W. R., & Molenberghs, P. (2015). Individual differences in local gray matter density are associated with differences in affective and cognitive empathy. *NeuroImage, 117*, 305–310. <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2015.05.038>
- Espírito-Santo, H., & Daniel, F. (2015). Calcular e apresentar tamanhos do efeito em trabalhos científicos (1): As limitações do  $p < 0,05$  na análise de diferenças de médias de dois grupos. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social, 1*(1), 3-16. [https://www.researchgate.net/profile/Helena-Espirito-Santo/publication/273143169\\_Calcular\\_e\\_apresentar\\_tamanhos\\_do\\_efeito\\_em\\_trabalhos\\_cientificos\\_1\\_As\\_limitacoes\\_do\\_p\\_005\\_na\\_analise\\_de\\_diferencas\\_de\\_medias\\_de\\_dois\\_grupos\\_Calculating\\_and\\_reporting\\_effect\\_sizes\\_on\\_scientific\\_papers/links/54fa10290cf2040df21b1b1c/Calculating-and-reporting-effect-sizes-on-scientific-pap.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Helena-Espirito-Santo/publication/273143169_Calcular_e_apresentar_tamanhos_do_efeito_em_trabalhos_cientificos_1_As_limitacoes_do_p_005_na_analise_de_diferencas_de_medias_de_dois_grupos_Calculating_and_reporting_effect_sizes_on_scientific_papers/links/54fa10290cf2040df21b1b1c/Calculating-and-reporting-effect-sizes-on-scientific-pap.pdf)
- Etzion-Carasso, A., & Oppenheim, D. (2000). Open mother–pre-schooler communication: Relations with early secure attachment. *Attachment & Human Development, 2*(3), 347–370. <https://doi.org/10.1080/14616730010007914>
- Falcone, E. (2012). O papel da tomada de perspectiva na experiência da empatia. In E. Falcone, A. D. Oliva, & C. Figueiredo (Orgs.), *Produções em Terapia Cognitivo-Comportamental* (pp. 61-69). Casa do Psicólogo.
- Falcone, E. M. de O., Ferreira, M. C., Luz, R. C. M., Fernandes, C. S., Faria, C. de A., D'Augustin, J. F., Sardinha, A., & Pinho, V. D. (2008). Inventário de Empatia (I.E.): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. *Avaliação Psicológica, 7*(3), 321-334. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712008000300006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000300006&lng=pt&tlng=pt).
- Falcone, E. M. de O., Pinho, V. de, Ferreira, M. C., Fernandes, C., D'Augustin, J., Krieger, S., Plácido, M., Vianna, K., Electo, L., & Pinheiro, L. (2013). Validade convergente do

- Inventário de Empatia (IE). *Psico-USF*, 18(2), 203-209. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712013000200004>
- Fernández, A. M., Dufey, M., & Kramp, U. (2011). Testing the psychometric properties of the Interpersonal Reactivity Index (IRI) in Chile: Empathy in a different cultural context. *European Journal of Psychological Assessment*, 27(3), 179–185. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000065>
- Ferrari, P. F., & Coudé, G. (2018). Mirror neurons, embodied emotions, and empathy. In K. Z. Meyza & E. Knapska (Eds.), *Neuronal correlates of empathy: From rodent to human* (pp. 67–77). Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-805397-3.00006-1>
- Feshbach N. D. (1978). Studies of empathic behavior in children. *Progress in experimental personality research*, 8, 1–47.
- Field, A. (2020). *Descobrimos a estatística usando o SPSS* (5a ed.). Penso.
- Fischer, A. L., O'Rourke, N., & Loken Thornton, W. (2017). Age Differences in Cognitive and Affective Theory of Mind: Concurrent Contributions of Neurocognitive Performance, Sex, and Pulse Pressure. *The journals of gerontology. Series B, Psychological sciences and social sciences*, 72(1), 71–81. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbw088>
- Fogle, C. (2018). *Perceived Parenting, Psychological Flexibility, and Perspective Taking as Predictors of Altruism* [Dissertação de Mestrado, Universidade da Louisiana]. ProQuest Dissertations and Theses Global. <https://www.proquest.com/openview/0f522a32e8d28ec6331ddde1ba8691bb/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>
- French, B. F., & Finch, W. H. (2008). Multigroup confirmatory factor analysis: Locating the invariant referent sets. *Structural Equation Modeling*, 15(1), 96–113. <https://doi.org/10.1080/10705510701758349>
- Furnham, A., & Adam-Saib, S. (2001). Abnormal eating attitudes and behaviours and perceived parental control: A study of white British and British-Asian school girls. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology: The International Journal for Research in Social and Genetic Epidemiology and Mental Health Services*, 36(9), 462–470. <https://doi.org/10.1007/s001270170025>
- Furnham, A., & Sjøkvist, P. (2017). Empathy and Mental Health Literacy. *Health literacy research and practice*, 1(2), e31–e40. <https://doi.org/10.3928/24748307-20170328-01>
- Gallant, C. M. M., Lavis, L., & Mahy, C. E. V. (2020). Developing an understanding of others' emotional states: Relations among affective theory of mind and empathy measures in early childhood. *British Journal of Developmental Psychology*, 38(2), 151-166. doi:10.1111/bjdp.12322
- Gao, Y., Raine, A., Chan, F., Venables, P. H., & Mednick, S. A. (2010). Early maternal and paternal bonding, childhood physical abuse and adult psychopathic personality. *Psychological medicine*, 40(6), 1007–1016. <https://doi.org/10.1017/S0033291709991279>
- García-Barrera, M. A., Karr, J. E., Trujillo-Orrego, N., Trujillo-Orrego, S., & Pineda, D. A. (2017). Evaluating empathy in Colombian ex-combatants: Examination of the internal structure of the Interpersonal Reactivity Index (IRI) in Spanish. *Psychological Assessment*, 29(1), 116–122. <https://doi.org/10.1037/pas0000331>
- García-Serpa, F. Á., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Meninos pré-escolares empáticos e não-empáticos: empatia e procedimentos educativos dos pais. *Interamerican Journal of Psychology*, 40(1), 73-84.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-96902006000100008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902006000100008&lng=pt&tlng=pt).

- Ge, Y., Se, J., & Zhang, J. (2014). Research on relationship among internet-addiction, personality traits and mental health of urban left-behind children. *Global journal of health science*, 7(4), 60–69. <https://doi.org/10.5539/gjhs.v7n4p60>
- Geangu, E., Benga, O., Stahl, D., & Striano, T. (2010). Contagious crying beyond the first days of life. *Infant behavior & development*, 33(3), 279–288. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2010.03.004>
- Gilet, A.-L., Mella, N., Studer, J., Grünh, D., & Labouvie-Vief, G. (2013). Assessing dispositional empathy in adults: A French validation of the Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Canadian Journal of Behavioural Science / Revue canadienne des sciences du comportement*, 45(1), 42–48. <https://doi.org/10.1037/a0030425>
- Godoy, R., Reyes-García, V., McDade, T., Tanner, S., Leonard, W. R., Huanca, T., Vadez, V., & Patel, K. (2006). Why do mothers favor girls and fathers, boys?. *Human Nature*, 17, 169–189. <https://doi.org/10.1007/s12110-006-1016-9>
- Goldstein, H., & Higgins-D'Alessandro, A. (2001). Empathy and attachment in relation to violent vs. non-violent offense history among jail inmates. *Journal of Offender Rehabilitation*, 32(4), 31–53. [https://doi.org/10.1300/J076v32n04\\_03](https://doi.org/10.1300/J076v32n04_03)
- Gonzalez-Liencre, C., Shamay-Tsoory, S. G., & Brüne, M. (2013). Towards a neuroscience of empathy: ontogeny, phylogeny, brain mechanisms, context and psychopathology. *Neuroscience and biobehavioral reviews*, 37(8), 1537–1548. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2013.05.001>
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Gouveia, R. S., Neto, J. R., & Galvão, L. (2012). Brazilian-Portuguese empathy quotient: evidences of its construct validity and reliability. *The Spanish journal of psychology*, 15(2), 777–782. [https://doi.org/10.5209/rev\\_sjop.2012.v15.n2.38889](https://doi.org/10.5209/rev_sjop.2012.v15.n2.38889)
- Gouveia, V. V., Singelis, T., Guerra, V. M., Rivera, G. A., & Vasconcelos, T. C. (2006). O sentimento de constrangimento: Evidências acerca do contágio emocional e do gênero. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 329–337. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2006000400002>
- Greene, W. E., Melillo-Sweeting, K., & Dudzinski, K. M. (2011). Comparing Object Play in Captive and Wild Dolphins. *International Journal of Comparative Psychology*, 24(3). <https://escholarship.org/uc/item/7jn2q5c6>
- Grevenstein, D. (2020). Factorial validity and measurement invariance across gender groups of the German version of the Interpersonal Reactivity Index. *Measurement Instruments for the Social Sciences*, 2(8), 1-8. <https://doi.org/10.1186/s42409-020-00015-2>
- Gross, J. T., Stern, J. A., Brett, B. E., & Cassidy, J. (2017). The multifaceted nature of prosocial behavior in children: Links with attachment theory and research. *Social Development*, 26(4), 661-678. <https://doi.org/10.1111/sode.12242>
- Guo, Q., & Feng, L. (2017). The Associations between Perceived Parenting Styles, Empathy, and Altruistic Choices in Economic Games: A Study of Chinese Children. *Frontiers in Psychology*, 8, 1-11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01843>
- Halgunseth, L. C., Ispa, J. M., & Rudy, D. (2006). Parental Control in Latino Families: An Integrated Review of the Literature. *Child Development*, 77(5), 1282–1297. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2006.00934.x>

- Hall, L. A., Peden, A. R., Rayens, M. K., & Beebe, L. H. (2004). Parental bonding: a key factor for mental health of college women. *Issues in mental health nursing, 25*(3), 277–291. <https://doi.org/10.1080/01612840490274787>
- Harley, J. M., Liu, Y., Ahn, B., Lajoie, S., & Grace, A. (2020). Examining physiological and self-report indicators of empathy during learners' interaction with a queer history app. *British Journal of Educational Technology, 51*(6), 1920–1937. doi:10.1111/bjet.13019
- Hassett, J. M., Siebert, E. R., & Wallen, K. (2008). Sex differences in rhesus monkey toy preferences parallel those of children. *Hormones and Behavior, 54*(3), 359–364. <https://doi.org/10.1016/j.yhbeh.2008.03.008>
- Hauck, S., Schestatsky, S., Terra, L., Knijnik, L., Sanchez, P., & Ceitlin, L. H. F. (2006). Adaptação transcultural para o português brasileiro do Parental Bonding Instrument (PBI). *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, 28*(2), 162–168. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000200008>
- Haukoos, J. S., & Lewis, R. J. (2008). Advanced Statistics: Bootstrapping Confidence Intervals for Statistics with “Difficult” Distributions. *Academic Emergency Medicine, 12*(4), 360–365. <https://doi.org/10.1197/j.aem.2004.11.018>
- Hawk, S. T., Keijsers, L., Branje, S. J., Graaff, J. V., Wied, M. d., & Meeus, W. (2013). Examining the Interpersonal Reactivity Index (IRI) among early and late adolescents and their mothers. *Journal of personality assessment, 95*(1), 96–106. <https://doi.org/10.1080/00223891.2012.696080>
- Henschel, S., Nandrino, J. L., Pezard, L., Ott, L., Vulliez-Coady, L., & Doba, K. (2020). The influence of attachment styles on autonomic correlates of perspective-taking. *Biological psychology, 154*, 107908. <https://doi.org/10.1016/j.biopsycho.2020.107908>
- Herlitz, A., & Lovén, J. (2013). Sex differences and the own-gender bias in face recognition: A meta-analytic review. *Visual Cognition, 21*(9-10), 1306–1336. <https://doi.org/10.1080/13506285.2013.823140>
- Hingst, A. G., Regan, K. R., & Sexton, T. L. (1985). The relationship between parental bonding and sex role identification of adult males. *Australian Journal of Sex, Marriage & Family, 6*(4), 201–209. <https://doi.org/10.1080/01591487.1985.11004328>
- Hoffman, M. L. (1977). Sex differences in empathy and related behaviors. *Psychological Bulletin, 84*(4), 712–722. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.84.4.712>
- Hoffman, M. L. (1985). Interaction of affect and cognition in empathy. In C. E. Izard, J. Kagan, & R. B. Zajonc (Eds.), *Emotions, cognition, and behavior* (pp. 103–131). Cambridge University Press.
- Hoffman, M. L., & Levine, L. E. (1976). Early sex differences in empathy. *Developmental Psychology, 12*(6), 557–558. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.12.6.557>
- Hofstede, G., & Bond, M. H. (1984). Hofstede's Culture Dimensions. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 15*(4), 417–433. doi:10.1177/0022002184015004003
- Hojat M. (1998). Satisfaction with early relationships with parents and psychosocial attributes in adulthood: which parent contributes more?. *The Journal of genetic psychology, 159*(2), 203–220. <https://doi.org/10.1080/00221329809596146>
- Hojat, M., Zuckerman, M., Magee, M., Mangione, S., Nasca, T., Vergare, M., & Gonnella, J. S. (2005). Empathy in medical students as related to specialty interest, personality, and

- perceptions of mother and father. *Personality and Individual Differences*, 39(7), 1205–1215. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2005.04.007>
- Holgado Tello, F. P., Egido, B. D., Ortiz, M. A. C., & Gandara, M. V. del B. (2013). Interpersonal Reactivity Index: Analysis of Invariance and Gender Differences in Spanish Youths. *Child Psychiatry Human Development*, 44, 320–333. <https://doi.org/10.1007/s10578-012-0327-9>
- Holland, A. C., O'Connell, G., & Dziobek, I. (2020). Facial mimicry, empathy, and emotion recognition: a meta-analysis of correlations. *Cognition & emotion*, 1–19. <https://doi.org/10.1080/02699931.2020.1815655>
- Holmbeck, G. N., Paikoff, R. L., & Brooks-Gunn, J. (1995). Parenting adolescents. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting, Vol. 1. Children and parenting* (pp. 91–118). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Iacoboni, M. (2009). Imitation, Empathy, and Mirror Neurons. *Annual Review of Psychology*, 60, 653–670. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.60.110707.163604>
- Ibanez, A., Huepe, D., Gempp, R., Gutiérrez, V., Rivera-Rei, A., & Toledo, M. I. (2013). Empathy, sex and fluid intelligence as predictors of theory of mind. *Personality and Individual Differences*, 54(5), 616–621. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2012.11.022>
- Ickes, W. (1997). Introduction. In W. Ickes (Org.), *Empathic accuracy*. (pp. 1-16). The Guilford Press.
- Ickes, W. J., Marangoni, C., & Garcia, S. (1997). Studying empathic accuracy in a clinically relevant context. In W. J. Ickes (Ed.), *Empathic accuracy* (pp. 282–310). The Guilford Press.
- Ickes, W., Stinson, L., Bissonette, V., & Garcia, S. (1990). Naturalistic social cognition: Empathic accuracy in mixed-sex dyads. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(4), 730–742. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.4.730>
- Ingoglia, S., Coco, A., & Albiero, P. (2014). Development of a Brief Form of the Interpersonal Reactivity Index (B-IRI). *Journal of Personality Assessment*, 98(5), 461–471. <https://doi.org/10.1080/00223891.2016.1149858>
- Israelashvili, J., Sauter, D. A., & Fischer, A. H. (2020). Different faces of empathy: Feelings of similarity disrupt recognition of negative emotions. *Journal of Experimental Social Psychology*, 87, Article 103912. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2019.103912>
- Janssens, J. M. A. M., & Deković, M. (1997). Child Rearing, Prosocial Moral Reasoning, and Prosocial Behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 20(3), 509–527. <https://doi.org/10.1080/016502597385252>
- Jiang, C., Varnum, M. E. W., Hou, Y., & Han, S. (2013). Distinct effects of self-construal priming on empathic neural responses in Chinese and Westerners. *Social Neuroscience*, 9(2), 130–138. <https://doi.org/10.1080/17470919.2013.867899>
- Joireman, J. A., Needham, T. L., & Cummings, A.-L. (2002). Relationships between dimensions of attachment and empathy. *North American Journal of Psychology*, 4(1), 63–80. [https://www.researchgate.net/publication/232451701\\_Relationships\\_between\\_dimensions\\_of\\_attachment\\_and\\_empathy](https://www.researchgate.net/publication/232451701_Relationships_between_dimensions_of_attachment_and_empathy)
- Jones, J. D., Cassidy, J., & Shaver, P. R. (2015). Parents' self-reported attachment styles: a review of links with parenting behaviors, emotions, and cognitions. *Personality and social*

- psychology review : an official journal of the Society for Personality and Social Psychology, Inc*, 19(1), 44–76. <https://doi.org/10.1177/1088868314541858>
- Jordan, M. R., Amir, D., & Bloom, P. (2016). Are empathy and concern psychologically distinct?. *Emotion (Washington, D.C.)*, 16(8), 1107–1116. <https://doi.org/10.1037/emo0000228>
- Justo, A., Carvalho, J., & Kristensen, C. (2014). Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(2), 510-523. [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-00862014000200014](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862014000200014).
- Kam, C. C. S., Meyer, J. P., & Sun, S. (2021). Why Do People Agree With Both Regular and Reversed Items? A Logical Response Perspective. *Assessment*, 28(4), 1110–1124. <https://doi.org/10.1177/10731911211001931>
- Kamas, L., & Preston, A. (2021). Empathy, gender, and prosocial behavior. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 92(C), 101654. <https://doi.org/10.1016/j.socec.2020.101654>
- Karim, A. R., & Begum, T. (2017). The Parental Bonding Instrument: A psychometric measure to assess parenting practices in the homes in Bangladesh. *Asian journal of psychiatry*, 25, 231-239. <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2016.11.004>
- Karniol, R., Gabay, R., Ochion, Y., & Harari, Y. (1998). Is gender or gender-role orientation a better predictor of empathy in adolescence? *Sex Roles: A Journal of Research*, 39(1-2), 45–59. <https://doi.org/10.1023/A:1018825732154>
- Kawar, G. (2019). *What are the risks? From school bullying in youth to cyberbullying in emerging adulthood* [Dissertação de Mestrado, Carleton University]. Carleton University Research Virtual Environment. <https://curve.carleton.ca/4d991498-86bd-4eed-a6f7-9d7b5abadf4f>
- Keller, H., Lamm, B., Abels, M., & Yovsi, R. (2006). Cultural Models, Socialization Goals, and Parenting Ethnotheories: A Multicultural Analysis. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 37(2), 155-172. <https://doi.org/10.1177/0022022105284494>
- Keller, H., & Zach, U. (2002). Gender and birth order as determinants of parental behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 26(2), 177–184. <https://doi.org/10.1080/01650250042000663>
- Kempe, V., & Heffernan, E. (2011). Digit ratio is linked to affective empathy in women. *Personality and Individual Differences*, 50, 430-433. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2010.10.024>
- Kerr, W. A., & Speroff, B. J. (1954). Validation and evaluation of the Empathy Test. *Journal of General Psychology*, 50, 269–276. <https://doi.org/10.1080/00221309.1954.9710125>
- Khalid, A., Qadir, F., Chan, S. W. Y., & Schwannauer, M. (2018). Parental bonding and adolescents' depressive and anxious symptoms in Pakistan. *Journal of Affective Disorders*, 228, 60–67. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.11.050>
- Kim, J., & Lee, S. J. (2010). Reliability and validity of the korean version of the empathy quotient scale. *Psychiatry investigation*, 7(1), 24–30. <https://doi.org/10.4306/pi.2010.7.1.24>
- Kirkland, R. A., Peterson, E., Baker, C. A., Miller, S., & Pulos, S. (2013). Meta-analysis reveals adult female superiority in "Reading the Mind in the Eyes" Test. *North American Journal*



- of *Psychology*, 15(1), 121–146.  
[https://www.researchgate.net/publication/260712981\\_Meta-analysis\\_reveals\\_adult\\_female\\_superiority\\_in\\_Reading\\_the\\_Mind\\_in\\_the\\_Eyes\\_Test](https://www.researchgate.net/publication/260712981_Meta-analysis_reveals_adult_female_superiority_in_Reading_the_Mind_in_the_Eyes_Test)
- Klein, M. B., & Pierce, J. D. (2009). Parental Care AIDS, but Parental Overprotection Hinders, College Adjustment. *Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice*, 11(2), 167–181. <https://doi.org/10.2190/CS.11.2.a>
- Klimidis, S., Minas, I. H., & Ata, A. W. (1992). The PBI-BC: A brief current form of the Parental Bonding Instrument for adolescent research. *Comprehensive Psychiatry*, 33(6), 374–377. [https://doi.org/10.1016/0010-440X\(92\)90058-X](https://doi.org/10.1016/0010-440X(92)90058-X)
- Kmiec, S. M. (2009). *An Analysis of Sex Differences in Empathy and Forgiveness* [Dissertação de Mestrado, East Carolina University]. The Scholarship: East Carolina University's Institutional Repository. <http://hdl.handle.net/10342/2224>
- Knafo, A., Zahn-Waxler, C., Van Hulle, C., Robinson, J. L., & Rhee, S. H. (2008). The developmental origins of a disposition toward empathy: Genetic and environmental contributions. *Emotion*, 8(6), 737–752. <https://doi.org/10.1037/a0014179>
- Knickmeyer, R. C., & Baron-Cohen, S. (2006). Fetal testosterone and sex differences. *Early human development*, 82(12), 755–760. <https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2006.09.014>
- Koller, S. H., Camino, C., & Ribeiro, J.. (2001). Adaptação e validação interna de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 43-53. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2001000300004>
- Konrath, S., Meier, B. P., & Bushman, B. J. (2018). Development and validation of the Single Item Trait Empathy Scale (SITES). *Journal of research in personality*, 73, 111–122. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2017.11.009>
- Lachmann, B., Sindermann, C., Sariyska, R. Y., Luo, R., Melchers, M. C., Becker, B., Cooper, A. J., & Montag, C. (2018). The Role of Empathy and Life Satisfaction in Internet and Smartphone Use Disorder. *Frontiers in Psychology*, 9, Article 398, 1-11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00398>
- Laghi, F., Lonigro, A., Pallini, S., & Baiocco, R. (2018). Emotion Regulation and Empathy: Which Relation with Social Conduct?. *The Journal of genetic psychology*, 179(2), 62–70. <https://doi.org/10.1080/00221325.2018.1424705>
- Lansford, J. E., Sharma, C., Malone, P. S., Woodlief, D., Dodge, K. A., Oburu, P., Pastorelli, C., Skinner, A. T., Sorbring, E., Tapanya, S., Tirado, L. M., Zelli, A., Al-Hassan, S. M., Alampay, L. P., Bacchini, D., Bombi, A. S., Bornstein, M. H., Chang, L., Deater-Deckard, K., & Di Giunta, L. (2014). Corporal punishment, maternal warmth, and child adjustment: a longitudinal study in eight countries. *Journal of clinical child and adolescent psychology : the official journal for the Society of Clinical Child and Adolescent Psychology, American Psychological Association, Division 53*, 43(4), 670–685. <https://doi.org/10.1080/15374416.2014.893518>
- Laurent, S. M., & Hodges, S. D. (2008). Gender Roles and Empathic Accuracy: The Role of Communion in Reading Minds. *Sex Roles*, 60(5), 387-398. <https://doi.org/10.1007/s11199-008-9544-x>
- Lawrence, E. J., Shaw, P., Baker, D., Baron-Cohen, S., & David, A. S. (2004). Measuring empathy: reliability and validity of the Empathy Quotient. *Psychological medicine*, 34(5), 911–919. <https://doi.org/10.1017/s0033291703001624>
- Levy, K. N., Ellison, W. D., Scott, L. N., & Bernecker, S. L. (2011). Attachment style. *Journal of clinical psychology*, 67(2), 193–203. <https://doi.org/10.1002/jclp.20756>

- Li, C. H. (2016). Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least squares. *Behavior research methods*, 48(3), 936–949. <https://doi.org/10.3758/s13428-015-0619-7>
- Li, X., Bian, C., Chen, Y., Huang, J., Ma, Y., Tang, L., Yan, Q., Ye, Y., Tang, J., & Yu, Y. (2015). Indirect aggression and parental attachment in early adolescence: Examining the role of perspective taking and empathetic concern. *Personality and Individual Differences*, 86, 499–503. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.07.008>
- Lin, H.-C., Yang, Y., McFatter, R., Biggar, R. W. and Perkins, R. (2017). Inmates' empathy in relation to perceived parenting and attachment working models. *Journal of Criminal Psychology*, 7(4), 302-318. <https://doi.org/10.1108/JCP-09-2016-0024>
- Losin, E. A., Iacoboni, M., Martin, A., & Dapretto, M. (2012). Own-gender imitation activates the brain's reward circuitry. *Social cognitive and affective neuroscience*, 7(7), 804–810. <https://doi.org/10.1093/scan/nsr055>
- Lowinger, R. J., & Kwok, H. (2001). Parental overprotection in Asian American children: A psychodynamic clinical perspective. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 38(3), 319–330. <https://doi.org/10.1037/0033-3204.38.3.319>
- Lucas, C., & Soares, L. (2014). Programa de Promoção do Desenvolvimento Sócio-Cognitivo da Criança Parte 2: Intervenção com os Pais. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(1), 28-32. [https://www.researchgate.net/publication/306599291\\_Programa\\_de\\_Promocao\\_do\\_Desevolvimento\\_Socio-cognitivo\\_da\\_Crianca\\_Parte\\_2\\_Intervencao\\_com\\_os\\_pais](https://www.researchgate.net/publication/306599291_Programa_de_Promocao_do_Desevolvimento_Socio-cognitivo_da_Crianca_Parte_2_Intervencao_com_os_pais)
- Lucas-Molina, B., Pérez-Albéniz, A., Ortuño-Sierra, J., & Fonseca-Pedrero, E. (2017). Dimensional structure and measurement invariance of the Interpersonal Reactivity Index (IRI) across gender. *Psicothema*, 29(4), 590–595. <https://doi.org/10.7334/psicothema2017.19>
- Lutchmaya, S., Baron-Cohen, S., & Raggatt, P. (2002). Foetal testosterone and eye contact in 12-month-old human infants. *Infant Behavior & Development*, 25(3), 327–335. [https://doi.org/10.1016/S0163-6383\(02\)00094-2](https://doi.org/10.1016/S0163-6383(02)00094-2)
- Lyons, M., Morgan, K., Thomas, J., & Al Hashmi, A. (2013). Patterns of parental warmth, attachment, and narcissism in young women in United Arab Emirates and the United Kingdom. *Individual Differences Research*, 11(4), 149–158. [https://www.researchgate.net/publication/259581166\\_Patterns\\_of\\_Parental\\_Warmth\\_Attachment\\_and\\_Narcissism\\_in\\_Young\\_Women\\_in\\_United\\_Arab\\_Emirates\\_and\\_the\\_United\\_Kingdom](https://www.researchgate.net/publication/259581166_Patterns_of_Parental_Warmth_Attachment_and_Narcissism_in_Young_Women_in_United_Arab_Emirates_and_the_United_Kingdom)
- Lyons, M. T., Brewer, G., & Bethell, E. J. (2016). Sex-Specific Effect of Recalled Parenting on Affective and Cognitive Empathy in Adulthood. *Current psychology*, 36(2), 236–241. <https://doi.org/10.1007/s12144-015-9405-z>
- Ma, X., & Wang, X. (2021). The role of empathy in the mechanism linking parental psychological control to emotional reactivities to COVID-19 pandemic: A pilot study among Chinese emerging adults. *Personality and Individual Differences*, 168, 1-6. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110399>
- Ma, Y., Chen, X., Nunez, A., Yan, M., Zhang, B., & Zhao, F. (2020). Influences of parenting on adolescents' empathy through the intervening effects of self-integrity and sense of coherence. *Children and Youth Services Review*, 116(C), 1-9. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105246>

- Mackinnon, A. J., Henderson, A. S., & Andrews, G. (1991). The Parental Bonding Instrument: A measure of perceived or actual parental behavior? *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 83(2), 153–159. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1991.tb07382.x>
- Madigan, S., Brumariu, L. E., Villani, V., Atkinson, L., & Lyons-Ruth, K. (2016). Representational and questionnaire measures of attachment: A meta-analysis of relations to child internalizing and externalizing problems. *Psychological bulletin*, 142(4), 367–399. <https://doi.org/10.1037/bul0000029>
- Maia, F. de A., & Soares, A. B. (2019). Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e a percepção dos filhos adolescentes. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 59-82. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072019000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000100005&lng=pt&tlng=pt).
- Main, A., Walle, E. A., Kho, C., & Halpern, J. (2017). The Interpersonal Functions of Empathy: A Relational Perspective. *Emotion Review*, 9(4), 358–366. <https://doi.org/10.1177/1754073916669440>
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. In M. T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation series on mental health and development. Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 121–160). University of Chicago Press.
- Mandelli, R. R., & Tonetto, L. (2019). Design para empatia: brinquedos e brincadeiras como oportunidade para promover o desenvolvimento emocional. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(1), 1-22. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082019000100005&lng=pt&tlng=.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000100005&lng=pt&tlng=)
- Martínez, I., Camino, L., Camino, C., & Cruise, E. (2014). Family Socialization in Brazil. In H. Selin, *Parenting Across Cultures: Childrearing, Motherhood and Fatherhood in Non-Western Cultures* (pp. 293-306). Springer.
- McHarg, G., Fink, E., & Hughes, C. (2019). Crying babies, empathic toddlers, responsive mothers and fathers: Exploring parent-toddler interactions in an empathy paradigm. *Journal of experimental child psychology*, 179, 23–37. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2018.11.002>
- McKinney, C., & Renk, K. (2008). Differential parenting between mothers and fathers: Implications for late adolescents. *Journal of Family Issues*, 29(6), 806–827. <https://doi.org/10.1177/0192513X07311222>
- Melchers, M., Li, M., Chen, Y., Zhang, W., & Montag, C. (2015). Low empathy is associated with problematic use of the Internet: Empirical evidence from China and Germany. *Asian journal of psychiatry*, 17, 56–60. <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2015.06.019>
- Melchers, M. C., Li, M., Haas, B. W., Reuter, M., Bischoff, L., & Montag, C. (2016). Similar Personality Patterns Are Associated with Empathy in Four Different Countries. *Frontiers in psychology*, 7, 290. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00290>
- Melchers, M., Montag, C., Markett, S., & Reuter, M. (2014). Assessment of empathy via self-report and behavioural paradigms: data on convergent and discriminant validity. *Cognitive Neuropsychiatry*, 20(2), 157-171. <https://doi.org/10.1080/13546805.2014.991781>
- Melis, F., Dávila, M. de los Á., Ormeño, V., Vera, V., Greppi, C., & Gloger, S. (2001). Estandarización del P.B.I. (Parental Bonding Instrument), versión adaptada a la población

- entre 16 y 64 años del Gran Santiago. *Revista chilena de neuro-psiquiatría*, 39(2), 132-139. <https://doi.org/10.4067/S0717-92272001000200005>
- Mesman, J., & Groeneveld, M. G. (2018). Gendered Parenting in Early Childhood: Subtle But Unmistakable if You Know Where to Look. *Child Development Perspectives*, 12(1), 22-27. <https://doi.org/10.1111/cdep.12250>
- Michalska, K. J., Kinzler, K. D., & Decety, J. (2013). Age-related sex differences in explicit measures of empathy do not predict brain responses across childhood and adolescence. *Developmental cognitive neuroscience*, 3, 22–32. <https://doi.org/10.1016/j.dcn.2012.08.001>
- Miklikowska, M., Duriez, B., & Soenens, B. (2011). Family roots of empathy-related characteristics: the role of perceived maternal and paternal need support in adolescence. *Developmental psychology*, 47(5), 1342–1352. <https://doi.org/10.1037/a0024726>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2015). An attachment perspective on prosocial attitudes and behavior. In D. A. Schroeder & W. G. Graziano (Eds.), *Oxford library of psychology. The Oxford handbook of prosocial behavior* (pp. 209–230). Oxford University Press.
- Milfont, T. L., & Klein, R. A. (2018). Replication and Reproducibility in Cross-Cultural Psychology. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 49(5), 735–750. <https://doi.org/10.1177/0022022117744892>
- Miller J. G. (2018). Physiological mechanisms of prosociality. *Current opinion in psychology*, 20, 50–54. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.08.018>
- Miller, M., Bales, K. L., Taylor, S. L., Yoon, J., Hostetler, C. M., Carter, C. S., & Solomon, M. (2013). Oxytocin and vasopressin in children and adolescents with autism spectrum disorders: sex differences and associations with symptoms. *Autism research: official journal of the International Society for Autism Research*, 6(2), 91–102. <https://doi.org/10.1002/aur.1270>
- Minzi, M. C. (2013). Children's perception of parental empathy as a precursor of children's empathy in middle and late childhood. *The Journal of psychology*, 147(6), 563–576. <https://doi.org/10.1080/00223980.2012.721811>
- Mitsopoulou, E., & Giovazolias, T. (2013). The Relationship Between Perceived Parental Bonding and Bullying: The Mediating Role of Empathy. *The European Journal of Counselling Psychology*, 2(1), 1-16. <https://doi.org/10.5964/ejcop.v2i1.2>
- Mousavi, S. E., Low, W. Y., & Hashim, A. H. (2016). Perceived parenting styles and cultural influences in adolescent's anxiety: A cross-cultural comparison. *Journal of Child and Family Studies*, 25(7), 2102–2110. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0393-x>
- Muncer, S. J., & Ling, J. (2006). Psychometric analysis of the Empathy Quotient (EQ) scale. *Personality and Individual Differences*, 40(6), 1111–1119. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2005.09.020>
- Murphy, B. A., Costello, T. H., Watts, A. L., Cheong, Y. F., Berg, J. M., & Lilienfeld, S. O. (2020). Strengths and Weaknesses of Two Empathy Measures: A Comparison of the Measurement Precision, Construct Validity, and Incremental Validity of Two Multidimensional Indices. *Assessment*, 27(2), 246–260. <https://doi.org/10.1177/1073191118777636>
- Murphy, T. P., & Laible, D. J. (2013). The influence of attachment security on preschool children's empathic concern. *International Journal of Behavioral Development*, 37(5), 436–440. <https://doi.org/10.1177/0165025413487502>

- Nagy, E., Kompagne, H., Orvos, H., & Pal, A. (2007). Gender-related differences in neonatal imitation. *Infant and Child Development*, *16*(3), 267–276. <https://doi.org/10.1002/icd.497>
- Nakayama, Y., Takahashi, T., Wakabayashi, A., Oono, H., & Radford, M. H. (2007). Sex differences in the relationship between cortisol levels and the Empathy and Systemizing Quotients in humans. *Neuro endocrinology letters*, *28*(4), 445–448. [https://www.researchgate.net/publication/6145546\\_Sex\\_differences\\_in\\_the\\_relationship\\_between\\_cortisol\\_levels\\_and\\_the\\_Empathy\\_and\\_Systemizing\\_Quotients\\_in\\_humans](https://www.researchgate.net/publication/6145546_Sex_differences_in_the_relationship_between_cortisol_levels_and_the_Empathy_and_Systemizing_Quotients_in_humans)
- Nelson-Coffey, S. K., Killingsworth, M., Layous, K., Cole, S. W., & Lyubomirsky, S. (2019). Parenthood is associated with greater well-being for fathers than mothers. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *45*(9), 1378–1390. <https://doi.org/10.1177/0146167219829174>
- Neumann, D. L., Chan, R. C. K., Boyle, G. J., Wang, Y., & Westbury, H. R. (2015). Measures of empathy: Self-report, behavioral, and neuroscientific approaches. In G. J. Boyle, D. H. Saklofske, & G. Matthews (Eds.), *Measures of personality and social psychological constructs* (pp. 257–289). Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-386915-9.00010-3>
- Ngai, S. S.-y., Cheung, C.-k., Xie, L., Ng, Y.-h., Ngai, H.-l., Liu, Y., & Ho, J. C.-m. (2018). Psychometric properties of the Parental Bonding Instrument: Data from a Chinese adolescent sample in Hong Kong. *Journal of Child and Family Studies*, *27*(7), 2112–2124. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1058-8>
- Niedenthal, P. M., Mermillod, M., Maringer, M., & Hess, U. (2010). The Simulation of Smiles (SIMS) model: Embodied simulation and the meaning of facial expression. *The Behavioral and brain sciences*, *33*(6), 417–480. <https://doi.org/10.1017/S0140525X10000865>
- Nkosi, B., & Daniels, P.S. (2007). Family Strengths. *Marriage & Family Review*, *41*, 11 - 26. [https://doi.org/10.1300/J002v41n01\\_02](https://doi.org/10.1300/J002v41n01_02)
- Nomura, K., & Akai, S. (2012). Empathy with fictional stories: reconsideration of the fantasy scale of the interpersonal reactivity index. *Psychological reports*, *110*(1), 304–314. <https://doi.org/10.2466/02.07.09.11.PR0.110.1.304-314>
- Nunes, F., & Mota, C. P. (2017). Vinculação aos pais, competências sociais e ideação suicida em adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *69*(3), 52-65. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672017000300005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000300005&lng=pt&tlng=pt).
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2013). Externalizing and internalizing problems: contributions of attachment and parental practices. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, *26*(3), 617-625. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000300022>
- Oh, J., Chopik, W. J., Konrath, S., & Grimm, K. J. (2020). Longitudinal Changes in Empathy Across the Life Span in Six Samples of Human Development. *Social Psychological and Personality Science*, *11*(2), 244–253. <https://doi.org/10.1177/1948550619849429>
- Okado, Y., & Azar, S. T. (2011). The impact of extreme emotional distance in the mother-child relationship on the offspring's future risk of maltreatment perpetration. *Journal of Family Violence*, *26*(6), 439–452. <https://doi.org/10.1007/s10896-011-9378-0>
- O'Meara, A., Davies, J., & Hammond, S. (2011). The psychometric properties and utility of the Short Sadistic Impulse Scale (SSIS). *Psychological Assessment*, *23*(2), 523–531. <https://doi.org/10.1037/a0022400>

- Otani, K., Suzuki, A., Matsumoto, Y., Shibuya, N., Sadahiro, R., & Enokido, M. (2013). Parental overprotection engenders dysfunctional attitudes about achievement and dependency in a gender-specific manner. *BMC psychiatry*, *13*, 345. <https://doi.org/10.1186/1471-244X-13-345>
- Overbeek, G., ten Have, M., Vollebergh, W., & de Graaf, R. (2007). Parental lack of care and overprotection. Longitudinal associations with DSM-III-R disorders. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, *42*(2), 87–93. <https://doi.org/10.1007/s00127-006-0115-6>
- Pace, U., Zappulla, C., & Di Maggio, R. (2016). The mediating role of perceived peer support in the relation between quality of attachment and internalizing problems in adolescence: a longitudinal perspective. *Attachment & human development*, *18*(5), 508–524. <https://doi.org/10.1080/14616734.2016.1198919>
- Paolo Senese, V., De Nicola, A., Passaro, A., & Ruggiero, G. (2018). The factorial structure of a 15-item version of the Italian Empathy Quotient Scale. *European Journal of Psychological Assessment*, *34*(5), 344–351. <https://doi.org/10.1027/1015-5759/a000348>
- Parker, G. (1990). The Parental Bonding Instrument: A decade of research. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, *25*(6), 281–282. <https://doi.org/10.1007/BF00782881>
- Parker, G., Tupling, H., & Brown, L. B. (1979). A Parental Bonding Instrument. *British Journal of Medical Psychology*, *52*, 1–10. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8341.1979.tb02487.x>
- Parlar, M., Frewen, P., Nazarov, A., Oremus, C., MacQueen, G., Lanius, R., & McKinnon, M. C. (2014). Alterations in empathic responding among women with posttraumatic stress disorder associated with childhood trauma. *Brain and Behavior*, *4*(3)381–389. <https://doi.org/10.1002/brb3.215>
- Preckel, K., Kanske, P., & Singer, T. (2018). On the interaction of social affect and cognition: Empathy, compassion and theory of mind. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, *19*, 1–6. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2017.07.010>
- Preis, M. A., & Kroener-Herwig, B. (2012). Empathy for pain: the effects of prior experience and sex. *European journal of pain*, *16*(9), 1311–1319. <https://doi.org/10.1002/j.1532-2149.2012.00119.x>
- Prochazkova, E., & Kret, M. E. (2017). Connecting minds and sharing emotions through mimicry: A neurocognitive model of emotional contagion. *Neuroscience and biobehavioral reviews*, *80*, 99–114. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2017.05.013>
- Procyshyn, T. L., Watson, N. V., & Crespi, B. J. (2020). Experimental empathy induction promotes oxytocin increases and testosterone decreases. *Hormones and behavior*, *117*, 104607. <https://doi.org/10.1016/j.yhbeh.2019.104607>
- Putnick, D. L., & Bornstein, M. H. (2016). Measurement Invariance Conventions and Reporting: The State of the Art and Future Directions for Psychological Research. *Developmental review : DR*, *41*, 71–90. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2016.06.004>
- Qu, X., Wang, X., Huang, X., KC, A., Yang, Y., Huang, Y., Chen, C., Gao, Y., Yang, Y., & Zhou, H. (2020). Socio-emotional challenges and development of children left behind by migrant mothers. *Journal of Global Health*, *10*(1), 1–9. <https://doi.org/10.7189/jogh.10.010806>
- Queirós, A., Fernandes, E., Reniers, R., Sampaio, A., Coutinho, J., & Seara-Cardoso, A. (2018). Psychometric properties of the Questionnaire of Cognitive and Affective Empathy in a Portuguese sample. *PLoS ONE*, *13*(6), Article e0197755. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0197755>

- Ramires, V. R. R., & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 25-33. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100004>
- Redondo, I., & Herrero-Fernández, D. (2018). Adaptación del Empathy Quotient (EQ) en una muestra española. *Terapia psicológica*, 36(2), 81-89. <https://doi.org/10.4067/S0718-48082018000200081>
- Reti, I. M., Samuels, J. F., Eaton, W. W., Bienvenu, O. J., 3rd, Costa, P. T., Jr, & Nestadt, G. (2002). Influences of parenting on normal personality traits. *Psychiatry research*, 111(1), 55–64. [https://doi.org/10.1016/s0165-1781\(02\)00128-2](https://doi.org/10.1016/s0165-1781(02)00128-2)
- Rey, J. M., Bird, K. D., Kopec-Schrader, E., & Richards, I. N. (1993). Effects of gender, age and diagnosis on perceived parental care and protection in adolescents. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 88(6), 440–446. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1993.tb03488.x>
- Ribas Jr., R. C., Moura, M. L. S., & Hutz, C. S. (2004). Adaptação brasileira da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. *Avaliação Psicológica*, 3(2), 83-92. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712004000200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000200003&lng=pt&tlng=pt).
- Rigby, K., Slee, P., & Martin, G. (2007). Implications of inadequate parental bonding and peer victimization for adolescent mental health. *Journal of Adolescence*, 30(5), 801-812. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2006.09.008>
- Rikhye, K., Tyrka, A. R., Kelly, M. M., Gagne, G. G., Jr, Mello, A. F., Mello, M. F., Price, L. H., & Carpenter, L. L. (2008). Interplay between childhood maltreatment, parental bonding, and gender effects: impact on quality of life. *Child abuse & neglect*, 32(1), 19–34. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2007.04.012>
- Riess, H. (2017). The Science of Empathy. *Journal of Patient Experience*, 4(2), 74–77. <https://doi.org/10.1177/2374373517699267>
- Rodrigues, J., Lopes, A., Giger, J.-C., Gomes, A., Santos, J., & Gonçalves, G. (2011). Escalas de medição do Quociente de Empatia/Sistematização: Um ensaio de validação para a população portuguesa. *Psicologia: Revista da Associação Portuguesa Psicologia*, 25(1), 73–89. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v25i1.280>
- Romero-Martínez, Á., Lila, M., Catalá-Miñana, A., Williams, R. K., & Moya-Albiol, L. (2013). The contribution of childhood parental rejection and early androgen exposure to impairments in socio-cognitive skills in intimate partner violence perpetrators with high alcohol consumption. *International journal of environmental research and public health*, 10(8), 3753–3770. <https://doi.org/10.3390/ijerph10083753>
- Rosenman, R., Tennekoon, V., & Hill, L. G. (2011). Measuring bias in self-reported data. *International journal of behavioural & healthcare research*, 2(4), 320–332. <https://doi.org/10.1504/IJBHR.2011.043414>
- Rothbaum, F., & Weisz, J. R. (1994). Parental caregiving and child externalizing behavior in nonclinical samples: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 116(1), 55–74. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.116.1.55>
- Rueckert, L., & Naybar, N. (2008). Gender differences in empathy: the role of the right hemisphere. *Brain and cognition*, 67(2), 162–167. <https://doi.org/10.1016/j.bandc.2008.01.002>

- Ruengvirayudh, P., & Brooks, G. P. (2016). Comparing Stepwise Regression Models to the Best-Subsets Models, or, the Art of Stepwise. *General Linear Model Journal*, 42(1), 1-14. [http://www.glmj.org/archives/articles/Pornchanok\\_v42n1.pdf](http://www.glmj.org/archives/articles/Pornchanok_v42n1.pdf)
- Ruiz-Hernández, J. A., Moral-Zafra, E., Llor-Esteban, B., & Jiménez-Barbero, J. A. (2019). Influence of parental styles and other psychosocial variables on the development of externalizing behaviors in adolescents: A systematic review. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11(1), 9–21. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2018a11>
- Ruiz-Ortiz, R., Braza, P., Carreras, R., & Muñoz, J. M. (2017). Differential effects of mother's and father's parenting on prosocial and antisocial behavior: Child sex moderating. *Journal of Child and Family Studies*, 26(8), 2182–2190. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0726-4>
- Sampaio, I. T. A. (2007). Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. *Journal of Human Growth and Development*, 17(2), 144-152. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822007000200016&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000200016&lng=pt&tlng=pt)
- Sampaio, I. T. A., & Vieira, M. L. (2010). A influência do gênero e ordem de nascimento sobre as práticas educativas parentais. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 23(2), 198-207. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200002>
- Sampaio, L. R., Guimarães, P. R. B., Camino, C. P. dos S., Formiga, N. S., & Menezes, I. G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico*, 42(1), 67-76. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6456>
- Santos, A. T. dos. (2005). Controle percebido: um estudo comparativo entre homens e mulheres. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 1(1), 91-100. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872005000100011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872005000100011&lng=pt&tlng=pt)
- Schmoeger, M., Deckert, M., Wagner, P., Sirsch, U., & Willinger, U. (2018). Maternal bonding behavior, adult intimate relationship, and quality of life. *Neuropsychiatry*, 32(1), 26–32. <https://doi.org/10.1007/s40211-017-0258-6>
- Schorr, M. T., Tietbohl-Santos, B., de Oliveira, L. M., Terra, L., de Borba Telles, L. E., & Hauck, S. (2020). Association between different types of childhood trauma and parental bonding with antisocial traits in adulthood: A systematic review. *Child abuse & neglect*, 107, Article 104621. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104621>
- Schriesheim, C. A., & Eisenbach, R. J. (1995). An exploratory and confirmatory factor-analytic investigation of item wording effects on the obtained factor structures of survey questionnaire measures. *Journal of Management*, 21(6), 1177–1193. <https://doi.org/10.1177/014920639502100609>
- Schuler, M., Mohnke, S., & Walter, H. (2016). The neurological basis of empathy and mimicry. In U. Hess & A. Fischer (Eds.), *Studies in emotion and social interaction. Emotional mimicry in social context* (pp. 192–221). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107587595.010>
- Seager, M., Farrell, W., Barry, J. (2016). The Male Gender Empathy Gap: Time for Psychology to Take Action. *New Male Studies: An International Journal*, 5(2), 6-16. <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1534129/1/Gender%20Empathy%20Gap%20Seager%20Farrell%20Barry%202016.pdf>



- Seganfredo, A. C. G., Torres, M., Salum, G. A., Blaya, C., Acosta, J., Eizirik, C., & Manfro, G. G. (2009). Gender differences in the associations between childhood trauma and parental bonding in panic disorder. *Revista de Psiquiatria Brasileira*, *31*(4), 314-321. <https://www.scielo.br/j/rbp/a/K6LgtFvkgbRtH4fQ6dYWvrS/?format=pdf&lang=en>
- Seidl-de-Moura, M. L., de Souza, A. L., Oliva, A. D., & Vieira, M. (2012). Profiles of Maternal Care Observed in a Group of Brazilian Mothers: an Exploratory Study. *The Spanish Journal of Psychology*, *15*(3), 989-999. [https://doi.org/10.5209/rev\\_SJOP.2012.v15.n3.39390](https://doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n3.39390)
- Seidl-de-Moura, M. L., Oliva, A. D., & Vieira, M. L. (2009). Human development in an evolutionary perspective. *Avances en Psicología Latinoamericana*, *27*(2), 252-262. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=79915035003>
- Sexton, T. L., Hingst, A. G., & Regan, K. R. (2014). Parental Divorce: The Effect on Sex-role Identification and Perceived Parental Bonding. *Australian Journal of Sex, Marriage and Family*, *10*(4), 156-164. <https://doi.org/10.1080/1591487.1989.11004240>
- Shirtcliff, E., Vitacco, M., Graf, A., Gostisha, A., Merz, J., & Zahn-Waxler, C. (2009). Neurobiology of empathy and callousness: implications for the development of antisocial behavior. *Behavioral, Sciences and Law*, *27*(2), 137-171. <https://doi.org/10.1002/bsl.862>
- Sindermann, C., Cooper, A., & Montag, C. (2019). Empathy, Autistic Tendencies, and Systemizing Tendencies-Relationships Between Standard Self-Report Measures. *Frontiers in psychiatry*, *10*, Article 307. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00307>
- Singer, T., & Tusche, A. (2014). Understanding Others. In P. W. Glimcher & E. Fehr (Eds.), *Neuroeconomics* (pp. 513–532). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/b978-0-12-416008-8.00027-9>
- Siu, A. M. H., & Shek, D. T. L. (2005). Validation of the Interpersonal Reactivity Index in a Chinese Context. *Research on Social Work Practice*, *15*(2), 118–126. <https://doi.org/10.1177/1049731504270384>
- Soenens, B., Duriez, B., Vansteenkiste, M., & Goossens, L. (2007). The Intergenerational Transmission of Empathy-Related Responding in Adolescence: The Role of Maternal Support. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *33*(3), 299–311. <https://doi.org/10.1177/0146167206296300>
- Song, M. K., Lin, F. C., Ward, S. E., & Fine, J. P. (2013). Composite variables: when and how. *Nursing research*, *62*(1), 45–49. <https://doi.org/10.1097/NNR.0b013e3182741948>
- Specht, J., Egloff, B., & Schmukle, S. C. (2013). Everything under control? The effects of age, gender, and education on trajectories of perceived control in a nationally representative German sample. *Developmental psychology*, *49*(2), 353–364. <https://doi.org/10.1037/a0028243>
- Spinrad, T. L., Losoya, S. H., Richard, N. E., Fabes, A., Shepard, S. A., Cumberland, A., Guthrie, I. K., & Murphy, B. C. (1999). The Relations of Parental Affect and Encouragement to Children's Moral Emotions and Behaviour. *Journal of Moral Education*, *28*(3), 323-337. <https://doi.org/10.1080/030572499103115>
- Spruit, A., Goos, L., Weenink, N., Rodenburg, R., Niemeyer, H., Stams, G. J., & Colonnaesi, C. (2020). The Relation Between Attachment and Depression in Children and Adolescents: A Multilevel Meta-Analysis. *Clinical Child Family Psychology Review*, *23*, 54–69. <https://doi.org/10.1007/s10567-019-00299-9>

- Sroufe L. A. (2005). Attachment and development: a prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & human development*, 7(4), 349–367. <https://doi.org/10.1080/14616730500365928>
- Starrels, M. E. (1994). Gender differences in parent-child relations. *Journal of Family Issues*, 15(1), 148–165. <https://doi.org/10.1177/019251394015001007>
- Stern, J. A., Borelli, J. L., & Smiley, P. A. (2015). Assessing parental empathy: a role for empathy in child attachment. *Attachment & human development*, 17(1), 1–22. <https://doi.org/10.1080/14616734.2014.969749>
- Stern, J. A., & Cassidy, J. (2018). Empathy from infancy to adolescence: An attachment perspective on the development of individual differences. *Developmental Review*, 47, 1–22. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2017.09.002>
- Strayer, J., & Roberts, W. (2004). Children's Anger, Emotional Expressiveness, and Empathy: Relations with Parents' Empathy, Emotional Expressiveness, and Parenting Practices. *Social Development*, 13(2), 229–254. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2004.000265.x>
- Straske, M. D. (2019). *If You Give a Boy a Baby: Encouraging Empathy in Preschool Boys through Toy Play and Emotion Talk* [Tese de doutorado, Washington & Lee University]. Washington and Lee University Library. <https://dspace.wlu.edu/handle/11021/34433>
- Suárez-Álvarez, J., Pedrosa, I., Lozano, L. M., García-Cueto, E., Cuesta, M., & Muñiz, J. (2018). Using reversed items in Likert scales: A questionable practice. *Psicothema*, 30(2), 149–158. <https://doi.org/10.7334/psicothema2018.33>
- Sultan, S., Rafiq, S., & Kanwal, S. (2019). Parental Bonding and Social Adjustment: Evidence from the Mediation by Emotional Intelligence. *University of Wah Journal of Social Sciences*, 2(2), 32-45. <https://uwjss.org.pk/downloads/v2/issue2/020202.pdf>
- Super, C. M., & Harkness, S. (1986). The developmental niche: A conceptualization at the interface of child and culture. *International Journal of Behavioral Development*, 9(4), 545–569. <https://doi.org/10.1177/016502548600900409>
- Swain, S. D., Weathers, D., & Niedrich, R. W. (2008). Assessing three sources of misresponse to reversed Likert items. *Journal of Marketing Research*, 45(1), 116–131. <https://doi.org/10.1509/jmkr.45.1.116>
- Tabak, B. A., Meyer, M. L., Castle, E., Dutcher, J. M., Irwin, M. R., Han, J. H., Lieberman, M. D., & Eisenberger, N. I. (2015). Vasopressin, but not oxytocin, increases empathic concern among individuals who received higher levels of paternal warmth: A randomized controlled trial. *Psychoneuroendocrinology*, 51, 253–261. <https://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2014.10.006>
- Tam, K-P., & Milfont, T. L. (2020). Towards cross-cultural environmental psychology: A state-of-the-art review and recommendations. *Journal of Environmental Psychology*, 71, e 101474. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2020.101474>
- Tani, F., Pascuzzi, D. & Raffagnino, R. (2018). The Relationship Between Perceived Parenting Style and Emotion Regulation Abilities in Adulthood. *Journal of Adult Development*, 25, 1–12. <https://doi.org/10.1007/s10804-017-9269-6>
- Tata, P., Fox, J., & Cooper, J. (2001). An investigation into the influence of gender and parenting styles on excessive exercise and disordered eating. *European Eating Disorders Review*, 9(3), 194-206. <https://doi.org/10.1002/erv.394>

- Teixeira, J. N., & Alvarenga, P. (2016). Relações entre controle psicológico e comportamental materno e ansiedade infantil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 68(3), 145-160. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672016000300011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000300011&lng=pt&tlng=pt).
- Teodoro, M. L. M., Benetti, S. P. da C., Schwartz, C. B., & Mônego, B. G. (2010). Propriedades psicométricas do Parental Bonding Instrument e associação com funcionamento familiar. *Avaliação Psicológica*, 9(2), 243-251. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712010000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000200009&lng=pt&tlng=pt).
- Thomasgard, M., & Metz, W. P. (1993). Parental overprotection revisited. *Child Psychiatry and Human Development*, 24(2), 67–80. <https://doi.org/10.1007/BF02367260>
- Thompson, K., & Gullone, E. (2008). Prosocial and antisocial behaviours in adolescents: An investigation into associations with attachment and empathy. *Anthrozoos*, 21, 123-137. <https://doi.org/10.2752/157303708X305774>
- Tincani, M., & Travers, J. (2019). Replication Research, Publication Bias, and Applied Behavior Analysis. *Perspectives on Behavior Science*, 42, 59-75 <https://doi.org/10.1007/s40614-019-00191-5>
- Tiokhin, L., Hackman, J., Munira, S., Jesmin, K., & Hruschka, D. (2019). Generalizability is not optional: insights from a cross-cultural study of social discounting. *Royal Society open science*, 6(2), 181386. <https://doi.org/10.1098/rsos.181386>
- Toccaceli, V., Fagnani, C., Eisenberg, N., Alessandri, G., Vitale, A., & Stazi, M. A. (2018). Adult Empathy: Possible Gender Differences in Gene-Environment Architecture for Cognitive and Emotional Components in a Large Italian Twin Sample. *Twin research and human genetics: the official journal of the International Society for Twin Studies*, 21(3), 214–226. <https://doi.org/10.1017/thg.2018.19>
- Todd, B. K., Barry, J. A., & Thommessen, S. A. O. (2016). Preferences for “Gender-typed” Toys in Boys and Girls Aged 9 to 32 Months. *Infant and Child Development*, 26(3), e1986. <https://doi.org/10.1002/icd.1986>
- Tonetto, L. M., Pereira, A. S., Koller, S. H., Bressane, K., & Pierozan, D. (2020) Designing Toys and Play Activities for the Development of Social Skills in Childhood. *The Design Journal*, 23(2), 199-217. <https://doi.org/10.1080/14606925.2020.1717026>
- Troyer, D., & Greitemeyer, T. (2018). The impact of attachment orientations on empathy in adults: Considering the mediating role of emotion regulation strategies and negative affectivity. *Personality and Individual Differences*, 122, 198–205. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.10.033>
- Tur-Porcar, A. M., Doménech, A., & Mestre, V. (2018). Vínculos familiares e inclusión social. Variables predictoras de la conducta prosocial en la infancia. *Anales de Psicología*, 34(2), 340–348. <https://doi.org/10.6018/analesps.34.2.308151>
- Uji, M., Sakamoto, A., Adachi, K., & Kitamura, T. (2014). The Impact of Authoritative, Authoritarian, and Permissive Parenting Styles on Children’s Later Mental Health in Japan: Focusing on Parent and Child Gender. *Journal of Child and Family Studies*, 23, 293-302. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9740-3>
- Uji, M., Tanaka, N., Shono, M., & Kitamura, T. (2006). Factorial structure of the parental bonding instrument (PBI) in Japan: a study of cultural, developmental, and gender

- influences. *Child psychiatry and human development*, 37(2), 115–132. <https://doi.org/10.1007/s10578-006-0027-4>
- Van Assche, L., Morrens, M., Luyten, P., Van de Ven, L., & Vandenbulcke, M. (2017). The neuropsychology and neurobiology of late-onset schizophrenia and very-late-onset schizophrenia-like psychosis: A critical review. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 83, 604–621. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2017.08.024>
- Van der Graaf, J., Branje, S., De Wied, M., Hawk, S., Van Lier, P., & Meeus, W. (2014). Perspective taking and empathic concern in adolescence: gender differences in developmental changes. *Development Psychology*, 50(3), 881–888. <https://doi.org/10.1037/a0034325>
- Van Doorn, M. D., Branje, S. J., & Meeus, W. H. (2011). Developmental changes in conflict resolution styles in parent-adolescent relationships: a four-wave longitudinal study. *Journal of youth and adolescence*, 40(1), 97–107. <https://doi.org/10.1007/s10964-010-9516-7>
- Van Heel, M., Bijttebier, P., Colpin, H., Goossens, L., Van Den Noortgate, W., Verschueren, K., & Van Leeuwen, K. (2020). Perspective taking, empathic concern, agreeableness, and parental support: Transactional associations across adolescence. *Journal of Adolescence*, 85, 21–31. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2020.09.012>
- Van Honk, J., Schutter, D. J., Bos, P. A., Kruijt, A. W., Lentjes, E. G., & Baron-Cohen, S. (2011). Testosterone administration impairs cognitive empathy in women depending on second-to-fourth digit ratio. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 108(8), 3448–3452. <https://doi.org/10.1073/pnas.1011891108>
- Vicente, C. (2009). Apego e desenvolvimento. In M. L. Seidl-de-Moura, D. M. Mendes, & L. Pessoa (Orgs.), *Interação Social e Desenvolvimento* (pp. 87–100). Editora CRV.
- Vieira, M., Seidl-de-Moura, M., Macarini, S., Martins, G., Lordelo, E., Tokumaru, R., & Oliva, Â. (2010). Autonomy and Interdependence: Beliefs of Brazilian Mothers from State Capitals and Small Towns. *The Spanish Journal of Psychology*, 13(2), 818–826. <https://doi.org/10.1017/S113874160000247X>
- Vigil-Colet, A., Navarro-González, D., & Morales-Vives, F. (2020). To reverse or to not reverse Likert-type items: That is the question. *Psicothema*, 32(1), 108–114. <https://doi.org/10.7334/psicothema2019.286>
- Wagers, K. B., & Kiel, E. J. (2019). The influence of parenting and temperament on empathy development in toddlers. *Journal of Family Psychology*, 33(4), 391–400. <https://doi.org/10.1037/fam0000505>
- Waite, S., & Rees, S. (2014) Practising empathy: enacting alternative perspectives through imaginative play. *Cambridge Journal of Education*, 44(1), 1–18. <https://doi.org/10.1080/0305764X.2013.811218>
- Wakabayashi, A., Baron-Cohen, S., Uchiyama, T., Yoshida, Y., Kuroda, M., & Wheelwright, S. (2007). Empathizing and systemizing in adults with and without autism spectrum conditions: cross-cultural stability. *Journal of autism and developmental disorders*, 37(10), 1823–1832. <https://doi.org/10.1007/s10803-006-0316-6>
- Walker, S. (2005). Gender differences in the relationship between young children's peer-related social competence and individual differences in theory of mind. *The Journal of genetic psychology*, 166(3), 297–312. <https://doi.org/10.3200/GNTP.166.3.297-312>

- Walters, G. K., & Carpenter, K. (2017). Gender-Role Stereotypes and Culture in Jamaica and Barbados. In K. Carpenter, *Interweaving Tapestries of Culture and Sexuality in the Caribbean* (pp. 15-34). Palgrave Macmillan.
- Wang, Y., Li, Y., Xiao, W., Fu, Y., & Jie, J. (2020). Investigation on the Rationality of the Extant Ways of Scoring the Interpersonal Reactivity Index Based on Confirmatory Factor Analysis. *Frontiers in Psychology*, *11*, Article 1086. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01086>
- Weinberg, M. K., Tronick, E. Z., Cohn, J. F., & Olson, K. L. (1999). Gender differences in emotional expressivity and self-regulation during early infancy. *Developmental psychology*, *35*(1), 175–188. <https://doi.org/10.1037//0012-1649.35.1.175>
- Weijters, B., & Baumgartner, H. (2012). Misresponse to Reversed and Negated Items in Surveys: A Review. *Journal of Marketing Research*, *49*(5), 737–747. <https://doi.org/10.1509/jmr.11.0368>
- Wertag, A., & Hanzec, I. (2016). Factor structure and psychometric properties of the Croatian short version of The Empathy Quotient. *Suvremena psihologija*, *19*(1), 101-109. <https://doi.org/10.21465/2016-SP-191-09>
- Williams, J. E., Bennett, S. M. (1975). The definition of sex stereotypes via the adjective check list. *Sex Roles*, *1*, 327–337. <https://doi.org/10.1007/BF00287224>
- Williams, J. E., Satterwhite, R. C., & Best, D. L. (1999). Pancultural Gender Stereotypes Revisited: The Five Factor Model. *Sex Roles*, *40*, 513–525. <https://doi.org/10.1023/A:1018831928829>
- Willinger, U., Diendorfer-Radner, G., Willnauer, R., Jörgl, G., & Hager, V. (2005). Parenting Stress and Parental Bonding. *Behavioral Medicine*, *31*(2), 63–69. <https://doi.org/10.3200/BMED.31.2.63-72>
- Wills, M., & Zhang, Q. (2021). Like Mother, Like Daughter? A Cross-Generational Analysis of the Intergenerational Effects of Mothers' Conflict Styles on Daughters' in the Mother-Daughter Dyad. *China Media Research*, *17*(2), 6-21. <https://www.thefreelibrary.com/Like+Mother%2C+Like+Daughter%3F+A+Cross-Generational+Analysis+of+the...-a0662089879>
- Wimmer, H., & Perner, J. (1983). Beliefs about beliefs: representation and constraining function of wrong beliefs in young children's understanding of deception. *Cognition*, *13*(1), 103–128. [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(83\)90004-5](https://doi.org/10.1016/0010-0277(83)90004-5)
- Wind, S. A., Yaghoubi Jam, P., & Mansouri, B. (2018). Exploring the psychometric properties of the empathy quotient for farsi speakers. *Current Psychology*, *40*(7), 306-320. <https://doi.org/10.1007/s12144-018-9938-z>
- Xu, M. K., Morin, A. J. S., Marsh, H. W., Richards, M., & Jones, P. B. (2016). Psychometric Validation of the Parental Bonding Instrument in a U.K. Population-Based Sample: Role of Gender and Association With Mental Health in Mid-Late Life. *Assessment*, *25*(6), 716–728. <https://doi.org/10.1177/10731911166660813>
- Yaghoubi Jami, P., Mansouri, B., Thoma, S. J., & Han, H. (2019). An investigation of the divergences and convergences of trait empathy across two cultures. *Journal of Moral Education*, *48*(2), 214-229. <https://doi.org/10.1080/03057240.2018.1482531>
- Yamamoto, S. (2016). Primate empathy: three factors and their combinations for empathy-related phenomena. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, *8*(3), Article e1431. <https://doi.org/10.1002/wcs.1431>

- Yavaşlar, Y. (2016). *Empathy skills in middle childhood: the role of child's temperament, parenting practices, and mother's empathy*. [Dissertação de Mestrado, Middle East Technical University]. <https://etd.lib.metu.edu.tr/upload/12620691/index.pdf>
- Zahn-Waxler, C., Cole, P. M., & Barrett, K. C. (1991). Guilt and empathy: Sex differences and implications for the development of depression. In J. Garber & K. A. Dodge (Eds.), *Cambridge studies in social and emotional development. The development of emotion regulation and dysregulation* (pp. 243–272). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511663963.012>
- Zhang, Y., Xiang, J., Wen, J., Bian, W., Sun, L., & Bai, Z. (2018). Psychometric properties of the Chinese version of the empathy quotient among Chinese minority college students. *Annals of general psychiatry, 17*, Article 38. <https://doi.org/10.1186/s12991-018-0209-z>
- Zhao, Q., Neumann, D. L., Cao, Y., Baron-Cohen, S., Yan, C., Chan, R., & Shum, D. (2019). Culture-Sex Interaction and the Self-Report Empathy in Australians and Mainland Chinese. *Frontiers in psychology, 10*, 396. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00396>
- Zorza, J. P., Marino, J., & Acosta Mesas, A. (2019). Predictive Influence of Executive Functions, Effortful Control, Empathy, and Social Behavior on the Academic Performance in Early Adolescents. *The Journal of Early Adolescence, 39*(2), 253–279. <https://doi.org/10.1177/0272431617737624>
- Zwaan, R. A., Etz, A., Lucas, R. E., & Donnellan, M. B. (2017). Making replication mainstream. *Behavioral and Brain Sciences, 41*, e120. doi:10.1017/s0140525x17001972

**APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “Os efeitos do sexo como preditor das relações entre a empatia e o cuidado e a superproteção parental”, conduzida e desenvolvida por Luisa Braga Pereira, discente do Mestrado em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, campus Maracanã, sob a orientação da Professora Doutora Angela Donato Oliva. Este estudo tem por objetivo avaliar os efeitos do sexo e/ou do cuidado e da superproteção parentais sobre a empatia.

Você foi selecionado(a) por ter idade entre 18 e 60 anos e ter tido contato tanto com a mãe quanto com o pai durante a infância e a adolescência. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Os riscos mínimos da participação no estudo são mínimos, mas podem envolver o ligeiro desconforto dos participantes se houver possibilidade dos mesmos terem lembranças desconfortáveis ou desagradáveis estimuladas pela temática da pesquisa, principalmente no que se refere aos comportamentos e atitudes parentais percebidas por eles durante suas infâncias e adolescências. Os participantes que experimentarem algum tipo de desconforto emocional podem entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo estudo.

Os benefícios da pesquisa consistem na ampliação da literatura sobre a temática, principalmente por esta ser escassa no contexto brasileiro. Ademais, a compreensão mais aprofundada dos efeitos do sexo e/ou do cuidado e da superproteção parentais sobre a empatia é importante para que novos modelos terapêuticos e de promoção da empatia possam ser desenvolvidos.

Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. A sua contribuição nesta pesquisa consistirá em responder um questionário sociodemográfico e preencher três instrumentos: o Parental Bonding Instrument (PBI; Hauck et al., 2005), a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI; Koller et al., 2001) e a versão curta da Escala de Medição do Quociente de Empatia (Castelhano-Souza, et al., 2018). Estima-se que o tempo de resposta dos instrumentos seja de aproximadamente 35 minutos.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, aponte sua concordância e insira o seu nome, o qual será mantido em sigilo. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa da UERJ – COEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Luisa Braga Pereira, aluna de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS-UERJ); e-mail: lubrpereira@gmail.com .Rua São Francisco Xavier, 524, bloco F, 10º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ (COEP): Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180. O horário de funcionamento é de segunda á sexta, das 10h às 16h.



**APÊNDICE B** - Estatísticas descritivas e testes de normalidade para as variáveis relativas aos comportamentos parentais percebidos e as dimensões de empatia

Tabela 18 - Estatísticas descritivas e testes de normalidade para as variáveis relativas aos comportamentos parentais percebidos e as dimensões de empatia

Variáveis	Média	Desvio- Padrão	Testes de Normalidade			
			Kolmogorov-Smirnov Estatística	Sig.	Shapiro-Wilk Estatística	Sig
Cuidado Materno	24,63	9,29	0,14	<0,001	0,91	<0,001
Superproteção Materna	16,25	9,20	0,79	<0,001	0,98	<0,001
Cuidado Paterno	19,67	10,00	0,70	<0,001	0,97	<0,001
Superproteção Paterna	13,11	9,36	0,98	<0,001	0,95	<0,001
Consideração Empática	28,13	4,68	0,98	<0,001	0,95	<0,001
Tomada de Perspectiva	26,25	4,88	0,96	<0,001	0,97	<0,001
Empatia Cognitiva (QE)	4,21	2,80	0,10	<0,001	0,95	<0,001
Reatividade Emocional	5,80	2,57	0,11	<0,001	0,96	<0,001
Empatia Cognitiva Combinada	-	-	0,069	<0,001	0,97	<0,001
Empatia Afetiva Combinada	-	-	0,024	0,200	1,00	0,159

**APÊNDICE C** - Variáveis excluídas nas análises de regressão linear múltipla por meio do método *foward*

Tabela 19 - Variáveis excluídas do modelo de Tomada de Perspectiva referentes à amostra total.

Preditores	Coeficientes padronizados		t	Sig.
	Beta			
Superproteção Materna	-0,027		-0,55	0,583
Cuidado Paterno	-0,013		-0,27	0,787
Superproteção Paterna	-0,007		-0,14	0,888

Tabela 20 - Variáveis excluídas do modelo de Empatia Cognitiva Combinada referentes à amostra total.

Preditores	Coeficientes padronizados		t	Sig.
	Beta			
Superproteção Materna	-0,013		-0,27	0,789
Cuidado Paterno	0,009		0,19	0,850
Superproteção Paterna	-0,036		-0,77	0,441

Tabela 21 - Variáveis excluídas do modelo de Consideração Empática referentes ao sexo feminino.

Preditores	Coeficientes padronizados		t	Sig.
	Beta			
Superproteção Materna	0,050		0,82	0,414
Cuidado Paterno	0,076		1,28	0,202
Superproteção Paterna	0,033		0,57	0,569

Tabela 22 - Variáveis excluídas do modelo de Tomada de Perspectiva referentes ao sexo feminino.

Preditores	Coeficientes padronizados		t	Sig.
	Beta			
Superproteção Materna	-0,013		-0,21	0,831
Cuidado Paterno	0,025		0,43	0,671
Superproteção Paterna	-0,025		-0,43	0,666

Tabela 23 - Variáveis excluídas do modelo de Empatia Cognitiva Combinada referentes ao sexo feminino.

Preditores	Coeficientes padronizados		t	Sig.
	Beta			
Superproteção Materna	-0,013		-0,20	0,839
Cuidado Paterno	0,062		1,04	0,301
Superproteção Paterna	-0,060		-1,06	0,290

## ANEXO 1 - Parental Bonding Instrument (Hauck et al., 2005)

### Versão sobre a mãe

Este questionário lista várias atitudes e comportamentos dos pais. Conforme você se lembra da sua MÃE até os seus 16 anos, faça uma marca no parêntese mais apropriado ao lado de cada afirmativa.

	Muito parecido	Moderadamente parecido	Moderadamente diferente	Muito diferente
Falava comigo com uma voz meiga e amigável	( )	( )	( )	( )
Não me ajudava quando eu necessitava	( )	( )	( )	( )
Deixava-me fazer as coisas que eu gostava de fazer	( )	( )	( )	( )
Parecia emocionalmente fria comigo	( )	( )	( )	( )
Parecia compreender meus problemas e preocupações	( )	( )	( )	( )
Era carinhosa comigo	( )	( )	( )	( )
Gostava que eu tomasse minhas próprias decisões	( )	( )	( )	( )
Não queria que eu crescesse	( )	( )	( )	( )
Tentava controlar todas as coisas que eu fazia	( )	( )	( )	( )
Invadia minha privacidade	( )	( )	( )	( )
Gostava de conversar sobre as coisas comigo	( )	( )	( )	( )
Frequentemente sorria para mim	( )	( )	( )	( )
Tendia a me tratar como bebê	( )	( )	( )	( )
Parecia não entender o que eu necessitava ou queria	( )	( )	( )	( )
Deixava que eu decidisse coisas por mim mesmo	( )	( )	( )	( )
Fazia com que eu sentisse que não era querido(a)	( )	( )	( )	( )
Podia me fazer sentir melhor quando eu estava chateado	( )	( )	( )	( )
Não conversava muito comigo	( )	( )	( )	( )
Tentava me fazer dependente dela	( )	( )	( )	( )

	Muito parecido	Moderadamente parecido	Moderadamente diferente	Muito diferente
Ela sentia que eu não poderia cuidar de mim mesmo, a menos que ela estivesse por perto	( )	( )	( )	( )
Dava-me tanta liberdade quanto eu queria	( )	( )	( )	( )
Deixava-me sair tão frequentemente quanto eu queria	( )	( )	( )	( )
Era superprotetora comigo	( )	( )	( )	( )
Não me elogiava	( )	( )	( )	( )
Deixava-me vestir de qualquer jeito que eu desejasse	( )	( )	( )	( )

### Versão sobre o pai

Este questionário lista várias atitudes e comportamentos dos pais. Conforme você se lembra do seu PAI até os seus 16 anos, faça uma marca no parêntese mais apropriado ao lado de cada afirmativa.

	Muito parecido	Moderadamente parecido	Moderadamente diferente	Muito diferente
Falava comigo com uma voz meiga e amigável	( )	( )	( )	( )
Não me ajudava quando eu necessitava	( )	( )	( )	( )
Deixava-me fazer as coisas que eu gostava de fazer	( )	( )	( )	( )
Parecia emocionalmente frio comigo	( )	( )	( )	( )
Parecia compreender meus problemas e preocupações	( )	( )	( )	( )
Era carinhoso comigo	( )	( )	( )	( )
Gostava que eu tomasse minhas próprias decisões	( )	( )	( )	( )
Não queria que eu crescesse	( )	( )	( )	( )
Tentava controlar todas as coisas que eu fazia	( )	( )	( )	( )
Invadia minha privacidade	( )	( )	( )	( )
Gostava de conversar sobre as coisas comigo	( )	( )	( )	( )
Frequentemente sorria para mim	( )	( )	( )	( )
Tendia a me tratar como bebê	( )	( )	( )	( )
Parecia não entender o que eu necessitava ou queria	( )	( )	( )	( )
Deixava que eu decidisse coisas por mim mesmo	( )	( )	( )	( )

	Muito parecido	Moderadamente parecido	Moderadamente diferente	Muito diferente
Fazia com que eu sentisse que não era querido(a)	( )	( )	( )	( )
Podia me fazer sentir melhor quando eu estava chateado	( )	( )	( )	( )
Não conversava muito comigo	( )	( )	( )	( )
Tentava me fazer dependente dele	( )	( )	( )	( )
Ele sentia que eu não poderia cuidar de mim mesmo, a menos que ele estivesse por perto	( )	( )	( )	( )
Dava-me tanta liberdade quanto eu queria	( )	( )	( )	( )
Deixava-me sair tão frequentemente quanto eu queria	( )	( )	( )	( )
Era superprotetor comigo	( )	( )	( )	( )
Não me elogiava	( )	( )	( )	( )
Deixava-me vestir de qualquer jeito que eu desejasse	( )	( )	( )	( )

## ANEXO B - Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI et al., 2001)

As seguintes afirmações questionam seus sentimentos e pensamentos em uma variedade de situações. Para cada item, indique quanto seu pensamento ou sentimento é descrito pela afirmação escolhendo sua posição na escala abaixo (“não me descreve bem”/“descreve-me muito bem”). Quando você tiver decidido sua resposta, escolha o número apropriado ao lado da afirmação. Leia cada item com muito cuidado antes de responder. Responda o mais honestamente possível.

	Não me descreve bem	1	2	3	4	5	Descreve- me muito bem
1. Eu frequentemente tenho sentimentos de ternura e preocupação por pessoas menos afortunadas do que eu.	1	2	3	4	5		
2. Às vezes, eu tenho dificuldade de ver as coisas do ponto de vista dos outros.	1	2	3	4	5		
3. Às vezes, eu não lamento por outras pessoas que estão tendo problemas.	1	2	3	4	5		
4. Em situações de emergência, eu me sinto ansioso e desconfortável.	1	2	3	4	5		
5. Eu tento considerar os argumentos de todas as pessoas em uma discussão antes de tomar uma decisão.	1	2	3	4	5		
6. Quando eu vejo alguém sendo logrado eu sinto vontade de protegê-lo.	1	2	3	4	5		
7. Às vezes, eu me sinto desconfortável quando estou no meio de uma situação muito emotiva.	1	2	3	4	5		
8. Às vezes, eu tento entender melhor meus amigos, imaginando como as coisas são vistas da perspectiva deles.	1	2	3	4	5		
9. Quando eu vejo alguém se ferir, eu tento a permanecer calmo.	1	2	3	4	5		
10. As desgraças e problemas dos outros em geral não me perturbam muito.	1	2	3	4	5		
11. Seu eu tenho certeza de que estou correto sobre alguma coisa, eu não desperdiço muito tempo ouvindo os argumentos de outras pessoas.	1	2	3	4	5		
12. Estar em uma situação emocional tensa assusta-me.	1	2	3	4	5		
13. Quando eu vejo alguém sendo injustiçado, eu às vezes não sinto muita pena dele.	1	2	3	4	5		
14. Geralmente eu sou muito efetivo para lidar com emergências.	1	2	3	4	5		
15. Frequentemente eu fico emocionado com coisas que eu vejo acontecer.	1	2	3	4	5		
16. Eu acredito que existem dois lados para cada questão e tento olhar para ambos.	1	2	3	4	5		
17. Eu descreveria a mim mesmo como uma pessoa de coração mole.	1	2	3	4	5		
18. Eu tento a perder o controle durante emergências.	1	2	3	4	5		
19. Quando eu estou incomodado com alguém, geralmente eu tento me colocar em seu lugar por um momento.	1	2	3	4	5		
20. Quando eu vejo alguém que tem grande necessidade de ajuda em uma emergência, eu fico desesperado.	1	2	3	4	5		
21. Antes de criticar alguém, eu tento imaginar como eu me sentiria, se eu estivesse em seu lugar.	1	2	3	4	5		

**ANEXO C - Versão Curta da Escala de Medição do Quociente de Empatia (Castelhano-Souza et al., 2018)**

Abaixo você encontrará diversas afirmações que descrevem reações em várias situações sociais do cotidiano. Por favor, leia cada uma delas e responda marcando um “X” de acordo com o quanto você concorda com essas afirmações. Caso nunca tenha passado por alguma dessas situações, tente imaginar como você reagiria ao enfrentá-la.

Itens da Versão Curta do Quociente de Empatia	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
1. Eu consigo, facilmente, dizer se alguém quer participar de uma conversa.				
2. Eu gosto realmente de me preocupar com as outras pessoas.				
3. Eu considero difícil saber o que fazer em uma situação social.				
4. Frequentemente tenho dificuldades de julgar se algo é rude ou delicado.				
5. Em uma conversa, eu tendo a focar nos meus próprios pensamentos em vez de focar no que o meu ouvinte possa estar pensando.				
6. Eu consigo perceber rapidamente quando alguém diz uma coisa, mas quer dizer outra.				
7. Para mim, é complicado entender porque algumas coisas chateiam tanto as pessoas.				
8. É fácil, para mim, colocar-me no lugar de outra pessoa.				
9. Eu sou bom em prever como alguém irá se sentir.				
10. Eu vejo com facilidade quando alguém, em um grupo, está se sentindo envergonhado ou desconfortável.				
11. Nem sempre consigo perceber porque alguém se sente ofendido em razão de uma repreensão.				

Itens da Versão Curta do Quociente de Empatia	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
12. As outras pessoas me dizem que sou bom para perceber como elas se sentem ou o que estão pensando.				
13. Eu consigo perceber com facilidade quando alguém está interessado ou aborrecido com o que estou dizendo.				
14. Normalmente os meus amigos me falam dos seus problemas e dizem que sou muito compreensivo.				
15. Eu percebo quando estou sendo intrometido (a) mesmo que a outra pessoa não me diga.				
16. Frequentemente as outras pessoas dizem que sou insensível, se bem que nem sempre percebo o porquê.				
17. Eu consigo sintonizar-me com o que os outros sentem, rápida e intuitivamente.				
18. Eu consigo descobrir rapidamente o assunto sobre o qual outra pessoa quer falar.				
19. Eu consigo perceber quando outra pessoa está disfarçando os seus verdadeiros sentimentos.				
20. Eu sou bom para prever o que outra pessoa irá fazer.				
21. Eu tendo a envolver-me emocionalmente com os problemas dos meus amigos.				